

HENRIQUE SILVA

CAÇA NO BRASIL CENTRAL

# COLLEÇÃO UTIL



VIDA  
DOMESTICA

JARDINAGEM

SCIENCIA  
Para todos

CRIAÇÃO DE  
ANIMAES DOMESTICOS

Gelismo

MEDICINA  
CASEIRA

Cosinha

CAÇA

EQUITAÇÃO

JOGOS DE  
SALA

ETC

EDITOR PROPRIETARIO  
DOMINGOS DE MAGALHÃES

Rua do  
Lavrado  
126





# **CAÇA NO BRAZIL**

**DOMINGOS DE MAGALHÃES**

Editor-proprietario

DA

# LIVRARIA E TYPOGRAPHIA MODERNA

---

## ULTIMAS PUBLICAÇÕES

**Collecção Moderna**, romances a 1\$ o volume.  
41 volumes publicados.

**Collecção Brasileira**, romances brasileiros a 1\$.  
3 volumes publicados.

**Collecção Magalhães**, direito e historia, a 6\$.  
1 volume publicado.

**Collecção Côr de Rosa**, trabalhos modernos  
a 3\$ o vol.  
1º volume no prélo.

**Collecção Util**, trabalhos domesticos a 3\$ o vol  
1º volume no prélo.

**Collecção Theatral**, obras sobre theatro.  
1º volume em preparo.

**Collecção do Povo**, livros populares.  
1º volume em preparo.

**Collecção Galante**, trabalhos galantes.  
1º volume em composição.

**Collecção Escolhida**, romances em mais de 1 vol.  
1º volume em preparo.

---

**Pedidos:** devem vir acompanhados da sua importancia  
e mais 500 rs. por volume para porte e registro,  
dirigidos em vale postal ou carta registrada ao

---

Editor-proprietario — DOMINGOS DE MAGALHÃES —  
126 RUA DO LAVRADIO 126 — Rio de Janeiro

---

HENRIQUE SILVA

---

# A Caça

## NO Brazil Central

**PROLOGO**

DO

**GENERAL COUTO DE MAGALHÃES**

Diestro cazador, escuchá lo que sabes

MARATIN (*La Diana*).



DOMINGOS DE MAGALHÃES — EDITOR

Officinas da Livraria Moderna

126 Rua do Lavradio 126

3520

799.2  
S58-112

YAN  
799.2  
S58-112

## CARTA PARA SERVIR DE PROLOGO

Nas paredes do «Club de Caça e Pesca» de S. Paulo, o afeitos Henrique Silva está apresentado, não só por especimens dos grandes mamíferos de nossas florestas, como pelos desenhos photographicos do planalto central de Goyaz de que elle, que é v. s., foi um dos notaveis colaboradores, na Commissão que levantou as plantas da futura planejada capital do Brazil, do outr'ora *Pindorama* de nossos avós, os autoctones da America.

Quem caçou nas solidões vastas, silenciosas, cobertas de palmeiras e cachoeiras alvas; quem já viu o Cervo, ao aliar do dia, sacudir orgulhoso sua facha de aspas ponteadas nas campinas floridas das lagôas dos sertões; quem já ouviu o rugir da onça acuada nas *sapopemas* das florestas virgens do nosso interior, o pio saudoso das perdizes em campinas sem fim, ao cahir da tarde, ou o grito melancolico do *guará*, que é o nosso lobo cervical; quem viu e sentiu estas cousas, é que deve escrever um livro de caça brasileira; e o sr. as viu e sentiu. A caça e a pesca são exercicio athletico de primeira ordem e que preparam o homem para a vida energica de militar.

Quando eu era moço amava uma e outra, sobretudo por causa das excursões solitarias de nossas terras ou em canôas pelos nossos rios—pelo Araguaya, Tocantins, Amazonas, pelo Cuyabá, S. Lourenço, Paraguay, Paraná e Rio da Prata.

Sem os exercicios masculos da caça, se eu não fosse outr'ora robusto, canseiro e nadador, não teria vencido os paraguayos nem reconquistado, durante dois annos de campanha na guerra do Paraguay, a parte do hoje Estado de Matto Grosso, que esteve em seu dominio.

O caçador é o primeiro explorador dos sertões de um palz, o *peoner* que primeiro devassa suas solidões.

Bemvindo seja o seu livro de caça no Brazil, que não preencheram os dous tratados brasileiros a esse respeito, o do visconde de Porto Seguro, que aliás não era caçador, e o do Dr. Joaquim de Paula Souza, grande caçador paulista, escriptor amenissimo, tendo em alta escala o cunho nacional, mas, ambos com um defeito—o de descreverem muito á européa as scenas grandiosas e nossa natureza selvagem, referindo a caça brasileira a Santo Humberto, que é francez, em vez referil-a ao *Anhangá*, que é o genio da caça brasileira, e ao mesmo tempo o protector dos animaes paridos, aos quaes os aborigenes não matavam.

Desejaria que no seu livro todos os animaes de caça tivessem, não só o nome portuguez, como o nome na lingua brasileira e americana que é o *tupi*.

Lulz Azára, escrevendo a historia natural dos animaes do Paraguay, collocou-os com os nomes guaranis.

Aqui vae uma relação dos nomes tupis de muitas de nossas caças :

Onça—*jaguaraté*; anta temos duas qualidades, uma maior e mais escura,—*tapiira*; outra menor e mais cinzenta — *acuré*; ha nas onças diversas especies o — *jaguaraté*, a maior, pintada de malhas grandes; a *canguçu*, cabeça grande, pintada de malha miuda; a *jaguarima-quatiára*, roxa escura, com listas pretas tigrinas; a *jaguarema*, toda preta e igual á panthéra africana; a *suçarana* (parecida a veado), da côr do veado campeiro, e outra de especie alliada, com o fio do lombo e riscos negros nas mãos e nas pernas; *jaguaritica* (quer dizer onça pequena); *maracajá* (*embaracajá*), pouco maior que gato domestico; *suaçu* — veado; *suçapára*, cervo; *suaçutinga*, veado campeiro; *suaçuanhangá*, veado catingeiro; *guatapará*, veado de fio do lombo preto; *páca*, *cutia*, *tamandú guazinin*, *quati*, *guardá*, *aririnha* (por lontra grande) *sinimbú* e *tyu* são nomes de caça em tupi passados para o portuguez; *cuandu* e *cuin*—ourico-caxeiro, *jaguacacaca* lontra; *jaguapopéva* (cão de mão chata) lobo ou cachorrinho do matto que trepa em arvores para assaltar as presas; *jacaré*, *sucuri*, *giboia*, *urutú*, *jararaca*, *boicinga*, por cascavel,

*entiroia*, são também nomes americanos. Os nomes brasileiros de passaros são os seguintes: *Jácu*, *sariema*, *uru*, *inambu*, *sabiá*, *ema* ou *nhandu*, *juriti*, *saracura*, *tânguará*, *arapapa*, *arara*, *maritaca*, *maguari*, *jaburu*, *tuiuiu*, *guará*, *uruláu*, *curiangu*, *guaraponga*; e outros são nomes de passaros em *tupi* passados para a lingua portugueza do Brazil: perdiz do campo *ihnanbípupé*; codorna — *inhanbutitinga*; perdiz do matto, *macuco*; gavião do campo, *carácará*; um outro preador de codornas e perdizes — *kiriri*; um outro do matto—*makauan* e muitos outros. Os nomes em lingua americana devem ser conservados, não só porque descrevem os animaes, como porque, nós os brasileiros, somos americanos e não europeus.

Ainda hontem 7 de Setembro, publicou o *Jornal do Commercio* um trabalho meu sobre o 4.<sup>o</sup> centenario do Brazil, em que desenvolvo melhor o dever que temos de conservar nossas origens americanas.

Nossos aborigenes, os verdadeiros americanos, eram também grandes caçadores e pescadores.

Veja se descreve no seu liyro methodos de caça d'elles como a que faziam com o *muyta* ou palanque, etc...

Publique o seu livro, o assumpto é plenamente brasileiro e o auctor é dos mais competentes. (1)

Rio, 8 de Setembro de 1898.

General—Couto de Magalhães.

---

(1) E' trabalho posthumo e o ultimo que o illustre brasileiro escreveu destinado á publicidade, seis dias antes de fallecer.





## ADVERTENCIA

As caçadas, praticadas á maneira antiga, pelos processos, usos e costumes legados pelos nossos antepassados, constituem e são, porventura, as unicas diversões que seduzem e preocupam os habitantes da vasta região das mattas, capões e campos, donde se originam os grandes rios, que levam agua ás bacias do Amazonas, ao norte, e do Prata, ao sul.

Neste alto sertão que comprehende os Estados de Goyaz, Minas e Matto-Gosso, como tambem o Oeste de S. Paulo e zonas limitrophes dos altos sertões da Bahia, do Piauhy, do Maranhão e do Pará, a multiplicidade do clima e da flora, rivalisa com a variabilidade e riqueza da fauna, que conta todos os individuos das grandes familias de mammiferos e de aves do nosso paiz, em abundancia não inferior a de nenhuma outra região brasileira.

« Esse plan'alto central e propriamente brasileiro, diz Oliveira Martins, vai de Villa-Boa (Goyaz) á Villa-Rica (Minas) debruçando a leste sobre os sertões do Amazonas e de Matto-Grosso e a Oeste, sobre o mar nos

terraços das provincias da Bahia, do Espirito-Santo e do Rio.

Pelo norte entra por Pernambuco e pelo Piauhý; pelo sul inclue S. Paulo.

Sobre o oceano vasa os rapidos caudaes do Parahyba, do rio Doce, do Belmonte, e a arteria que se chama o S. Francisco. Ao Amazonas manda o Tocantins; e ao Prata o Paraná ».

Eis ahi o plan'alto ou Brasil Central, de que trato, formosa região, onde a população civilisada, constitue apenas pequenos nucleos, villas e cidades, dispersos na vastidão de um territorio inexplorado; o thesouro onde se acharam o diamante e o ouro... O coração do Brasil ».

Ahi nesses páramos que em vão os horisontes procuram delimitar nas linhas afastadas das montanhas azues, páramos abertos e tão grandes como o desconhecido, a natureza affeiçoou o Goyano ás caçadas, como affeiçoára os filhos da Amazonia ás pescarias, á margem do rio-mar.

Desvanecimento á parte, eu conheço toda aquella zona a palmos; rompi-lhe as mattas virgens, vareii-lhe os cerrados, chapadões e taboleiros, grimpei-lhe as montanhas, inclusive os pincaros mais altos dos Pyriueus Goyanos, desci o Vão do Paraná, beradiei-lhe os lagos e grandes rios.

Ahi vivi, cacei desde a minha infancia, andando ao acaso por onde me levavam as batidas aventurosas da minha matilha, guapa e numerosa, audaz e infatigavel, diligente e desvelada, n'uma furia ininterrupta e sem resfolegos...

Vi o Cervo, ao raiar do dia, sacudir orgulhoso sua facha de aspas, pontagudas, e frechar na fumaça em busca do caçador; vi a onça acuada, quando rugindo, assassina e feroz, estremecia a floresta inteira; e nas

campinas abertas ouvi pela madrugada o uivar do Guará, açoitado pela rija ventania que precede as *geadas*.

No interior do Brazil, a caça está profundamente arraigada nos costumes, nas tradições e na alma do povo.

E não será ella, porventura, a unica feição sportiva genuinamente brasileira, ou, antes, mais a caracter nosso ?

Eu ousou apenas interrogar . . .

Esse exercicio, a caça, que avigora as nossas forças no contacto pleno com a natureza, robustecendo-nos, exercicio que se não consegue definir, como fonte emocionante, é complexo.

E o seu encanto não reside, com effeito, nesse extraordinario *sensitivo*, que nos penetra profundamente na imaginação e se conserva na memoria ?

O caçador é, no fundo, um perfeito estrategico, armado de todas as previsões, aparelhado fortemente para todas as luctas, e o que é mais, um *homem* em toda a força da palavra.

Foi assim que o grande Platão recommendou a *cynetica* á juventude hellenica, e Licurgo a estatuiu nos programmas escolares da mocidade grega, mandando que pela manhã os jovens fossem á caça.

A venatoria é conhecida desde os primeiros dias da existencia do homem. O troglodita foi o primeiro caçador.

E os descendentes dos nossos ancestraes, na lucta pela vida tiveram necessidade de recorrer á caça dos animaes, aos quaes tiravam a pelle com que se cobriam e a carne com que se alimentavam.

Segundo a Biblia, Nemrod caçava diante do Senhor ; Castor ensinou a arte de perseguir os animaes a cavallo e Orion a caça de emboscada, á noite.

*C'est à la chasse que les plus illustres héros de*

*l'antiquité devaient le commencement de leur renommée*, diz C. Blaze.

Deve-se a Xenophonte a primeira obra sobre caça.

Paulo Emilio apresentou a Scipião com um magnifico equipamento de caça; Sylla, Sertorio, Julio Cezar, Marco Antonio, Cicero e Plinio foram caçadores.

E a Historia registra tambem, no decorrer dos tempos, a arte cynegetica como *sport* da predilecção dos reis e principes, e mais os privilegiados do bom gosto.

Na Europa desde a idade media que a caça de corso e a volateria constituem uma arte, a que se dão os importantes e os grandes da nobreza, sendo «interdicta aos burguezes».

Ainda hoje, na Inglaterra, onde a maior matilha ó a da rainha Vctoria, em Ascot, perto de Windsor, as caças de corso, ás rapozas e as lebres, são os exercicios, mais attrahentes do alto mundo sportivo.

Entre os actuaes monarchas europeus gozam de reputação, como eximios caçadores, o rei Humberto, da Italia, o imperador Francisco José, da Austria e D. Carlos, de Portugal.

Seria ocioso citar aqui, devotos de S. Humberto, na alta aristocracia européa, principalmente na Inglaterra e na França.

A litteratura cynegetica, tão cultivada nesses dous paizes, ainda não solicitou os nossos homens de letras, entre os quaes, com excepção de alguns raros, que se apontam a dedo, parece assente, a opinião não discutida, mas de pedra e cal, que a venatoria é uma coisa de gente rude, selvagem, que della apenas tira a míngoda subsistencia.

E isto n'um paiz onde em falta de estatisticas, cito a de 1872-1873, em que os artigos *armas e munições de caça* subiram ao valor de 1.248:300\$, sem levar em conta chumbo — (Selin — *Geographia Geral do Brazil*).

D'ahi para cá, se attendermos ao desenvolvimento das armarias e casas que negociam armas e munições de caça, principalmente no Rio, em S. Paulo e em Porto Alegre, o seu augmento, pelo menos triplo, basta para dar uma idéa da importancia da caça em geral no Brazil.

Não contando os nacionaes residentes no interior do Brazil, occupam nas cidades e povoados o primeiro lugar como caçadores os inglezes, allemães e francezes, geralmente pessoas abastadas e commerciantes que escolhem os domingos para as suas digressões.

Eu quiz, escrevendo este despretencioso trabalho, constatar as palavras de um consciencioso e meritissimo escriptor, que, de todos os mais nacional, tem sido no entanto, o mais esquecido e systematicamente o menos citado em certos assumptos suggestivos, que só agora deram a solicitar por ahi os nossos criticistas, que em-cabeçam o *levante* da litteratura brasileira.

Refiro me ao illustre general Couto Magalhães, que na «Primeira viagem ao Araguaya», escreve:

« Faria um livro util e muito nacional aquelle que quizesse descrever todas as cousas que servem de alimento ao povo brasileiro, com os diversos methodos de procural-as; ahi se reuniriam costumes dos brancos com as artes africanas e indigenas e com infinidades de informações muito mais interessantes de que as cousas de Paris e da Europa, que são as que mais nos occupam.

Estas cousas, accrescenta, nos merecem uma breve descripção».

O presente trabalho é mais de indicações genericas, ou, antes, uma especie de publicidade inesperada, mas, necessaria e urgente mesmo, para o fim de architectar

quanto antes, as linhas iniciaes de um livro definitivo, completo, sobre esta interessante materia.

Devo igualmente confessar que antes de traçar as primeiras linhas, eu já considerava, a voluntaria incumbencia, tarofa superior a minhas forças—mas, que prosegui com mão firme, e não sem alguma esperança de produzir resultados...

Nesta especialidade, só se conhece, em relação ao Brasil, dous opusculos, um devido ao Dr. J. de Paula Souza, irmão do velho e provector caçador paulista, conselheiro Bento de Paula Souza (*Tratado de caça*. Editor Garnier, 1860), e o outro, «A caça no Brazil ou Manual do Caçador». (Editor Laemmert), anonymo, mas, attribuido a Varnhagen, visconde de Porto Seguro, ambos hoje rarissimos, ou antes, edições esgotadas.

Sem desmerecer trabalho de outrem, direi que o primeiro, segundo a mais insuspeita opinião, não obstante verdadeiro, bem longe estava de ter esgotado a materia, e o segundo, que o Dr. Paula Souza suspeitava com fundamentos houvesse sido inspirado nas conversações que teve com Varnhagen, n'uma viagem que juntos fizeram a Europa, aos olhos de caçadores não passa de um ensaio de *dilettanti*, e como tal imperfeito e superficial; e, de outro lado têm os factos mudado muito, para corresponder ainda ás novas condições; todavia não desconheço certa importancia que lhe dá o Sr. Emilio Goeldi que o considera «a unica e fresca flôrzinha de que, no genero, póde gabar-se a litteratura brasilica» isto naturalmente por desconhecer a primeira das obras citadas.

Ao estender-me sobre a indispensavel classificação scientifica ou descriminação dos individuos e especimens de mammiferos e aves de que me occupei no de-

curso deste trabalho, confessarei que recorri sempre, de preferencia, ao illustre naturalista E. Goeldi, director do Museu paraense, sabio autor dos *Mammiferos e Aves do Brazil*, a monographia mais completa e mais expurgada de erros que sobre tão especialissimo assumpto appareceu em lingua portugueza.

Era indispensavel dar aos representantes da nossa fauna os nomes scientificos com que os classificam os zoologos, a par dos triviaes pelos quaes os conhecemos.

Mas, relativamente á existencia da fauna peculiar ao Brazil Central, o distincto zoologista, sabe apenas o que conheceram os naturalistas que, em principio deste seculo, por lá atravessaram de passagem, aos quaes se póde applicar a phrase incisiva do chronista Frei Vicente de Salvador :

« Arranham apenas as margens, sem penetrar, terra a dentro, pela espessura da floresta ».

Quanto aos nomes vulgares na lingua brazileira e na indigena tupi-guarani guiei-me por Beurepaire Rohan, Couto de Magalhães e José Verissimo.

Como é facil de concluir, este livro é o depoimento d'um caçador que conta a largos traços, por alto, mas, com coloridos de verdade, narrativas de caçadas, impressões quasi apagadas de aventurosas excursões pelo interior do Brazil, sua terra natalicia

Não sei que importancia merecerá meu trabalho, nem se com elle fiz para bem merecer do meu grande publico, que são, entre nós, os devotos de Anhangá, estes rudes romeiros das florestas e campos do outr'ora *Pindorama*.

De resto, penso de bom conselho acreditar que a especialidade do assumpto do livro, na parte descriptiva, de natureza technica especialissima, exclue-lhe a critica

aos profanos e *gosos*, (1) ficando este mister á competencia dos Mestres Caçadores.

Livro de um caçador, e escripto para caçadores— não lhe peçam scenas bem escriptas, na accepção litteraria.

---

(1) *Goso* - Cão ordinario, mestiço, que não caça. Diz-se tambem dos caçadores runis, que não sabem caçar nem atirar, mas, que presumem saber.



## ARMAS E MUNIÇÕES DE CAÇA

«El bueno aparato hace el buen artefle . . .  
(Proverbio hespanhol.)

Não ha neste momento industria mais adiantada e que, dia a dia, apresente mais invenções e melhoramentos do que a concernente ao fabrico de armas de fogo.

As vistas do mundo inteiro estão pousadas no aperfeiçoamento do machinismo de guerra, e nessa vigilia á porfia das grandes potencias militares, as descobertas e modificações succedem-se sem intervallo apreciavel, notadamente em relação ás armas portateis, que parecerem attigido a ultima perfeição que era de desejar em semelhante assumpto.

A metallurgia moderna conseguindo obter nas grandes usinas a integração dos metaes pela fusão na moldagem, condemnou ao degedro perpetuo o cadinho e a retorta da alchimia medieval, como tambem dispensou por inutil o forno catalão, egualmente sahido do fundo

mysterioso da idade media; dahi a superioridade do aço de fabricação corrente, utilizado na manufactura de armas de diversos systemas e modelos recentes.

Esta materia prima, reduzida a uma fórma tão ductil, tão malleavel, tão elastica, tão flexivel, facilitou sobremaneira a artefacção das varias peças do machinismo nos seus mais delicados e minuciosos detalhes.

O artista trabalha-o hoje e esculpe-o em arabescos ou nas minucias dos traços, como o chinez desenha o marfim.

E' assim que, acompanhando de perto os aperfeiçoamentos tão radicaes introduzidos nas armas de guerra, os fabricantes das chamadas armas de caça delles se têm utilizado recentemente com immensas vantagens e proveito para aquelles a quem ellas se destinam.

Como se vê, á proporção que os exercitos foram pondo ao lado as suas armas lisas de ante-carga, as de percussão mesmo—como a *Minié*, a *Chassepot*, as de retro-carga, *Comblain*, etc., que foram substituidas pelos fuis *Manlicher*, *Mauser*, *Gras*, *Kropatschek* e outras—vai ficando longe o tempo das *Pederneiras*, *Lazarinas*, *Pica-pdos*, *Legitimas de Braga*, e outras fabricadas de canellos de ferraduras velhas que os ferreiros buscavam nos atoleiros das estradas sertanejas.

No mesmo desuso já vai ficando a *Lafauchoux*, typo primitivo, cujos reconhecidos inconvenientes geraram no espirito dos nossos caipiras a falsa idéa que têm das modernas armas de percussão central, que elles não avaliam.

Elles, como muita gente ladina, ignoram a differença existente entre esta ultima e a *Lafauchoux*, modelo primitivo.

Dizem que não são *venenosas*.

Armas venenosas?! Eis ahi um ponto muito discutido entre caçadores e ainda controverso, esse, que prefiro silenciar.

E' condição primordial para o caçador uma boa arma, e nisto todos estão de accordo.

Antes de entrar n'uma ligeira, mas necessaria apreciação das armas de caça mais recentemente em voga, darei aqui o quadro schematico que preside ao estudo e classificação das armas portateis, dados estes devidos a um especialista que explica a accepção em que os termos technicos são empregados no decurso deste capitulo.

Trata-se de armas de guerra, mas com a mesma applicação nas de caça :

*Typo*, para distinguir variantes ou pequenas alterações de modelos ;

*Modelo*, para significar principalmente soluções diversas e sensivelmente diferentes, dadas ás armas desta ou daquella classe ;

*Classe*, para caracterisar principalmente o processo de fechamento ou forma do respectivo aparelho pertencente á arma de tal ou qual systema ;

*Systema*, para qualificar se a arma é de tiro simples ou de repetição, uma vez conhecido o ramo a que se prende ;

*Ramo*, para representar cada uma das duas primeiras e grandes divisões das armas de fogo de antecarga.

Os melhores fuzis de caça que conheço são, sem receio de duvida, os inglezes, systema o modelo *W.Greenner*, de Londres.

Estas armas—á parte a ainda desejavel solidez da coronha, uma verdadeira maravilha artistica, que por delicada e *chic* torna-se fraca, talvez pela madeira empregada (carvalho)—revelam superioridade sobre as congengeres fabricadas em França, na Allemanha, na Belgica e na Italia, onde os fabricantes procuram imital-as, mas não conseguem com as mesmas vantagens que lhes são peculiares ; o machinismo, da mais perfeita

exactidão e regular funcionamento, os canos *Choke bored*. (1) ou *Choke americano* do mais aprimorado aço, e a grande resistencia que apresentam seus canos; finalmente as tres principaes condições exigidas — alcance, agrupamento de chumbo e penetração.

As espingardas de dois canos, um *Chok bored*, geralmente o esquerdo, *futt-choke* dos modelos mais bem acabados e ricos dessa procedencia, attingem a um preço exorbitante.

São de chave entre os cães, duplo fecho atraz, ferrolho triplo, systema tambem já adoptado pelos fabricantes de outros países.

Preferir o modelo de percussão central, dois canos, um *Choke bored* fecho de ferrolho triplo, chave entre os cães, com fecho de resalto e extractor automatico. Podem ser encommendados em Paris a *S. Pattey Lec & C.* — Boulevard Strasbourg 5.

Não ha ahí caçador ou simples atirador que não conheça, ao menos de ouvir dizer, as afamadas armas do fabricante francez *M. Galand* de Paris. Essa reputada casa, ou *magasin*, á rua Hautville n. 13, hoje da moda em artigos de armaria e onde o mais apurado bom gosto do caprichoso comprador encontrará satisfação aos seus desejos, por mais exigentes, apresenta como ultima novidade um fuzil de caça bem guarnecido, cano curto, resaltos reforçados e de superior metal — modelo 93 — destinado atirar com cartuchos carregados com polvoras vivas paroxydadas ou chamadas polvoras sem fumaça ns. 1 e 2 e das quaes me occuparei adiante, na parte consagrada a esse assumpto.

Diz o fabricante, na ultima edição do «Album Gaand», que este fuzil, nas provas ultimas e supplementares a que foi submettido, apresentava condições ex-

---

(1) Neologismo creado das palavras inglezas *to choke*, estrangular, contrahir, e *to bore*, brocar, furar.

repcionaes, só comparaveis aos fuzis de guerra regulamentares e destinados expressamente atirarem com aquellas polvoras surdas e de admiraveis qualidades balísticas, condição que, sabe-se, augmenta o alcance e a penetração. Gabam a sua precisão, vantagem que não deve ser esquecida, tratando-se de armas de caça.

Outra novidade é a espingarda *Hammelles*, sem cão sem resaltos nem saliência exterior alguma.

Este modelo, igualmente conhecido de outros fabricantes, vem assim descripto no alludido «Album» :

« Em vez de um só extractor para os dois canos e que traz ás vezes os dois cartuchos vãos ou carregados, cada um dos dois canos desta arma possui um extractor independente, para expellir o alvado descarregado.

O machinismo do extractor nada tem de commum com o do fecho da espingarda; o equilibrio conserva toda a sua solidez.

Arma e carrega-se absolutamente como qualquer outro systema de espingarda de fogo central.

Se, depois, a espingarda não fôr aberta sem ter feito fogo, o mecanismo do extractor não opéra e não age sufficientemente para permittir collocar e tirar os cartuchos carregados, porém fica prestes a funcionar desde que um ou outro dos dois canos tenha sido disparado.

Aberta então a arma, o alvado descarregado acha-se projectado atraz e um novo cartucho pôde ser introduzido no lugar.

Se os dois canos estão carregados, os dois alvados vãos são, instantaneamente, deitados fóra.

Em uma palavra, é impossivel o extractor fazer lançar do cano um cartuxo carregado; porém os dois são expellidos por elle, isolada ou simultaneamente,

desde que o fecho os bateu, desde que foram inutilisados.

O mecanismo do extractor é effectivo, solido, simples e não tem a menor probabilidade de deteriorar-se. Se, entretanto, vier a desarranjar-se, a extracção deverá operar-se á mão, como nas espingardas sem extractor e não existirá outro embaraço ao bom funcionamento da arma.»

Este systema tem sido submettido ás provas mais severas e não hesito em recommendal-o como o modelo mais perfeito que se tem imaginado até aqui.

Seu machinismo consiste em quatro peças apenas, solidas e simples para montar e desmontar facilmente e offerece, sobretudo, a vantagem de não engatilhar nem disparar voluntariamente, como sóe acontecer ás outras armas de systemas differentes, mesmo as mais perfectas, como a *Greenner*, por exemplo.

Parece-me, porém, não ser de facil pontaria, attenta a falta mesmo dos cões, que se fará sensível quando o atirador levar a arma áquella posição, procurando o ponto ou a linha de mira.

A mesma casa Galand offerece outras novidades em prol da caça; uma, que é o modelo *Winchester* de seis tiros, pesando tres kilogrammas, com metro e vinte de comprimento e o qual não se deve confundir com a carabina *Winchester*, typo primitivo americano, adoptado no exercito.

Essa arma é de caça e fabricada especialmente para atirar com chumbo e com bala, simultaneamente.

Deste mesmo modelo, e mais commodo como preço, tem a casa o fuzil rustico *Winchester* muito solido e proprio para explorações—pela facilidade de serem conduzidos em viagem.

São ainda do mesmo fabricante uns fuzis carabinados de tres canos, calibres 12 e 16 —dois cylindricos *Choke* para atirar com chumbo e o terceiro, que é collocado entre

os primeiros, por baixo, á guisa de vareta inteira, raiado—calibre mais reduzido, para atirar com bala.

Sabe-se a importancia das raias ou estrias, o que me desobriga de saliental-as aqui.

Como se vê, o caçador, munido desta espingarda, está aparelhado para varar o sertão e enfrentar toda a casta de caça—desde o veado até a onça—pois poderá dispor de uma arma carregada com chumbo á escumilha, moirão ou grosso e, finalmente, balas para as caças grossas: Anta, Onça, etc.

E', pois, evidente a vantagem desse typo de arma para quem viajar pelo Brazil Central, onde a variedade da caça só é comparavel á sua abundancia.

Deixo de mencionar as armas, modelo de estudo ou de salão como as dos generos *Flaubert*, *Remington*, *Flaubert Parisiense*, todas de pequenos calibres—6 e 9 e geralmente, para utilização dos cartuchos á americana e as escorvas *Bosquete*. São as mais proprias para senhoras e crianças em aprendizagem.

Em carabinas, propriamente ditas, são preferiveis as do systema *Marlin*, que pela precisão e alcance levam vantagem ás congengeres, como *Colt*, *Winchester*, *Spencer*, etc. Merecem especial attenção as armas de procedencia allemã, que se recommendam pelo bem acabado machinismo, que é simples e solido.

Nas armarias de S. Paulo encontram-se boas armas destes acreditados fabricantes.

Em armas de espoleta, de carregar pela bocca ou de ante-carga, ainda usadas no interior, as mais recommendadas são as de procedencias belga e franceza, notadamente as das manufacturas de *Namur*, *Liege* e *St. Ctienne*, talvez os maiores centros exportadores desse genero, da Europa.

Nestas a questão primeira a considerar vem a ser a classificação do cano troxado de aço e de da-

damasco, que se subdivide ainda em damasco *fino*, damasco *inglez*, damasco *frisado*, damasco *turco*, etc.

E' bem de ver a materia prima componente do cano classificado acima, a começar pela qualidade commum — o aço de qualidade *extra* até o mais fino damasco.

Os melhores canos são ainda os inglezes e trazem a inscripção seguinte: *Gun Barsells of Precision* (Extra finished).

Os fabricantes de *Numur*, *Bruxellas*, rua de *Epernay* 55, annunciam uma especialidade em carabinas para caça — a carabina de tres canos, systema *Leusen* e cartucho do mesmo systema para todos os calibres.

Naquellas alludidas fabricas obtem-se tambem boas armas de percussão central, os mesmos systemas e modelos dos fabricantes inglezes e francezes, como *Greenier e Galand* e bem assim na casa *Henri Pieper*, de *Liège* (Belgica).

Da Italia tem-nos vindo boas armas, principalmente as do fabricante *Pietro Moratto*, de *Napoles*.

Um outro ponto que me merece attenção é o da escolha do calibre, que uns preferem grosso e outros reduzido.

Os fabricantes modernos calibram as armas tomando o diametro que mais se approxima da arma, e os antigos o faziam pela carga, ou pelo numero de balas preciso para perfazer uma libra — desaccordo este que até certo ponto suggere duvidas.

Os calibres de uma arma de caça, geralmente adoptados, são: 24, 20, 16, 14 e 12.

Profiro o calibre 24, termo medio.

Se as armas levianas são sujeitas a recuo, o que é um inconveniente prejudicial á sua precisão e um incommodo para o atirador, por outro lado as muito pesadas trazem difficuldades no manejo e fatigam inutilmente o caçador.

Evitar-se-hão estes dois ponderaveis inconvenientes



extremos, diz um profissional, escolhendo uma espingarda calibre 24, solida, pesando menos de dois kilos approximadamente, arma que se conduz e se maneja mui facilmente.

Apezar dos motivos apontados, gosto immenso de um tiro cheio, ruidoso, tiro de *bocaina*, como lá dizem, na minha terra.

Elles enthusiasmam caçadores e cães ao mesmo tempo, por egual, e um veado que levou uma *salva* destas póde contar que terá toda a matilha no encalço por muito tempo, quer chova quer faça sol.

O comprimento do cano não importa á arma, mas sim ao atirador, pois é natural que um homem alto, magro, de longos braços, pescoço comprido, deve escolher uma arma de coronha arqueada e cano comprido.

Ao contrario, escolherá uma arma de cano curto e coronha direita, quem fôr de estatura pequena, gordo, pescoço e braços curtos.

Aconselho, finalmente, aos caçadores, como melhores armas, as do systema *Greenner*, de fechadura de triplo ferrolho, chave entre os cães (a que os inglezes, para distinguil-a da *French lever* ou chave por baixo, chamam *Top-lever*) cano esquerdo *chok-bored* ou *chok-americano*, calibre 24 ou 16.

Com estas armas se atira commummente uma caça de pello á distancia de 25 a 35 metros e as de penna á distancia de 25 a 45 metros, isto é, a boa distancia calculada para as armas de cano cylindrico, mas que, para as de cano *chok*, é nada, pois para estas a distancia de 60 metros é a precisa.

A 50 metros de distancia o cano *chok bored* não espalha chumbo.

E' commum encontrarem-se caçadores que ainda preferem as suas velhas espingardas de carregar pela bocca ou armas de vareta.

Penso com J. VALLEE, que, para conciliar todas as opiniões, aconselha: «Se pudieses ter mais de uma arma tem sempre uma de fogo central».

Para um perfeito conhecimento das armas de caça aconselho ao leitor, entre outras, a interessante obra ingleza de William Greenner, intitulada:—*Thegun, or a treatise on varions descriptions of small fire arms.*—Se é que o leitor tem olfato inglez...

Tambem será de grande utilidade acompanhar os progressos das armas portateis de modelos e systemas mais recentes nos tratados de armarias dos fabricantes europeus que distribuem catalogos gratuitos a quem os pedir. Ahi se encontrará tudo que é de desejar em artigos de caça, armas, munições, equipamentos, accesorios, etc.

Os especialista e armeiros adoptaram as seguintes cargas como dando os melhores resultados :

Calibres. . . . . 24-20-16-14-12.

Carga de polvora. . 3 gr. - 3 gr. 1/2 - 4 gr.

4 gr. 1/2 - 5 gr.

I lem de chumbo . . 23 gr. 30 gr. 40 gr. 41. 45 gr.

A mais forte carga de polvora, que se deve empregar num cartucho, não deverá occupar, no cano da arma, uma altura superior ou inferior a um diametro e meio de seu calibre, isto é, deverá ser exactamente igual a essa altura.

Assim, conhecido o calibre da arma e tendo em vista que a carga deve occupar um diametro e meio da altura, é facillimo calcular-se o peso que esta deve ter.

Eis aqui o calculo feito por Vallée, para a carga de polvora de uma arma de calibre de 17 mill. e meio (arma de munição) :

A relação do diametro com a circumferencia sendo  
 355  
 de — a circumferencia do calibre de munição será  
 113

$$17, 5 + \frac{355}{113} = 54, 977.$$

A capacidade do circulo será  $\frac{1}{4} D + C - \frac{7,75}{4}$  ou  
 $54,977 = 240,52$ . A capacidade do circulo, multipli-  
 cada pela altura da carga será  $240,52 (17,15 \times \frac{17,15}{2}) =$

6313 millimetros cubicos.

Ora o peso especifico da polvora commum de caça é de 0,917 por centimetro cubico. O peso da carga será então de  $6313 \times 0,917 = 5$  grs. 79.

A carga mais fraca deve ser de metade, 2 grs. 89.

O calculo, excessivamente commodo, pode-se fazer em poucos segundos para quaesquer calibres.

Nas armas de cartucho, ao contrario do que se pratica com as armas de carregar pela bocca, não se deve soccar com violencia a primeira bucha; seria reduzir a polvora a pó, o que lhe augmentaria uma grande parte de sua força, ficando assim em desaccordo com a carga.

A bucha do chumbo deve ser cravada justa e fortemente sob a virola do cartão que serve de envolvero, levemente serrado á machina.

Não é bom n'um mesmo cartucho misturar chumbo, o quo é aliás pratica dos inglezes.

A primeira destas buchas deve ser de espessura grossa, combustivel, bucha impermeavel, de alcatrão ou feltro; a segunda fina e leve.

Os francezes dizem : « *Beaucoup de poudre, peu de plomb. Met du gibier dans la maison* ».

Os hespanhoes : « *poca polvora, perdigones hasta la bocca* ».

Entre nossos velhos caçadores ha uma variante, que é a seguinte : « *polvora pouca, chumbo até á bocca* ».

Para medição dos dois ingredientes, polvora e chumbo, ha um instrumento apropriado, invenção do fabricante Albert Bernard.

Quanto á polvora, este principal aviamento da arma de fogo, limitar-me-ei a dar aqui algumas receitas e noções uteis, extrahidas de diversos auctores, em maioria do « *Diccionario de explosivos* », de J. P. Cundill, traduzido do inglez sob as vistas do Estado Maior do Exército Francez.

A polvora negra commun, sabe-se, é um mistura de salitre (nitro ou nitrato de potassa pura), flôr de enxofre e carvão leve, pouco calcinado, moído.

A proporção d'estas substancias varia segundo os usos a que a polvora é destinada.

No interior os poucos fabricantes deste artigo ainda se regulam pela receita de Marco Graccho, auctor que viveu entre o IX e XII seculos e a quem é devido o ensiuamento do seu fabrico na Europa.

Não estou caçoando !

Uma das suas receitas antediluvianas dizia assim :

« *Tomae uma libra de enxofre vivo, duas libras de carvão de tilia ou de salgueiro, seis libras de salitre e triturae o todo num gral de marmore* »

No sertão o processo é o mesmo, com a differença de que o carvão de tilia é substituido pelo de imbaúba e o gral de marmore pelo pilão de madeira.

Eis a dóse das substancias empregadas nas diversas fabricas estrangeiras:

Polvoras francezas. *Nitro, Carvão, Enxofre.*

De guerra, cujo peso especifico é de 0,gr.864 por centimetro cubico. 75 12,50 12,50

De caça, d'Angoulême, cujo peso especifico é de 0,gr.917 por centimetro cubico. . . 80 14 6

Polvora ingleza. . . . . 75 75 10

De guerra para o . . . . . 75 17 8

De Dartfort . . . . . 76 14 9

De Cambridge. . . . . 78 14 8

As polvoras de commercio que provam melhor são assim dosadas :

Polvora de caça . . . . . *Nitro, Carvão, Enxofre*  
Franceza. . . . . 78 12 19=100

Polvora chamada  
Ingleza . . . . . 76 15 9=100

Os caçadores preferem, na escolha das polvoras, a mais fina, granulada, brilhante, secca e sem pó, e que incendiada não deixa residuos apreciaveis.

As polvoras modernas, em cuja composição entram o algodão polvora e outros explosivos de extrema violencia, levam vantagem enorme sobre a nossa chamada polvora negra antiga, que é a de que acima tratei.

Depois que a chimica aperfeiçoou os processos de analyses especificas dos componentes apreciando com exactidão até mesmo a dosagem de cada um delles desappareceram os segredos dos fabricantes de polvora.

O mesmo resultado a sciencia obtem em relação aos diversas açoes de uso corrente no fabrico das armas modernas, materias primas estas cuja composição já não é mais um segredo.

No assumpto, a novidade hoje em dia é a polvora lenta (na tecnologia scientifica) sem fumaça ou *cordite* de fabricação corrente em diversos paizes, por exemplo na Inglaterra (Waltham Albey), na Italia (Piemonte), na França (Vosges), e tambem nos Estados Unidos da America do Norte, de onde nos vieram as primeiras para uso do Exercito, por occasião da revolta da Armada.

Foi inventada pelo chimico F. Abel e aperfeiçoada pelo professor Dewar. A sua principal composição é a nitro-glycerina, explosivo fortissimo e perigoso de conservar.

N'um trabalho recente do sr. Coronel Torres Homem, que appareceu na «Revista da Commissão Technica Militar Consultiva, sob o titulo — *Os nitrocellulosos* — encontram-se os seguintes dados, que o auctor diz, tomados á obra de F. Salvati — *Vocabulario das Polvoras e explosivos modernos*.

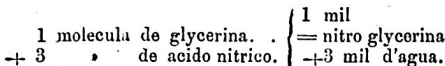
Dou-o em transcripção para satisfazer a curiosidade dos que porventura não conhecem este explosivo : « A glycerina, corpo com consistencia de xarope e formando, pela congelação, agulhas de crystaes brancos, extrahе-se das substancias gordurosas, como as que se empregam na fabricação do sabão e velas ou retira-se de alguns oleos vegetaes, como o azeite de palma.

E' soluvel n'agua ou em alcool.

E' empregado na composição de diversos explosivos modernos para communicar-lhes e dar lhes plasticidade. « (F. Salvati). Não se inflamma em temperatura inferior a 150° centigrados.

A nitro-glycerina provém da reacção do acido ni-

trico sobre a glycerina, nas seguintes condições químicas.



Ajuntam-se então no acido nitrico duas partes em peso de acido sulphurico para este absorver a agua.

A nitro-glycerina pura apresenta-se como um composto neutro inodoro, de consistencia oleosa e incolor, ou de um matiz amarello claro, tem um sabor doce e, ao mesmo tempo ardente e aromatico— «(F. Salvati).

Não se dissolve n'agua, não é soluvel no ether, na benzina e em certos alcools.

Não se descompõe em temperatura inferior a 70° ou 80°-centgs. e congela-se a 8°.- Seu transporte em estado de pureza é perigoso, sendo facilmente decomponivel na presença ou em contacto com diversos corpos.

E' igualmente decomponivel pela simples acção da luz solar. Faz-se explodir por meio de detonação.

Inflammado ao ar livre, pode arder lentamente, desfazendo-se ás vezes, não explodindo nunca.

Sua potencial, já calculada em toneladas metricas, é de 684 toneladas metricas.

Seus gazes produzem grandes pressões iniciaes e sua força balistica, comparada com a antiga polvora negra, é como de 13 para 1.»

Outros explosivos, como a dynamite, algodão polvora, melinite, fulgurite, australite, schnebelite, bergite e batestite, tem sido empregados na fabricação de polvoras modernas.

Neste sentido já se tem conseguido bellissimos resultados, principalmente no emprego dos fulminatos, como o de mercurio, nas escorvas ou espoletas de percussão, nas capsulas metallicas em que a detonação é produzida por choque.

Sobre o seu emprego nas escorvas, o illustrado Dr. Henrique Martins, lente da Escola Militar, assim ensina:

«A escorva dos cartuchos e espoletas se prepara do seguinte modo: reduz-se a pó uma certa porção de chlorato de potassio refinado, e separadamente faz-se o mesmo a igual porção de sulfureto de antimonio.

Misturam-se depois esses dous corpos e, quando tiver formado um corpo homogeneo junta-se o fulminato de mercurio em quantidade igual a cada um dos outros corpos.

Deita-se então um pouco de colla de peixe, dissolvida em banho-maria, com addição de uma pequena quantidade de alcool e forma-se uma especie de massa de consistencia pastosa.

Em lugar da colla póde-se empregar a dextrina.

Doze grammas de cada um dos componentes e mais a colla dão pouco mais de 40 grammas, o que chega para carregar 1000 capsulas, levando cada uma 0,gr 0½.

Compõe-se uma escorva excellente para espoletas assim :

Fulminato de mercurio.....	6 partes
Chlorato de potassa.....	6 partes
Sulfureto d'antimonio.....	6 partes

Poder-se-ha acrescentar duas parte de vidro pulverisado.»

As antigas polvoras de caça, negras, fabricadas em França, cujas formulas copiamos, foram regulamentadas, de 1887 a esta parte, em 3 categorias—polvoras *ordinarias*, *fortes* e *especiaes*.

A polvora de caça *sem fumaça* de procedencia franceza, marca *S*, tem por base algodão polvora, nitrato de baryta e salitre.

As mais modernas, marca *J*, a que já me referi atraz, contem 17 por cento de bichromato de ammoniaco e 83 de algodão polvora.



*E. C. Powderes.* São polvoras para armas portateis com base de algodão polvora.

Ha duas variedades, a *polvora de caça*, colorida com *aureime* (sem acido mineral) dissolvida em ether, no alcool, ou em bensolina.

Tem a forma granulada, e é de um colorido amarelado.

Pela sua analyse chimica vê-se que se compõe das seguintes combinações :

Nitro-cellulose soluvel.....	27,95 — 21,79
Nitro-cellulose insolvel.....	28,35 — 25,58
Cellulose (não transfumada).	3,15 — 7,17
Nitrato de Potassa e de baryta.	37,80 — 32,32
Substancias soluveis em benzol	0,60 — 1,95
Ditas soluveis em alcool. . . .	2,15 — 6,32
Agua .....	87

*E. C. Powders Company's Rifls and Sporting.*

Polvora para caça composta de *nitro cellulose* pura e de *salitre*, ou de *nitro-cellulose* embebida em uma solução de um *nitrato* qualquer (excepto o de chumbo) com addição de *autre-mer*, de *camphora* dissolvida em benzolina ou outro dissolvente volatil.

As polvoras *sem fumaça*, descobertas em 1884 no Laboratorio Central de polvoras e salitre, de Paris, se encontram para muitas applicações — mas para armas de caça só se prestam as acima mencionadas.

F, F 2, F 3, (polvoras negras regulamentares). Dosagem : 75 de *salitre*, 10 de *enxofre* e 15 de *carvão*.

*Miller* ou *polvora diamante*. Esta polvora, uma das mais fortes que se encontram no mercado, é formada de duas composições, que inoffensivas separadamente, tornam-se explosivas quando misturadas.

<i>Composição n. 1.</i>	{	Salitre . . . . .	25 partes
		Nitrato de soda . . . . .	35 »
		Amidon . . . . .	2 »
<i>Composição n. 2.</i>	{	Bichromato de potassa	3 »
		Enxofre . . . . .	13 »
		Carvão . . . . .	13 »

Para formar um composto explosivo, deve-se misturar 18 partes da composição n. 1 com 7 partes da n. 2.

O fabricante Galand, como disse possui armas de caça destinadas para atirar com pólvora viva ou pyroxiladas, tirando vantagens extraordinárias do seu emprego na pressão inicial.

Assim, as pólvoras negras antigas, constituídas pela combinação química do salitre, enxofre e carvão, de forma granulada, ficaram quasi estacionadas depois das descobertas de Nobel, Pelanze, Picel e outros inventores de explosivos que entram na composição das pólvoras hoje em uso.

Emquanto, porém, aquellas armas não estiverem de uso corrente entre nós, forçoso será continuarmos a fazer uso das conhecidas pólvoras negras, cujas marcas existentes no mercado, procedentes do estrangeiro e que mais se recommendam são as inglezas, que trazem nas etiquetas as marcas F, FF, FFF; as francezas, hollandezas, ou, melhor que todas, as chamadas diamantinas, ou, pólvora *Diamante* ou *Alliança*.»

Darei aqui as formulas e proporções indicadas para o fabrico de pólvoras que melhor se prestam ao uso do caçador, formulas estas extrahidas do importantissimo trabalho do autor inglez, a que me alludi atraz—*Ditinary of explosives*, by major I. P. Cundill, Royal Artelleys: Chatham, Mac Lay and E,° 1889.

*Johnson* (pólvora). Para esta pólvora que reputo su-

perior *binitro cellulose* ou *variedades inferiores de nitrocelulose* impregnadas de *nitrato de baryta* ou de *potassa* e associadas a *carvão* ou a *outra substancia carbonosa*, o *brevet* dá as composições seguintes :

PARA ARMAS DE CAÇA

Nitro-cellulose.....	50 partes
Nitrato de potassa.....	22 "
« « baryta.....	25 "
Amido torrado ou fuligem de lampeão.	3 "

Dá-se á polvora a fórma de grãos ou de *blocs* e impregna-se de uma solução de *camphora* e de *phenol* ou de *camphora* só em um dissolvente volátil conveniente, na proporção de 1 parte de *camphora* (ou de *camphora* e de *phenol*) e 5 partes de dissolvente para dez partes de polvora.

Faz-se evaporar o dissolvente a um calor brando e desembaraça-se o producto da *camphora*, aquecendo-a a uma temperatura não excedente de 100° c.

Pretende-se que, por este processo póde-se dar ás polvoras a dureza e densidade, e regrar assim a energia da acção do explosivo, e affirmam que estes resultados devem ser attribuidos, não á maior ou menor presença da quantidade de *camphora* explosiva, mas sim a uma acção notavel, *gelatinisação* em outras modificações que a *camphora* empresta a *nitro-cellulose*, quando estas duas substancias são aquecidas juntas em differentes temperaturas não excedentes de 100° c.; pole-se regrar completamente o emprego do algodão-polvora ordinario, que apresenta incertezas e perigos.

A companhia *E. C.* obteve recentemente licença para fabricar esta polvora sob a denominação: Polvora (de guerra e de caça) *brevetée J. B.* da Companhia de polvora *E. C.*

Quanto ao modo de utilizar-se do chumbo, e suas qua-

lidados na caça dos diversos animaes, julgo ocioso dizer, por que toda a gente sabe que, para a onça ou anta, emprega-se balas, balins, ou chumbo denominado *saquarema*, *Paula Souza*, e ainda *perdigoto* para veados, galheiros, campeiros, e matteiros e outros animaes de pello, os de ns. 1, 2 e 3 grosso e meiaõ; para aves como perdizes, codornas e outras, as de ns. 3 e 5 (grosso e meiaõ) este ultimo á escumilha. O melhor chumbo de caça, qualidade superior é o chumbo endurecido inglez, (*chiled shot*).

Ha, todavia, muita ave dura de morrer, como o tucano, o papagaio, mesmo a jacutinga, o jacú etc, para as quaes a escumilha não é nada muitas vezes.

Na caça á onça, ou á anta, não se deve empregar as balas revestidas de camisolas nikeladas ou balas couraçadas, modernamente adoptadas nas armas de guerra e alcunhadas — *balas humanitarias*; porque desde que ellas não apanham o animal em logar mortal, no coração por exemplo, nenhum damno immediato causam-lhe, pois, além de não produzirem dôr, atravessam no de um lado a outro e saem intactas como penetraram.

Entre immensos documentos comprobatorios, do que ahi fica, limito-me a transcrever aqui o que se vae ler:

#### AS BALAS MODERNAS

A ultima guerra hispano-americana, havendo posto em acção os mecanismos mais aperfeiçoados e recentes da arte de matar, está sendo estudada por numerosos especialistas, que procuram tirar lições dos factos e apurar os resultados dessa grande e sanguinolenta experiencia *in anima vili*. Começam a apparecer do lado americano alguns documentos interessantes acerca dos effeitos produzidos pelas balas da espingarda Mauser, que era, como sabem, a arma de infantaria hespanhola.

Durante o combate d'El Caney, o Tenente Wassell do

regimento 21 de infantaria americana, estava examinando o campo de luta por um binoculo de campanha, quando uma bala lhe acertou no dedo minimo da mão esquerda.

Atravessando-lhe a palma da mão, o projectil furou a face do official, quebrando lhe alguns mollaes e mettendo lh'os pela garganta dentro, em seguida abriu o seu caminho em direcção á espinha dorsal, sahindo afinal pelo meio das costas.

A despeito destas gravissimas feridas, o tenente Wassell, acha-se em via de completo restabelecimento.

Pode, porém, gabar-se de ter visto a morte de perto, sem que o binoculo para isso houvesse contribuido.

Menos feliz foi um pobre soldado que estava em uma attitude curvada, a cabeça baixa em relação aos hombros, e que recebeu em cheio na testa uma bala que lhe sahio pela nuca penetrando outra vez no corpo pela base do pescoço para sahir difinitivamente pelo suvaco direito.

Um caso extraordinario de cura é o de um homem que recebeu uma bala na sombracelha esquerda; o projectil atravessou-lhe a cabeça e sahio na parte inferior do pescoço.

Custa a admittir-se que uma ferida desta importancia não produzis-se morte instantanea; pois o homem que a recebeu acha-se completamente restabelecido, tendo perdido apenas a vista esquerda.

Outro caso extraordinario foi o de uma bala que bateu no solo e de ricochete veio penetrar na face esquerda de um soldado.

Depois de haver causado a fractura da parte vulgarmente designada pelo nome de *ceo da bocca* veio amortecer-se de encontro aos dentes queixaes de forma que o homem pôde tranquillamente agarral-a com a mão e mettel-a na algibeira. O articulista do *Fel Bits*, que

refere esta excentricidade responsabilisa so pela anthen-ticidade destes e dos outros factos por elle narrados.

(*Jornal do Commercio Chronica Estrangeira* — 13 de Outubro de 1898).

As de chumbo simples não endurecidas, ao contrario desde o ponto de penetração que vão estragando os tecidos do corpo, e destazendo se em esquirolas, produzem mais dor e estragos de acção mortal immediata.

Nesse intuito o governo inglez, sempre pratico, acaba de adoptar para as suas campanhas nas colonias, um novo modelo de bala mais mortifero e que vem a ser um involucro de metal igual ao antigo, porém, menos resistente na ogiva, que na base.

Este involucro recebe pela ogiva o chumbo derretido destinado a augmentar o seu peso.

Quando penetra no corpo humano deforma-se formando champignon que produz ferimento mortal.

Ha para o mesmo fim um outro systema de projectil: fende se a bala, longitudinalmente na ogiva até metade do seu comprimento.

Neste ultimo caso, a bala chocando qualquer obstaculo achata-se, tomando a forma de estrella e produz assim ferimento muito mais grave.

Isto é intuitivo, mas, muita gente pensa o contrario, por isso que os fabricantes modernos de cartuchame vão já introduzindo o uso impensado das tacs balas couraçadas de que, infelizmente, já me servi, com prejuizo para a minha arma.

No concernente ás buchas, que concorrem muito para o o bom effeito do tiro, não esquecer que para as armas Choke-bored, ha umas de borracha ou gomma, muito dilataveis e infusiveis, devido a um tecido encebado, que lhes serve de involucro.

A espessura destas buchas é de 12 á 15 milímetros; e augmentam o effeito do tiro de 15 a 20 por cento. Nas

armas de munição, as buchas preferidas são as mais leves e mais compressas.

Os sertanejos as fazem de linhagem ou filamentos de imbiruçu, de taquara, ou então de palha de milho desfiada, que são as mais communs.

Preconizam-se ainda as *buchas paulistas*, extrahidas das nervuras das fructas d'uma planta desse nome, mui cultivada no Brasil-Central.

Resta-me finalmente, falar das armas de defesa individual, que nenhum caçador deve deixar em casa : o revólver e o facão de matto, como tambem outros accessorios.

De parte o revólver Smith & Wesson, o melhor typo do genero, arma que excele pela precisão, alcance e penetração do projectil—qualidades principaes em toda a arma de fogo, aconselho aos caçadores em falta daquelle, sempre possuirem um *revólver sportman*, de coronha articulada, de montagem e desmontagem faceis, *systema Mauser*.

Este revólver faz as vezes de espingarda, graças à facilidade com que se lhe improvisa a coronha, que se desdobra em mais de uma parte.

Quanto ao facão de caça tão indispensavel no matto, eu indico o modelo americano *bowme knife*, lamina larga, afilada, de um só gume, cabo de chifre de veado, engaste e bocal de ferro forjado, bainha de couro brunido, guarnições nikeladas, lamina de 25 a 30 centimetro. E' uma excellente arma.

O metal que reune as qualidades indispensaveis ás armas de talho ou armas cortantes, — *dureza* para conservar seu corte, *tenacidade* para se não quebrar, *elasticidade*, afim de poder vergar sem quebra-se, quando actuando em algum obstaculo é o aço fundido, temperado e recozido.

A fórma da lamina deve ser tomada em consideração

ao fim a que é destinada a arma cortante ou perfurante.

Para as primeiras destas armas a aresta deve apresentar uma certa obliquidade; para as segundas ao contrario, a aresta deve ser rectilinea e de maior comprimento.

Outra consideração a fazer-se é quanto a fórma do punho, que deve facilitar o uso da arma.

Para satisfazer esta condição, diz um especialista, a experiencia demonstrou que a melhor fórma a dar ao punho é a ligeiramente achatada no sentido da largura da lamina e voltada da extremidade onde se apoiam os dedos index e minimo.

Com estas ligeiras noções, fica qualquer pessoa habilitada a fazer escolha de uma boa arma branca imprescindivel ao caçador, que forçosamente é obrigado a varar mattos e tambem a defender-se de ataques de animaes perigosos. No interior é indispensavel aos caipiras o *matiny* — saquitel — que elles usam para guardar apetrechos de caça, anzóes, fuzil, pederneir. s, etc.



## CÃES DE CAÇA

---

Cão de raça, caça.  
(Proverbio antigo).

Nenhum outro animal, como o cão é mais digno de possuir inteiramente toda a estima, toda a confiança, toda a amizade do homem; elle é uma parte mesmo do homem, elle é indispensavel ao seu bem estar, á sua prosperidade.

Brehem (*Os mammiferos*).

O cão *cijon*, grego; *canis*, latim; *hund*, allemão; *dog*, inglez; *chien*, francez; *perro*, hespanhol; *ja-guára*, tupi-guarani, é para a caça o auxiliar mais util e indispensavel.

E' um mammifero da ordem dos carniceiros e da familia dos canides, á qual tambem pertencem o lobo, o chacal e a raposa.

Qual a sua origem? De que região procede? São ainda questões em aberto, estas tantas vezes abordadas

pelas mythologias de varios povos, depois pelos sabios geneologistas, e mais tarde, pelos naturalistas que, a partir de Buffon, ainda não proferiram aresto scientifico definitivo.

Um proverbio antigo, inspirado nas mythologias grego-romanas diz, com a ingenuidade com que se explicavam as cousas por aquelles tempos :

Il descendait de cette chienne  
Si comme l'histoire ancienne  
Fille d'un limier d'Appolon  
Et d'une chienne d'Oleteon.

Mas, o maior dos deuses do Egypto, o primitivo *Anubis*, era cynocephalo, o que por consequente remonta a existencia do cão, para além daquella tradição romana.

Os egypcios, que collocavam a sua imagem á entrada do templo de Isis, a conheceram pelos nomes de *ouharon*, *ouaouaou*, *tosmou*, sendo o segundo delles onomatopoeico, caracteristico de que se servem as crianças para designar este animal.

Nas descobertas recentes dos tumulos de Pharaós da vigesima dynastia (mais quatro mil annos antes de nossa éra) tem se encontrado desenhos de cães, muitos de raças actuaes, como o galgo, o basset, etc. E' do *Zend-Avesta*, esse antiquissimo monumento historico da humanidade : «O mundo não subsiste senão pela intelligencia do cão.»

Aos sacrificios e immolações que os gaullezes faziam á Deusa da caça, succediam-se banquetes, aos quaes eram os cães conduzidos coroados de rosas.

Querem os naturalistas : uns, que o cão seja descendente do cruzamento do lobo com a raposa, ou d'esta ultima com o chacal; outros estes os menos problematicos — que existe d'esde a sua creação, como uma

especie unica, pura, sem mescla alguma, mas pertencente á mesma familia, a que se filiam o lobo, o chacal e a raposa, como acima disse.

Segundo a classificação dos naturalistas o cão tem 42 dentes: 12 incisivos, 4 caninos, e 26 molares; destes ultimos 12 na mandibula superior e 14 na inferior, os quaes fornecem indicios para se lhe conhecer a idade approximadamente.

O pello varia segundo as raças e climas: longos ou curtos, sedosos ou asperos.

O cão alimenta-se de carne em qualquer estado, mesmo no de putrefacção completa, e igualmente de vegetaes.

E' como o homem, omnivoro.

A idade da puberdade em ambos sexos, vem a ser dos dez a doze mezes e o cio da cadella no começo das estações do anno.

Tambem este phenomeno physiologico apparece em tempos ou épocas indeterminadas.

Quando é novo, antes de completar um anno, o cão urina como o gato, abuxando as patas trazeiras, flexionando os membros posteriores; quando é adulto, levanta uma das pernas e projecta a urina num obstaculo qualquer — no campo dá preferencia a um ramo ou moita á beira da estrada, onde outros já urinaram.

Onde um cão urina, todos que ahi passam posteriormente repetem esta operação, o seu fino olphato é que os conduz a esses mictorios.

Quando varios cães se encontram farejam logo os trazeiros, uns dos outros, a fim de reconhecerem os sexos.

O conhecimento que se tem da idade dos cães, se adquire, como nos muares e cavallares, pelas alterações diversas, que se operam nos dentes, embora nem sempre sejam rigorosos estes indicios.

Dos doze aos quinze dias nascem os incisivos, mas a

erupção completa tem lugar aproximadamente aos dous mezes.

Eis como se verifica a idade aproximadamente.

*Um anno.* — Os dentes são alvos, completamente sãos.

*Dous annos.* — D'ahi em diante alguns dentes já começam a deteriorar perdendo o esmalte primitivo,

*Quatro annos.* — Os dentes começam a amollecere e os da mandibula superior tornam-se gastos e rasos.

*Cinco annos.* — Começa o arrasamento dos medios, e os da mandibulas superiores.

Desta data em diante não é mais possível se determinar a idade dos cães pelos dentes senão muito vagamente.

Na domesticação deste intelligente animal, que Michelet chamou candidato á humanidade, decorrem em partes, suas varias e uteis aptidões, das quaes os homens em todos os tempos têm sabido tirar o melhor partido.

Um proverbio hespanhol diz: «Que el bueno balastero hace el bueno sabuero,» o bom caçador faz o bom cão.

«Sob o aspecto da domesticidade, diz Joany Pertus, as raças caninas se multiplicam ao infinito, ou antes, seccionam-se produzindo mestiços ou bastardos, cuja classificação seria difficil, se não impossivel.»

Este excellente tratadista, de quem muito me servi neste capitulo, adoptou a classificação estabelecida no dictionario de Hucthrel d'Arbonal, que dividio as raças caninas em duas categorias :

1.º As raças selvagens ou voltadas a este estado.

2.º Raças domesticas.

Tres raças de cães são asiaticas: o *dhole* ou *calium* dos Indios, que se considera como tendo sido a primeira domesticada; o *buary* ou *buausuho*, da região inferior ou desfiladeiros do Himalaya, e a *adjac*, de Java.

Depois o *caberu*, da Abyssinia, o *dingo*, da Australia, o *pampa* ou *iguaris*, o nosso Guará ou lobo, da America do Sul, e finalmente um cão encontrado entre os Pelles-Vermelhas, (America do Norte), que os inglezes chamam — *Hare indians — dog*.

Aqui no Brazil temos uma raça de cães selvagens, que uma vez encontrei entre os indigenas que vagueiam pelas regiões serranas do Estado de Santa-Catharina.

Não me foi possível observa-la bem.

Dizem que os ha tambem entre as tribus indigenas de Goyaz.

Ha no Brazil-Occidental uns cãesinhos do matto, semelhantes aos furdões portuguezes, e aos quaes os paulistas dão o nome de *aracambés*.

São escuros, têm muito furo e perseguem tenazmente os pequenos animaes.

Não são domesticados, diz Paula Souza, antes de natural selvagem e refractarios ao captiveiro.

Havendo bastante, accrescenta, não me consta que alguns os tivesse apanhado e conservado em casa.

São peritos caçadores e exercem esse mister em bandos, que se suppõe ser a familia; são tenazes na perseguição de pequenas caças — coelhos, cutias e até mesmo veados.

Quando atopellam a caça, têm um como que latido soluçado, que sae lhes do fundo da garganta, aspirado fortemente e que os denuncia ao longo.

São cães com todos os caracteristicos da especie; o facto de não latirem, é, como observa Brehm — o que caracteriza as especies de cães selvagens.

Ha poucos annos, viajando em Goyaz, ao atravessar uma bocaina de matta, tpeei um *catigueiro* perseguido por tres desses curtos animaesinhos, que passaram sem dar fé da minha presença, tão afincados iam no rasto do veado, que com a lingua pendente levava a alma pela bocca. O testemunho de Paula Souza

e de outros caçadores paulistas contestam a asseveração de Varnhagen de que os caipiras empregavam os *aracambés* nas suas caçadas. Tratando das castas de cães bravios no Rio Grande do Sul, diz Ayres de Cassal :

« Os oriundos da Europa, sobre maneira multiplicados, vivem no campo, onde se sustentam com os restos das charquedas, sem procurar povoação. Chamam os cães *chimarrões*. Faltando-lhes o alimento, logo que cessa a matança do gado; ajuntam-se em numerosas matilhas, procuram o que pasta e cercando uma rez perseguem-na teimosamente até que o animal, cahindo fadigado é por elles devorado em poucas horas. Um cavalleiro corre risco no campo, quando elles andão famintos. »

As raças de cães domesticos são em grande numero, e d'ellas citarei algumas das mais notaveis, como os cães de caça propriamente.

Os francezes possuem os seus afamados *chiens courants*, cães de corrida, ou de curso, cujas denominações characteristics de raças provém-lhes das regiões de que procedem, e vem a ser : os da Bretanha, da Vendéa, da Normandia, do Poitou, da Gasconha, d'Artois, etc. Os mais afamados são os de Santo Humberto ( cães de corso), e o *basset*, paqueiro, cuja significação em portuguez é *baixote*.

Os inglezes possuem nesta especie o *Beagle*, o *Harrien*, o *Talbot*, o *Foxohand* (cão de raposa) o *Briquet* e o *Turnspil* (paqueiro).

Os cães da Gasconha são cinzentos ou brancos, machados de negro e castanho, quatro olhos; em tudo semelhante aos que nós chamamos *pampas*.

Os de Santo Humberto, são de uma das mais antigas raças do norte da França, onde foi introduzida no seculo VII, pelo santo que lhes deu o nome, e conservados pelos abbades seus successores, em Ardennas « en

l'honneur et memoire du saint qui etait veneré avec Saint Eustache.»

Tem o pello negro tirando para roxo, e, tambem, quatro olhos, como os precedentes.

Os cães inglezes, acima mencionados, são productos de cruzamentos, feitos com o intuito de especialisar a raça para todas as caças, como a do Cervo, do Javali, da Lebre, etc.

Os inglezes procuraram e obtiveram das raças caninas, o mesmo resultado que conseguiram dos consecutivos cruzamentos do cavallo arabe que lhes deu o famoso *pur-sang*, que é o galgo da raça cavallar.

Tratando do Fox-hand diz Ashton Smith: que é uma raça essencialmente artificial, tendo um pouco de todas as raças possiveis, e que seria difficil dizer hoje, quaes foram os primeiros paes desses cães caçadores de raposas.»

No entanto sabe-se dos nomes dos proceres do *pur-sang* — inglez.

Assim como esto é o *Beagle*, cuja origem é impossivel certificar. Mas o escol dos cães de caça europeus, vou apresental-os nos perdigueiros.

São ainda os inglezes e os francezes que disputam a primasia nesta especialidade; mas, dizem que a gloria cabe á patria do Cid Campeador.

Os perdigueiros europeus caçam tambem a lebre, que elles amarram do mesmo modo que amarram as perdizes.

Destes cães, que os francezes chamam *chiens d'arrêt* ou *chiens couchans*, os mais notaveis são o *epannel*, o *selter*, o *braque* e o *pointer*.

Os tres primeiros são de rasto, isto é, caçam rastejando e com o focinho no chão e o ultimo tira pelo vento, farejando de alto.

O *epannel*, ventor, cão de busca ou cão d'agua, é pelludo, geralmente branco, com malhas avinhadas.

O *braque* tem o pello curto, manchado de castanho escuro ou bruno, sobre um fundo negro.

E' o que conserva mais apurado olphato em época de calor.

Os *sellers* são inglezes, os de pello fulvo, e os chamados *escoascezes*, que têm o pello vermelho vivo, amarello e branco.

Do *pointer* inglez, que os francezos dizem ser o braço, tambem os hespanhóes disputam a origem, pois se lê em Alonzo de Epinar, que dello tratou em 1644: «Los de *punta* en llegando a p.rra la perdiz se estan quedos en la parte que le alcanzo a dar el viento de la caza.»

(Epinar de Ballesteria, citado por La Vallée.)

Tem a cabeça mais grossa que larga, focinho quadrado; ha os de todas as côres, branco e laranja, branco e castanhô, branco e negro, negro e fogo, tricolor, cinzentos e de outras *nuances*.

Eis ahi em largos traços, os cães de caça europeus, dos quaes os nossos são descendentes bastardos.

Os cães de caça do Brazil, isto é, os que apresentam *typos* especificos de raças definidas, qualidades adquiridas de seus proceres, não excedem de tres: o *veadeiro*, o *perdigueiro* e o *paqueiro*.

Constituem variedades de raças obtidas entre nós pelo cruzamento artificial e modificados pela acção do clima, alimentação, etc.

Sobre este ponto vou transcrever aqui alguns trechos de uma carta que recebi do illustre conselheiro Bento F. de Paula Souza, velho e eminente caçador, a quem a nossa resumida litteratura cynegetica deve as suas mais bellas e mais aproveitaveis paginas:

«...Os nossos cães, coitados, diz elle, não têm historia, pois não têm raça certa á qual se filiem, sendo entretanto dignos da nossa afeição pelas excellentes e superiores qualidades de que são ornados.»



Parecem-se com os filhos de familia modesta e pouco afortunada, que poucos conhecem, os quaes entretanto conseguiram sahir de seus meios por suas habilitações e esforços.

Nuns artigos que publiquei na «*Opinião Liberal*» a pedido de amigos daquelle jornal, disse que «não temos raça de cães» apenas alguns bons cães, accidentalmente bons, incapazes de procrearem bons filhos porque não são raça constituida, mas excellentes, entretanto, como caçadores.

Effectivamente dou testemunho das brilhantes qualidades de nossos cães de caça.

Sempre tive matilha, e matilha boa, excepcionalmente boa.

Mas muitos filhos do meu melhor cão, e da minha melhor cachorra não prestavam para nada, por vezes.

Outros serviam; e por isso é que concluo que não temos ainda raça no sentido rigoroso da palavra—pois que *raça* implica transmissão de qualidades.

E bem facil seria constituirmos uma raça, pois que a nossa materia prima é excellente.

Penso poder dizer que eu quasi constitui uma verdadeira *raça* de cães, com a introdução de sangue estrangeiro.

Obtive um bom cão inglez, misturei-o como uma boa cachorra, daquellas que chamamos *raça velha*, e com o filho dessa cachorra formei cães verdadeiramente notaveis, que por seu turno produziram cães tambem notaveis.

Hoje estão elles com um quinto apenas de sangue inglez, e são ainda de primeira ordem.

Continuassem os nossos caçadores a proceder deste modo, em breve trecho estaríamos com uma raça constituida, e essa seria sem questão, superior a tudo.

quanto tem o estrangeiro, pela dureza, saúde e astúcia.

O nosso cão veadeiro não tinha faro muito puro, — dahi a difficuldade de firmal-o em uma só caça, dahi a troca do animal caçado por outro descansado, etc...

Dáe lhes faro, — está tudo corrigido.

Mesmo com pouco faro o nosso cão suppria essa deficiencia pela sagacidade.

Desde que não perca esse qualidade, nada lhe falta.

A transformação physiologica da especie produziu no Brazil um typo novo, com algumas aptidões, talvez superiores ás dos seus proceres.

Os que não se acham comprehendidos naquelles tres grupos, aos quaes me referi atraz, são productos quasi hybridos, como os *fraldiqueiros*, *báguas*, *guapêbas*, *gosos*, etc. E' questão controversa ainda o saber, se o veadeiro, nosso cão de caça por excellencia, descende dos galgos, com os quaes se parecem muito no typo, ou se procedem de outras raças, como a de Santo-Humberto, a de Gasconha e tambem outras da peninsula Iberica, aos quaes lembram pelas qualidades e aptidões para a caça.

Trazida á America pelos colonos hespanhoes, existem no planalto de Santa Fé, (na Columbia) uma afamada raça de cães corredores de cervos e antas que elles facilmente subjugam. (1)

Aos nossos olhos profanos no assumpto, não são e nem podem ser procedentes dos galgos com os perdigueiros, como quer, entre outros, o illustre Varnhagem, na obra já citada em outro lugar acima.

Como poderia resultar do cruzamento destas duas qualidades distinctas de cães, uma incapaz absolutamente de caçar (o galgo), a outra avessa a caçar na

---

(1) A. Larraleur—Obra citada.

matta (o perdigueiro), animaes tão aptos e affeiçoados a este mister como os nossos veadeiros?

Acontece mais, que estes cães não caçam senão á vista do dono.

A experiencia mesmo tem mostrado que os cães procedentes de perdigueiros com veadeiros reúnem ás qualidades dos progenitoros uma aptidão especial para toda caça, mas particularmente para a de onça e a de anta.

Ninguém ignora que os nossos chamados cães onceiros, typo vulgar, sem nenhum característico, são desta procedencia.

E isto explica-se pelas qualidades hereditarias, perpetuadas na geração dos descendentes, porque o veadeiro caça onça e corre anta, o perdigueiro, de apurado faro, dá acuação aos animaes que trepam, como se observa nas suas rixas constantes com os gatos domesticos.

Os que dão ao nosso veadeiro aquella origem não parecem conhecer os cães de raça, francezes, como o de Santo-Humberto, os da Gasconha e outros a que já nos referimos, os quaes é bem possível tivessem vindo ao Brazil desde as primeiras expedições de Dugay-Trouim, Villegaignon e outros que apparelharam na Europa para conquista e colonisação do Brazil.

Basta examinar ligeiramente os nossos veadeiros legitimos para reconhecer á primeira vista os elementos que concorrem no typo e nas qualidades peculiares áquelles cães.

Era mais natural a hypothese de que fossem os portuguezes os introductores dos primeiros cães de caça no Brazil.

Mas, duas razões me levam a pensar o contrario — primeira, o portuguez nunca foi caçador; segunda, as chronicas dos tempos coloniaes, as mais antigas, como

as de Simão de Vasconcellos e Anchieta, não fazem menção de cães entre os reinós ou reinícolas.

Simão de Vasconcellos trata de alguns processos de caça, mas não allude a cães, senão entre os índios.

Mas, de que qualidades de cães se serviam os indígenas? Não é provavel que fossem dos proceres dos nossos veadeiros.

Referindo-se ás, então, capitánias de São Salvador (Bahia) e São Vicente, os mais antigos nucleos coloniaes do Brazil, onde mais preponderavam os portuguezes, fallam os chronistas na existencia de cães europeus entre os selvagens, o que é confirmado por Southey que diz: «*introduzidos pelos portuguezes depressa se vulgarisaram os cães*», porem é de suppor, dada a natureza das caças da predileção dessa gente — antas, porcos e onças — que esses cães fossem os alãos portuguezes ou fila, das ilhas da Madeira — cães valentes e apropriados á caça áquelles animaes. O galgo ou lebreu portuguez não resistiria á vida agreste e nómade dos nossos incolos e, por outro lado, de nada lhes serveriam nas mattas e restingas da costa marítima.

O nosso cão vulgarmente chamado *atravessado* — esse sim, é o fila das ilhas, legado a nós pelos lusitanos.

Os caracteres de raças ou traços physiologicos do veadeiro são bem conhecidos dos leitores; mesmo assim, convém assinalal os.

Os veadeiros legitimos, como disse, lembra os galgos pela elegancia de talhe bem lançado, membros musculosos, ventre recolhido, peito alto e largo, pernas finas, cabeça afilada, focinho comprido, pontudo; cauda longa, ligeiramente recurva, pellos curtos, sendo alguns *bandeiras*. Ha-os de todos as côres, brancos, alvações, vinagres, vermelhos, pampas, etc.

Os perdigueiros se assignalam pelas orelhas largas e pendentes, focinho curto, quasi quadrado, em alguns fendidos ao meio *deux nez*, dos francezes e variedades

de cores distinctas, especiaes, como os saragoças (chumbadinhos) e os malhados de branco, castanho e preto.

São estes os cães mais docois, obedientes, inteligentes e de olfacto mais fino que conhecemos.

Os paqueiros, os menos caracterisados, são cães pequenos, corpo longo, em relação, ás pernas curtas, proprias para penetrarem nas tócas, buracos, covas ou esconderijos, onde se refugiam os animaes de sua predilecção.

Não têm côr especial que os assignale.

Os demais que ahí temos são cães inqualificaveis, com os quaes nenhum caçador que se preze poderá contar.

Um cão *goso* põe toda uma matilha a perder, ora desviando a corrida pelo encontro de uma immundicie qualquer, ora dando rasto atraz, e finalmente dando acuação atôa, convite este que ás vezes nenhum cão, mesmo o mais legitimo, desatende.

Destes cães que caçam desde o scrolepes até a onça, desde a cutia até a anta, só se ouve aos contadores de brocas ou *gosos*, como se diz em gíria de caçadores.

A epigraphé que emcima este capitulo é uma verdade já proverbial e responde laconicamente aos que pensam de modo contrario.

São por demais conhecidos os inconvenientes dos *gosos* numa matilha de caça, seja ella de veadeiros, de onceiros ou de paqueiros.

Até os perdigueiros prestam seus desserviços, quando vão ao matto de cambulhada com outros cães.

Os melhores veadeiros paulistas, de origem remota, descendem do famoso *Peleque* (porque quando pequeno queimou as patas no borralho, ficando com ellas defeituosas e como que em fôrma de um leque), de que o velho caçador conselheiro Paula Souza, conta-nos as façanhas nos interessantes artigos a que já me referi,

trabalho este que infelizmente não tenho á vista, como desejava, ao escrever sobre este assumpto.

Em principios ou meiodos do seculo passado, Martinho Coelho, sertanista do cyclo dos bandeirantes paulistas, levou a Goyaz e creio que mais tarde dahi para Matto-Grosso, uma raça de cães veadeiros e anteiros que deixou fama no sertão.

Foi pelo ganiçar desusado destes cães ao cahirem n'agua em perseguição de uma anta, que o destemido sertanista e caçador descobriu, os poços thermaes conhecidos por Caldas ou Caldas de Pirapitinga em Goyaz (1775).

Ha na Academia de Bellas Artes, no Rio, uma grande tela do illustre Barão de Taunay, representando esta pittoresca scena.

As qualidades dos veadeiros ou requisitos que os distinguem são os seguintes: ser diligente, de latido alto, *afautado*, de levante facil, sobre tudo insistencia e tenacidade a toda a prova no matto, não trocando o veado já cançado por outro descansado que por acaso se lhe deparar na corrida. Deve dar entrada no matto, todas as vezes que ahi fôr levado e solto, a qualquer hora.

Do bom ensino que dá o caçador é que emfim dependem muito as qualidades do cão.

O paqueiro nunca deverá penetrar na tóca ou esconderijo da caça antes de perceber a aproximação do caçador, pelo contrario, ahi deverá ficar abarruando.

A proposito da conservação das raças e reprodução da especie canina, julgo de bastante interesse incluir aqui as seguintes indicações: (1)

«E' pela domesticidade, que se lhe tem desenvolvida todas as prosperidades de sua natureza.

Os diversos climas para onde elle tem sido tranpor-

---

(1) Deubetene, *Le chien de chasse*.

tado, as nutrições diferentes, tem produzido diferenças na forma de seu corpo e instincto.

As raças caninas são, por assim dizer, obra da natureza; por isso que ellas se mantêm na continuação das gerações e os caracteres que as constituem, são os mais naturaes á especie considerada no estado de domesticidade, pois que elles foram fixados antes da mestiçagem, assim os dinarmarquezes o *barbets*, os galgos etc, se perpetuam sem alteração possível, cada um em sua propria raça.

Quando dous cães de raças diferentes produzem um mestiço, que traz os caracteres das duas raças, se este mestiço cruzar com uma daquellas raças, os caracteres da mestiçagem desaparecem nesta geração e a natureza restabelece por completo as qualidades primitivas.

Os diversos productos de uma mesma especie, insensível e profundamente modificados, apresentam diferenças que fixadas e transmittidas pela geração constituem raças. (1)

«A faculdade physiologica da hereditariedade comporta um caracter inherente ao individuo, caracter que se transmitta aos productos da segunda, terceira ou quarta geração, e que é o resultado do que se chama injecção do primeiro gerador.

O procreador pela patriação e pela fecundação de certo modo deixa na economia da femea um caracter que lhe é proprio e que se encontra mais tarde entre os decedentes, mesmo nos indirectos.

Uma cadella inteiramente branca é coberta pela primeira vez por um cão negro, depois por um cão amarello ou castanho, desta segunda barrigada ella dá á luz cachorrinhos inteiramente negros.

Dada esta infecção do primeiro gerador, resulta que pôde-se obter de uma cadella legitima de raça crias de

---

(1) M. Guyot.

puro-sangue da qual as fôrmas e as qualidades possam alterar o resultado dos productos de origem commum, na terceira, quarta ou quinta geração, segundo os caprichos da natureza.

Os nossos cães por excellencia são os chamados veadeiros.

E' de justiça dizer que ao lado dos veadeiros de S. Paulo e Minas, exibem os cães goyanos, cujas altas qualidades reunia o meu cão — Violento — o animal mais perfeito que ainda conheci.

Todavia ha ainda muito e muito a desejar nesses nossos cães quo reputamos superiores.

Até aqui o que temos feito é apenas conservar, melhorando a raça pela mesma raça ou antes, pela escolha intelligente dos mais aperfeiçoados typos, mas perdoem-me os caçadores meus patricios, isso nada adianta, maximé em se tratando de uma raça em tendencia para uma talvez completa degenerescencia, como a dos nossos cães veadeiros.

Convém, pois, antes de tudo, a regeneração pelo cruzamento com os cães de puro-sangue, os cães francezes e inglezes, que reúnem os melhores attributos, qualidades estas creadas egualmente pela selecção bem comprehendida.

Os productos do puro sangue inglez com os da velha raça paulista, que continha o *Peleque*, deram mestiços que reúnem ás qualidades todas dos progenitores, como affirma o introductor do *Fox-hand* no Brazil, conselheiro Paulo Souza, e o que se verá adiante.

Quanto aos perdigueiros, nós possuímos os melhores do mundo, pois os recebemos de primeira mão, vindos de Hespanha, de onde os inglezes buscaram o *Paniter* e o *Setter* duas raças que se completam formando o typo ideal do cão de perdizes.

E a quem desideratum está pendente apenas da intelligente comprehensão e boa vontade de nossos caça



dores, dos quaes, muitos em vez de procurarem melhorar a raça, e dispondo aliás de fortuna, limitam-se a « comprar cachorros de caboclos, cães apenas bem puxados pelo dono, em geral bom caçador. »

O que precisamos é de « caçadores criadores » que quanto antes aproveitem a materia prima que ahi temos em nossos cães chamados veadeiros, que não obstante sobrios, tenazes, robustos e activos, não aliam essas qualidades ás dos cães inglezes, superiores pelo faro, pela velocidade e pelo latido profundo, etc.

Para o leitor fazer idéa do esmero e louvavel esforço empregado pelo illustre caçador paulista couselheiro B. F. de Paula Souza a quem é devido entre nós o primeiro cruzamento do veadeiro com cães inglezes, mais uma vez vou citar trechos de uma carta sua em resposta á minha pergunta, sobre qual a raça de cães estrangeiros com a qual cruzára os seus bons veadeiros da velha raça paulista.

« Com *Fox hand*, disse elle, o meu casal importado era além disso vagaroso, comparativamente aos inglezes puros e aos meus creolos da velha raça paulista.

Cacei muito pouco com os cães que vieram; morreram logo.

Felizmente para mim, a cachorra pejou-se na viagem e morreu dous dias depois de dar á luz.

Eu a vi e ouvi correr uma só vez e essa vez revelou muito faro.

Criei os quatro filhos em uma cabra, com muito trabalho, superiormente recompensado.

Com esses quatro cães nada fiz, pois dous morreram antes de caçar, dous chegaram a caçar regularmente com faro, teima, mas lentidão, o que não quer dizer que não barroassem.

Levantavam e barroavam como os meus melhores cães.

Um desses cães cobrio uma das minhas cachorras, que deu-me dous filhos muito bons e com regular carreira.

Essa cachorra não era da velha raça.

Uma destas foi ainda fecundada por um cachorro ingloz.

Pario varios filhos, mas um só deixou nome.

Chama-se «Agudo» e morreu de velho em meu poler, tendo deixado mais de 40 descendentes.

Esse «Agudo» era absolutamente superior e dos filhos, quatro ou seis que ainda vivem, são incomparaveis.

Tem tudo — rapidez sufficiente, sagacidade e teima.

Com esses cães, a caçada de veado não é amolante.

No tempo proprio em cincoenta soltadas, pegam quarenta e cinco vezes.

Sabe-se, isto não é commum.»

Um cão que ainda não possuímos, e seria o mais importante de todos, devera ser o destinado exclusivamente á caça de onças. E não seria difficil, pois com a materia, prima que temos nos nossos chamados *onceiros* já adaptados ao meio e á caça, bellissimos resultados poderiamos colher cruzando-os com os molossos, *mastiff*, *blood-hounds*, *bul dog* e outros que deram aos inglezes os cães com que caçam o tigre de Bengala e outras feras nas suas possessões da Asia e da Africa.

Já disse que os portuguezes que colonisaramo Brazil eram indifferentes á caça, pois do contrario teriam trazido ás colonias cães destinados á cassarem o jaguar, esse inimigo que sempre temeram.

Os hespanhóes trouxeram á America molossos que, lhes serviram muito para a conquista dos indios, não só no Mexico como em Cuba, onde ainda existem descendentes daquelles animaes, introduzidos por Christovão Colombo. (1)

---

(1) Colomb, *Memorials*.

E' deveras para lastimas que, mesmo no Brazil Central, os cães onceiros sejam apontados a dedo; e que onceiros ! . . .

Pela quasi difficuldade de manusearem nossos caçadores um livro especial de veterinaria, que lhes possa facultar os indispensaveis conhecimentos relativos ao tratamento e cura das diversas molestias que affectam as raças caninas, principalmente áquelles que empregamos na caça, casos tão difficeis de diagnosticar e que assim reclamariam a intervenção de um veterinario ( o que não se encontra entre nós ) darei em seguida alguns conselhos e diagnosticos acompanhados das fórmulas indicadas por Joanny Vertus. o notavel medico veterinario, que estudou o assumpto melhor e mais succintamente, o bem assim outras receitas.

#### AGUAMENTO OU AGUACHAMENTO

Esta molestia frequentes vezes affecta os cães de caça, sobre tudo nos dias seguintes ás grandes fadigas das caçadas em terrenos pedregosos e accidentadas, após as viagens e marças forçadas em dias de forte soalheira.

Tem esta molestia alguma analogia com o aguachamento do cavallo e dos muares.

A planta dos pés esfola, adelgaça e racha, tornando-se avermelhada, o que caracteriza a inflamação que segundo o citado autor poderá complicar-se sériamente, trazendo como consequencia fatal a queda das unhas e outros inconvenientes.

O seu tratamento requer, sobre tudo, repouso absoluto; mas se o mal fôr a peor, o recurso está na applicação immediata de cataplasmas emolientes de farello de trigo, farinha de linhaça, malvas etc. etc. que se lhe deverá ministrar com frequencia, sobre as patas affectadas.

Debollada a inflamação, deve-se empregar o seguinte tratamento :

Banho tres vezes por dia, com intervallos de meia hora, em

Agua fria . . . . .	100,0
Extracto de saturno . . .	10 gottas

ou ainda as seguintes receitas :

Glycerina . . . . .	100,0
Tintura de opio . . . . .	10 gottas
Extracto de saturno . . .	10 »

ou

Alumen em pó . . . . .	15,0
Acido phenico . . . . .	2 gottas
Glycerina . . . . .	50,0

#### BARRIGA D'AGUA

E' uma especie de hydropsia que ataca de preferencia os cães novos, notadamente os perdigueiros.

O tratamento, que deve ser immediatamente applicado deve ser :

Infusão de scilla . . . . .	} 100,0
Dita de parietaria . . . . .	
» » musgo d'Islandia.	
Decocção de linhaça, em grão . . . . .	50,0
Tintura de aconito . . . .	4 gottas
Essencia de terebentina . .	10 »

Para os casos de bronchite aguda, capilar e chronica, muito frequentes entre os cães de caça e provenientes todas de constipações :

Mel. . . . .	10,0
Infusão de borragem. . . . .	320,0
Xarope de diacordio . . . . .	20,0
Kermes mineral. . . . .	4,0
Proto sulfureto de antimónio. . . . .	1,0

No caso de gravidade, isto é, quando a tosse é sujeita á frequentes e penosos accessos

Chloridrato de morphina. . . . .	0,05
Xarope de ipéco. . . . .	30,0
Kermes mineral . . . . .	0,25
Infusão das quatro raizes . . . . .	250,0
Mel . . . . .	40,0

#### CONDYLOMA OU ESCRESCENCIA CARNOSA

São estas excrescencias carnosas, molles ou duras, que apparecem como que forunculos junto ás membranas mucosas da cadella, no orificio externo dos órgãos genitae e tambem no interior da vagina.

São uns como que polypos, provenientes do desenvolvimento excessivo do tecido cellular.

*Symptomas*—Este caso é mais frequentemente observado nas cadellas pequenas, que foram cobertas por cães de talhe muito mais desenvolvido, como por exemplo, uma cachorra paqueira coberta por um legitimo veadeiro nosso ou por um dog de Wlhm, o maior cão do mundo.

Por outra, este caso de patriação vem, ao contrario do formidavel parto da montanha...

A vulva entumece e se inflamma, deixando escorrer pela abertura, um liquido purulento de um cheiro mau e penetrante.

Os recursos são injeccões emolientes e detersivas com infusão de linho em grão, dita de farello de trigo e dita de malvas.

Podendo se juntar de uma a duas gottas de acido phenico.

Quando esta molestia toma um caracter chronico, é de toda a conveniencia cauterisar com nitrato de prata, como nos casos de molestias cancerosas.

#### SARNA OU RABUGEM

Toda a gente conhece esta incommodativa molestia ou affecção cutanea, proveniente do microbios parasitario microscopicos e que se manifesta em principio na cauda do animal, depois vae ao peito e ao ventre produzindo vesiculos duros, cheios de uma serosidade purulenta.

São bem conhecidos os symphomas desta molestia contagiosa, cujo tratamento, o mais efficaz, consiste em fricções duas vezes por dia, com esta pomada :

Flor de enxofre. . . . .	30	grammas
Carbonato de potassa . . . . .	8	»
Nitrato   »   » . . . . .	5	»
Sal de cozinha. . . . .	8	»
Alumen. . . . .	4	»
Banha de porco, ou vaselina (1). . . . .	40	»

Cinco ou dez minutos depois se lava o cão em agua morna com sabão verde deluido em pequena quantidade d'agua.

Esta receita é infalivel e produz effeito no fim de 3 dias.

#### SURDEZ

Não é só a velhice que traz a surdez, essa molestia tambem tem lugar, muitas vezes, devido a uma constipação, ou a um resfriamento brusco, apoz dias chuvosos.

Para completo tratamento, basta fazer-se injecções varias vezes, por dia com a seguinte mistura:

---

(1) No inverno, banha de porco; no verão, vaselina.

Acido phenico. . . . .	1	gramma
Alcool. . . . .	2	»
Agua . . . . .	2	»

Depois, introduzir-lhe no ouvido pela manhã e á noite esta mistura :

Oleo camphorado. . . . .	30	grammas
Balsamo tranquillo . . . . .	10	»
Chloroformio . . . . .	2	»
Laudano . . . . .	2	»

Dever-se-á applicar um durante 15 dias mais ou menos.

#### RAIVA OU HYDROPHOBIA

Sabe-se, é uma molestia virulenta e cuja causa, ainda duvidosa, mesmo depois das recentes descobertas de Pasteur, não nos permite indicar receitas ou diagnostics.

E' um mal sem cura, no interior, onde não possuímos institutos destinados ao seu tratamento, mas, que é facil, todavia, ao homem, evitar-lhe o contagio depende de conhecimento da molestia, cujos indicios e marcha naturaes, o leitor vae vêr nas linhas seguintes, escriptas não ha muito, sobre esta cruel molestia, por um especialista na materia.

«Os verdadeiros caracteres da hydrophobia são pouco conhecidos, e os que se consideram como signaes evidentes não passam de meras conjecturas.

Ha dois periodos: o periodo inicial e o periodo final.

No inicio da incubação rabica, o cão torna-se triste e se occulta nos sitios, os mais obscuros.

Não responde senão a custo, ao chamado de seu dono.

Recurvado sobre si mesmo conserva a cabeça entre o peito e as patas dianteiras.

Além disso, a esta desusada selvageria, se juntam uma inquietação e uma agitação extraordinária e continua, o animal está incessantemente em movimento, depois vem o delirio rabico caracterizado por movimentos extranhos que denotam que o animal vê objectos e ouve sons imaginarios ; ora se conserva inmovel, em parada *en arrêt* e de repente arremessa-se e morde no ar, como se quizesse obstar o vôo de uma mosca que não existe ; ora se precipita, uivando contra um obstaculo imaginario.

A vontade de morder não tarda a se manifestar, mas, a principio ella só se exerce sobre objectos inanimados.

O appetite do animal se modifica, os alimentos não têm para elle o menor attractivo.

O desejo de morder é a principio contra si mesmo, depois contra os outros cães e, até mesmo, contra o homem.

Fica insensivel e mudo ás mordidelas e pancadas que se lhe dão.

O latido é exquisito e notavel em seu modo e seu timbre, e em vez de sua sonoridade normal é rouco, confuso e de baixo tom, e a um primeiro latido feito em plena, segue-se immediatamente uma serie de tres ou quatro uivos decrescentes que partem do fundo de sua garganta, e durante a emmissão dos quaes, as maxillas se approximam incompletamente em logar de se fechar a cada uivo.

Esses symptomas apresentam-se no cão muito antes do periodo agudo.

Sua intensidade cresce e progride, á medida que o mal se propaga.

Lago, tornam-se cada vez mais violentos, seu olhar sombrio e apavorante ; morde com furia tudo o que



encontra, mas esses accessos de raiva não são continuos alternam-se com momentos de calma e insensibilidade absoluta; depois, o canção se apodera do animal, seus accessos tornam-se cada vez mais raros a paralyza, invade todos os seus membros e morre.

É um erro acreditar-se que o cão nesse estado tenha horror á agua.

É tambem um erro considerar a espuma de sua bocca como um indicio.

É ainda erro, julgar-se que a molestia se manifesta de preferencia no verão, pois, ella pode apparecer no inverno os symptomas principaes descriptos são diagnosticos certos.

A sequestração do animal é a primeira precaução a tomar-se.

O unico remedio é a cauterisação immediata pelo ferro em braza ou por causticos energicos sobre a ferida, para retardar a innoculação do virus que vae destruir os tecidos.

### *Preparação dos cães para a caça*

Quando um cão passou muito tempo descansado e volta do matto pela primeira vez, fica pateta, fere-se nos pés e recusa a caça no dia immediato.

Para prevenir este mal, toma-se um pouco de picomã (fuligem) e põe-se num prato fundo.

Derrama-se em cima vinagre.

Apparecerá um effervescencia; mettem-se as patas do cão na mistura, esfrega-se bem com ella entre os dedos e a sola dos pés ficará dura como um couro curtido.

Faz-se a preparação alguns dias antes da caçada, repetida duas vezes a mesma applicação com a mesma

picomã, e pode-se ter certeza de se ter dado ao cão um bom par de botas.

De accordo, ainda, com os tratadistas, aconselho aos caçadores que só em caso de força maior, castrem os cães de caça.

O cão, diz J. Pertus, privado dos seus testiculos, perde sua força, sua coragem e seu rigor; torna-se molle, preguiçoso e engorda muito, o que é um defeito para a caça, como se sabe.

Sinto que este trabalho não comporte maior desenvolvimento deste capitulo, cheio de maior interesse para os caçadores brasileiros.

Aos amadores de cães, bem como aos caçadores, recomendo a casa *Ludwig Leonhardi*, nos arredores de Zurich (Suissa), estabelecimento de cães de todas as raças. Esta casa remette catalogos gratuitos, com os preços, a quem os pedir.

## A CAÇA AOS VEADOS

*Quem porfia, mata caça*  
(Proverbio antigo)

As caçadas por excellencia no Brazil são as de veados, por serem as mais sensacionaes, as mais cheias de attractivos e as que ao mesmo tempo mais habilitade e pericia solicitam dos caçadores.

Contamos no Brazil-Central seis especies ou variedades apenas, destes nobres e guapos animaes, especies e variedades estas, das quaes, algumas não estão bem discriminadas pelos naturalistas e zoogeographos, que têm vindo ao Brazil, como egualmente por seus dignos successores, que, ainda em nossos dias, se occupam da classificação ou elaboração scientifica dos mammiferos brasileiros.

Estas especies, que se dividem em dous grupos—veados galhados e veados singelos — vêm a ser, pela ordem da importancia zoologica e das suas dimensões :

**CERVO** — (*cervos paludosus*) *Suaçupacú* dos indigenas: de grandes chifres esgalhados em muitas pontas, que se contam de nove ao minimo, e vinte e uma ao maximo; côr vermelha, uma quasi imperceptivel lista escura das fuças até á extremidade da cauda,

canellas meio pretas e barriga branca, habitante das iguapós, (1) mattas alagadiças, das florestas invadidas pelas aguas dos rios nas enchentes, ou que têm lagôas ou vargens nos campos proximos, que invariavelmente procura ao cair da tarde e pela manhã.

Este bellissimo animal, que já se vac tornando raro e tendendo para a extinção completa, quando perseguido dá acuação, e apenas mal ferido de um tiro, investe e vem na fumaça em procura do aggressor, o que é um perigo, tanto para os caçadores como para os cães, attendendo-se á sua formidavel armação de rijas pontas aguçadas, as quaes, nas suas arremettidas certas na mesmas direcção, escarvam o terreno, levando o que tópa adiante, na possança mascula da sua envergadura.

A femea chama-se *suaçu-a-pard*, e não tem chifres, como as demais femeas na familia dos *Cervides*.

Ayres de Casal considerando a suaçu-apára especie distincta, commetteu grave erro, em que outros escriptores têm incorrido posteriormente.

As galhadas dos cervos, são muito procuradas e alcançam bom preço nos mercados onde apparecem, como em Uberaba, onde se vendem á 50\$ e mais.

**GALHEIRO** — (*Cervus campestris*), *Suaçu-tinga* dos indigenas: veado branco (não confundir com o cervo, o que succede aos naturalistas), campeiro no sertão — côr parda, ventre e cauda brancos, os galhos como os do cervo, porém menores e cheios de pequenas protuberancias, carne catiunguda, intragavel e aliás deliciosa, quando *brôco*, sendo neste estado preferida á da femea ou campeira, cuja carne é sempre boa.

O galheiro fica *brôco*, isto é, quando perde os chifres,

(1) *Igapó*, — matto alagadiço; pedaços de florestas invadidas pelas aguas dos rios nas enchentes; matto dentro d'agua; pantano no qual crescem arvores ou pantano no meio da matta e não qualquer pantano. (J. Verissimo.)

que depois renova, conservando por algum tempo, coberto duma pellicula mole ou *retovado*, todos os annos, de maio á setembro, pela secca, sendo então facilimo caçal-o, porque não faz carreira, temendo talvez que as pontas nascentes toquem ás arvores ou cerrados em que se occulta por todo esse tempo.

E' habitante dos chapadões e cerrados de campos abertos ou campinas de canellas de Ema (*velesia*) não procurando nunca o matto; quando perseguido é duma agilidade e inferior á do *galgo* que o apresa nos campos com relativa facilidade.

Vive em manadas e deita-se á sombra dos barytisacs, nas queimadas e proximidades das fontes, ás horas do sol a pino.

GUATA'PARA:—Côr parda-pinhão, canellas e fuças escuras, tendo na testa como que um tapéte ou cocuruto de identica côr, fio do lombe preto e nas canellas acima dos artelhos, em cada uma, uma faixa ou anel de cabellos desenvolvidos; habitante das grandes mattas virgens, afastadas da visinhança do homem.

Deita de preferencia nos espigões ou vertentes mais elevados d'onde fazem carreira, levando a mesmo rumo, como a anta sapateira.

Corre desengonçado como a guará ou lobo.

MATTEIRO.—(*Gabulo, sassus*) *Rufus*, suaçete ou suaçu-pita, dos indigenas, veado pardo dos sulistas:—côr do precedente, duas pontas desenvolvidas, cauda e cangóte mais ou menos escuros, habitante das grandes mattas e capoeirões, passa invariavelmente á noite pelos cerrados, pela época em que os pequizeiros enfloram e amadurecem as faveiras d'antapor Agosto e Setembro.

E' tambem constante, nos *barreiros* (1) nas roças ou

---

(1) Chama se barreiro algumas baixadas Salino-Salinas, de côr acinzentada puxando para o branco,

plantações, que muito estraga, principalmente o feijoad, não dormindo quasi nunca nas mattas que frequenta nos passeios nocturnos; calculadamente procura os capões ou mattas proximas, fazendo a travessia pelas escusas *bocainas* de campos de macégas, — sua róta preferida quando tocado pelos cães.

No sul de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande tem o nome de *veado pardo* ou veado do matto, sendo a sua carne muito appetecida.

As crias antes de seis mezes são dum vermelho claro, malhas brancas pelas ilhargas e riscas da mesma côr.

CATINGUIROS. — (*Cervos simplicicome, nemorivagos*). Suaço-bira e suaçuahanga dos indigenas. Ha-os de duas especies bem distinctas pelas dimensões e côres: uma de côr avermelhada quasi tinta e a outra de pello escuro, maior que a primeira.

Os sertanejos dizem que estes ultimos resultam do cruzamento da especie alludida com a matteiro.

Habitantes ambos das catigas, capões ou capoeiras (1) de mattos altos, muito velhacos ou *remontadores*, logram constantemente os cães, esguicando-se pelas restingas e retrocedendo logo pela mesma carreira que levam a principio, no intuito de illudir a matilha e os caçadores, o que frequentemente conseguem com exito, quando os cães não são livres.

Todos os animaes buscam com soffreguidão esses lugares; não só mammiferos como aves e reptis.

O gado lambe o chão e, atolando-se nas poças, bebe com delicia aquella agua e come o barro.

Não ha melhor ponto de espera para um caçador; na verdade a abundancia de passaros e caças grassa, que se ajun'a n'um barreiro é cousa de pasmal. Tambem ali é que as sucuris vêm se esconder para colherem as suas presas. (Visconde de Taunay).

(1) *Capoeirã* - nome que se dá ao matto que nasce e se desenvolve em terreno outr'ora cultivado. (B. Rohan).

Não têm horas certas de passear, saem até dia claro, após as grandes aguaceiras, e nos dias chuvosos passem incessantemente.

Sua carne não obstante mais secca que a do matteiro, não é totalmente má.

**CAMOCICA.** (*Cervus namus*). *Hanclaphus nambi*, *Hambi-poróroca* (*enapóroca*?) Viá ou quatro olhos dos sertanejos: côr baia encerada, menor que todos os precedentes, as mesmas pontas que o catingueiro, grandes escrotos pendentes, *nháto*, isto é, o queixo de baixo saliente, muito agil, mais ainda que o campeiro. Quando perseguido salta as ramagens e emmaranhado de cipó a consideraveis alturas, no intento de dar perdida aos cães que o acossam e é certo, pois, os veadeiros só caçam pelo rasto, farejam para o ar como os cães de acuação.

Antes de trepar o Camocica córta voltas em redor do pileiro, onde procura esconder-se dos cães, mettido entre a folhagem. (1) Quasi nunca dá espera, e quando as dá, é como se fosse um corisco que passasse aos olhos do caçador, ainda o mais destre e attento. Os caçadores evitam soltar as matilhas nos mattos em que sabem existir camocica; do mesmo modo por que procedem quando ha *tamandua bandeira*.

O bandeira (*Myrmecaphaga jubata*) é um pobre

(1) Ha em Java e Singapura um viadinho considerado o menor da especie dos ruminantes—o *Tragulus Pygmeus* dos naturalistas—tao semelhante ao camocica pelos caracteres e habitos de vida—as dimensões, a côr, a mesma deformação da mandibula e mais a particularidade de saltar nas ramagens quando perseguido, o que me faz pensar ser o curioso cervido brasileiro—Eis abi uma questão que me parece em aberto e sobre a qual seria de interesse ouvir a opinião dos Zoologicos—que, infelizmente, não conhecem bem o camocica, que confundem com uma especie menor do catingueiro.

diabo ahí pr'a um canto ; os homens e os cães é que vão ao seu encontro.

Parece-se muito com conhecido animal da fabula, que é mau porque se defende quando o atacam :

*Cet animal est bien méchant :*

*Quand on l'attaque il se defend !*

De uma feita, indo eu em companhia de um velho caçador, nossos cães toparam um Tamanduá-bandeira, aquecendo-se ao sol juncto d'um cupim mettido n'uma macéga alta, á beira do matto e ahí promoveram ruidosa e insistente acuação.

Como eu tentasse alvejar o animal, cá da estrada, surgiu-me o velho pela frente, tão eriçado e furioso como o bandeira ; que eu não atirasse, que seria pôr a n'essa cachorrada n'esse máu costume de acuar áquella immundice !

Esta praga, accrescentou, mata-se a cacête, com a coronha da espingarda ; e, ameaçando então dar uma pancada com o couce d'arma no focinho do animal, que é a sua parte fraca, este arrebatou-a de suas mãos n'um movimento tão brusco e repéntino que ella ficára engatilhada.

Então, a lutar com os cães, de arma ao focinho, n'uma attitude de capoeiragem, tão agil, tão erecto em meio a macéga, nunca me parecerá tão terrivel este animal' nem tão perigosa a piea-páo de meu patricio, que a tinha como *legitima de Braga*, elle, que n'aquelle momento já lá ia longe, rastejando pelo macegal afóra, rente pelo chão.

Talvez variedade accidental, mas ha outros muitos veados no Brazil-Central, onde foi offerecida recentemente ao illustre chefe da commissão do Planalto, Dr. Cruls, uma pelle de veado, branca inteiramente.



(Não confundir com o veado denominado *branco*, que é nos Estados do sul o Campeiro, atraz descripto.)

Esta curiosa pelle eu obtive d'um caçador, residente á margem do Paranyba, limite de Goyaz com Minas e onde era conhecida uma como que matteira, pela lista de côr preta que lhe enlaçava todo o corpo pela altura da cinta.

Tambem tem-se visto perdizes e caititús brancos.

Um meu amigo, major João Elias, de Araguay, Minas, contara-me ter morto uma perdiz desta côr, o que me foi confirmada mais taide em Formosa, Goyaz, onde o caso se deu. Registro estes factos, com testomunhas, afim de evitar o riso facil dos scepticos e *gosos* que não creem nas asseverações do caçador. Todo caçador mente, dizem, como se proferissem um apophtegma.

Tenho tratado das caças; agora as caçadas.

Como o melhor da festa é esperar por ella, a vespera de um dia de caçadas, que o é de festa, e da melhor, para o caçador, merece ser descripta como ella se passa na residencia do fazendeiro que de vespera espalhou convites pela visinhança.

Os sabbados e domingos são os dias consagradas ás caçadas—os primeiros para os ricos e os segundos para os pobres, ou antes, aos sabbados caçam os fazendeiros, aos domingos os aggregados.

As grandes caçadas melanças e pescarias, quando ha rios proximos, prolongam-se por oito ou mais dias, escolhendo os convidados o que lhes parecer melhor—caçar, pescar á linha ou tirar mel de páu na matta, nas circumferencias do rancho levantado para o pouso onde muqueiam a caça (1).

---

(1) Moquiar—assar a meio a carne ou o peixe, para melhor conserval-os, operação que se executa sobre uma grade de paéis, a que dão o nome muquem.

Na vespera d'esses dias os cães são atrellados; (1) não se lhes dá carne fresca, frossuras etc... porque tirar-lhes-ia o faro.

Dá-se-lhes, então, por unica alimentação, fubá de milho, que lhes provoca fortes espirros, e limpa o olphato, desintupindo o faro, como dizem.

A' hora da partida para o matto, costumam tambem passar-lhes limão pelas narinas, com aquelle supra citado fim.

A matilha, sempre numerosa, e que geralmente engrossa com os cães vindos dos vizinhos, deve dormir encerrada em compartimentos fechados e seguros, no paiól da fazenda, por exemplo.

A' tardinha vão chegando os caçadores de mais longe, e á noite se discutem animadamente os planos da caçada, as melhores espéras ou cilladas, as mattas mais frequentadas recentemente pelas caças, e onde se deve fazer a primeira soltada dos cães, a segunda, a terceira, etc...

N'esta conversa vêm sempre a baila, matteiros do topétes, moradores no capão tal, matteiros de cangótes pellados, de tão velhos; uma anta, maior que um «juamento», agora frequentando tal roça ou sáindo todos os dias no barreiro de cima.

E narrando cada um as suas aventuras de caça, — o que viu d'uma feita e tambem o que não viu e deixou de ver muitas vezes, em companhia sempre dos seus compadres, assim entrou pela noite alta, cada vez mais animadas essas palavras, ao pé das fogueiras que as creanças não se esquecem de ir alimentando de novas tições, enlevadas e absortas nas historias de onças,

---

(1) *Atrellar* — ajaujar ou prender entre si os cães, por dois á dois, por meio de uma trella ou colhéra como é mais conhecida no Sul.

que são assumptos obrigados, n'estes cavacos em que põem um acento de verdade tão convincente, que a gente fica a pensar...

Pela madrugada, começam os preparativos; arceiam-se os animaes, escorvam se as espingardas, das antigas de carregar pela bocca, um curioso arsenal de *lazariños*, *pica-paus* e *legitimos de Braga*, dando tiros de polvora secca para o ar, tocam, businas, (1) attreham a cachorrada e, então, é um çneanto ouvir-se o alarido que fazem os legitimos veadeiros: espojam, escavam o terreno com as unhas, latem, ganiçam, esforçam-se por destrellar, sahirem, tudo n'uma visível anciedade de partir, de caçar....

Conhecido o plano, já combinado de vespera, cilladas, travessias provaveis, o cachorreiro segue logo para o lugar onde deverá soltar a matilha, que não cessa de latir, de fogosa, na ancia de partir a caçar como dizem.

As soltadas se fazem sempre ás cabeceiras ou pontas de mattos mais salientes, quando nos capões e mattos altos, e nos furados, quando nas grandes mattas virgens.

O cachorreiro desatrella os cães á beira do matto, onde se combinar a soltada, indicando-lhes a direcção, e estumando: (2) *iscóo!* *iscóo!*...

Rapidamente, insoffridos, com furia desesperada penetram no matagal, olphatando a relva orvalhada, farejando rastos.

Quando os cães são todos mestres, entram calados, a principio, mas vão farejando aqui e ali até encontrar rasto fresco, o que dão a perceber logo pelos *ensaios*,

(1) *Busina* instrumento de sopra, usado pelos caçadores para chamar cachorros. Produz um som aspero, semelhante ao da trompa metálica, porém muito mais agudo.

(2) *Estumar*, assanbar, açular, excitar os cães por meio de assovios apropriados — *iscóo!* *iscóo!*

barroando, engrossando n'um crescendo, á medida que a matilha se aproxima da caça rastejada.

Os caçadores que conhecem os cães pela modalidade do latido, um mais cheio, outro mais aflautado, conjecturam logo qual levantará primeiro e quaes os que estão *mentindo*, (1) quer dizer, ensaiando atôa, n'um rasto velho de perdida.

Em regra, os cães mestres não mentem, só quando muito velhos é que as vezes caducam nas pégadas deixadas.

O cachorro grito do quando em vez, estimulando a canzuada: — «ahi, Violento, ajuda Garimpo!....» e o ensaio continúa, sempre a mais, até que enfim, descobrem a caça, e, então, dá-se o que, em gíria, se chama *levante*, o que todos percebem pela mutação dos latidos que se fazem mais altos, mais animados, com uma intensidade *sôrte*, ininterrupta.

Isto significa que o veado já está de pé e se arroja de um pincho para o campo, fugindo e furtando-se aos cães que o perseguem, accudindo todos pressurosos ao toque do levante e todos secundando-o ombandeiando-o fazendo a cauda.

Nada comparavel, para ouvidos de caçador, a esta musica, que acorda a floresta inteira e cujos echos, repercutindo ao longe, pelas quebradas, pelas bocainas, pelos barracões, vão indicando a rota que leva o annicossado.

Estranha e magnifica symphonia florestal! Que divino artista capaz de reproduzir-te no magico instrumento, desde os primeiros compassos desordenados da ouvertura — *o ensaio* — até esse unisono da arrebatadora e selvagem pancadaria inicial do *levante*, tu que não tens methodo-nem cabes inteira nas pautas da mu-

---

(1) *Mentir*, diz-se dos cães, quando estão latindo atôa, no rasto velho, pouco decididamente.

sica civilisada? Tu que tens *rhythmo* e rima, mas, que escapam aos ouvidos profanos? Ah! por isso mesmo que és assim bravia, arrebatadora e insubmissa, é que te não chamam *classica* nos folhetins, nem te maculam a pureza da harmonia na aridez das polemicas d'arte...

Bem fazes, lá, naquella immensa solidão das florestas virgens do sertão, d'onde om toda magestade sublime das columnas grimpantes dos troncos arboraes, musgados, se evapora a essencia rica da baunilha loura quando as primeiras resteadas do sol penetram as clareiras, pelas manhãs claras de Setembro, após os dias de magnificencia prodigiosa das paisagens tropicaes!

Mas, não tarda o caçador a despertar do seu enlevo absorvente e perder a ultima esperanza da caça lhe sahir na cilada, ouvindo a detonação de um ou mais tiros—é que a caça saiu precisamente n'uma das esperas tomadas ou foi alcançada por algum dos companheiros. Se a matilha cessa de *tocar* é que o veado foi morto, ao contrario, isto é, se o caçador errou o tiro ou ferio mal o veado, o toque segue e com elle os caçadores, cerca aqui, cerca ali, cerca mais adeante.

Esta hypothese, ultima, as mais das vezes succede, porque, seja pela má collocação do caçador na cilada ou por outras circumstancias imprevistas e mui communs, o caso é que mesmo os melhores caçadores têm deixado passar a caça incolume.

Quem escreve estas linhas não occulta—já errou mais de um veado e bem errados que foram esses catingueiros—n'um campo limpo, á luz clara e gloriosa do dia.

Mas a desculpa, essa não se faz esperar, tão accetavel, tão persuasiva, como acódem sempre aos caçadores em occasiões taes.

E até n'isso vai algo de graça nas caçadas. Quando os companheiros são bons e despidos de tolas presumpções, o que não é raro se encontrar, dizem, mofando,

que a caça mijou na escorva da espingarda. Se a corrida prolonga-se, acontece o veado amoitar, (1) para descansar ou illudir os cães, e novamente levantado, já não leva a mesma velocidade na carreira, por ter os nervos entorpecidos.

Este entorpecimento é explicavel: paralisação brusca e total de todos os membros até ahí no maximo movimento e destenção; e, n'este caso, torna-se facil de ser agadanhado pela matilha.

Cousa curiosa! Póde se sangrar um veado, martyrisal-o mesmo, que elle supporta tudo resignado, mas apenas os cães *atravincam-lhe* os dentes, soltam bérros pungentes que cortam o coração do homem.

E não devo encobrir, que quando é em Goyaz, que assisto á estas scenas tristes, a minha dôr é maior, mais sentida, porque me parece que o que está ali a agonisar e a morrer, sob meus olhos, é um patricio, não um animal bravio, qual, embora inoffensivo, a gente faz gosto em mata-lo daquelle modo tão desapiedado!...

Veze ha, porém, que o veado errado na vespera, escapa aos cães, cabindo n'agua e, rodando á mercê da correnteza do rio, sáe mais abaixo, pela barranca opposta, o que facilita as perdidás, maxime quando o rio é volumoso e a matilha já vem extenuada pelo cansaço.

Ahi é que se põem á prova os bons cães.

O veado matteiro que logre escapar uma vez, torna-se extraordinariamente velhaco, arisco e precavido.

Basta ouvir, passados dias, ensaios de cães, para ariscar os cascos no chão immediatamente; e, ás vezes, até, muda de matto, em procura d'outros mais longinquos e não caçados.

O catingueiro, este sim, só deixa a moradia, com a

---

(1) *Amoitar* -- esconder n'alguma molta; o matteira amoltou no capão.

propria existencia, e zomba, o mais que póde, de nós caçadores.

Pareco até que tem prazer em ser perseguido, como tambem o seu companheiro camocica.

O guatá-pará não nega *espera*, faz uma carreira atirada, n'uma defeza levando sempre o mesmo rumo e é o que o caçador aprecia, porque dá de redea solta ao animal e póde, assim, cercar a corrida em varios pontos e egualmente conseguir atirar mais d'uma vez, se por ventura erra o primeiro tiro.

Caçadores ha que nestas occasiões não medem o perigo, como sejam as rodadas do animal, devido aos buacos de tatú, vallados, atoleiros e outras entraves, que se lhe deparam de caminho.

Ha outros processos de dar caça aos veados e consistem em separal-os de tocaria, que é um esconderijo, onde se mette o caçador para surprehender a caça.

Fazem para este fim o que se chama giráo, no Pará, *mutam* (1) especie de palanque suspenso dos galhos das arvores—pequizeiro, tamboril, faveiras e outras que os veados frequentam.

D'ahi, desse como que mirante, o caçador observa tudo e que se aproxima e póde atirar até mesmo na escuridão da noite, o que é facil, desde que junto do ponto de mira colloque uma cinta envolvente de algo-dão em rama.

Por esse meio descobre-se nitidamente o ponto da mira, como igualmente o vulto do animal sobre o terreno.

Quando o giráu é nos barreiros o caçador deve estar sempre vigilante por causa das onças que ahi vem apressar toda especie de caça.

---

(1) *Mutan*—especie de palanque de sobre o qual se espera a caça no matto ou o peixe á beira d'agua para frechal-o. (J. Verissimo).

De traição ou tocaia é que caçam os individuos que não tem cães e que são precisamente os matadores de toda caça miuda ou imundicies, como dizem.

O caçador deve trepar para o giráo ao cáir da tarde, á hora em que as cutias vêm ; depois seguem, as pacas, os caitetés, os veados, as antas e, em horas indeterminadas, o infallivel cangussú—o terror dos animaes.

As caçadas de espera á traição se fazem geralmente na sêcca ; pelas noites luaradas de Agosto e Setembro, época em que cáem as flores dos pequizeiros e tambem as fructas das faveiras d'anta, da tarumá e outros fructeiras procuradas com avidéz pelas caças.

Não se deve descer do giráo para apanhar as caças, o que no entanto dá lugar muitas vezes ao cangussú suspender com ellas, sem cerimonia.

Nos sitios perigosos, quem subir para a tocaia ao anoitecer só poderá descer pela manhã. Dado o tiro, o caçador deve permanecer immovel, sem fazer bulha, até obra de cinco minutos passados, por isso que os animaes que vêm se aproximando ao ouvirem o estampido, pairam, *assumptando* se ha qualquer cousa no ar...

Ao menor ruido, nessas occasiões, tudo deserta.

Caçam-se tambem á traição os veados do campo, galheiros e campeiros. Elles têm hora certa de beber nas vertentes e cabeceiras dos burytisaes, onde o caçador se occulta para matal-os.

Geralmente os caçadores sãem ao encalço dos veados pelos campos, vagando átoa, sem rumo, e quando os avistam, *cortam o vento*, isto é, tomam o lado o contrario, ao vento, ou antes vão de *peito-vento*, negaceando de rasto pela macéga a distancia de tiro seguro.

Quando não estão caçados os veados do campo, deixam a gente se approximar d'elles, mesmo em plena queimada, o que não é difficil, desde que se leve bem a vista, um panuo escarlato desdobrado. Essa estranha



côr causam-lhes certa curiosidade de reconhecerem o espantallo de perto e assim se approximam ligeiramente, intaigados.

Para tal fim os sertanejos vestem o ponche (1) as avessas, deixando apparecer a baêta vermelha do forro; tambem o fazem de palmeiras, de folhagem, que levam á cabeça e o peito tambem coberto de palmas pendentes; mas, quando d'este modo, o caçador só devo levantar-se de sotavento, quando o veado olhar para outro ponto ou pastar de cabeça baixa.

Desta maneira a gente consegue chegar a bom alcance de tiro, sem lhes despertar nenhuma desconfiança, nem ariscal-os.

Este processo de caçadas que é invenção dos indigenas, tambem se uza nas caças das perdizes, arremedando-lhes os pios por essa occasião. Nas proximidades dos grandes rios a carreira do veado, como a da anta, é feita directamente para suas aguas, para onde os leva o instincto de salvação.

Ahi o caçador já collocado na espera, á margem, quando não atira em secco, mette-se n'uma montaria (2) e consegue pegal-os facilmente, dando-lhes de ramo ou varejão.

A montaria deverá costear a margem, tão perto quanto possivel, de modo a não ser vista pela caça, que procura a ribanceira antes de cair n'agua.

Quando se caçam veados ou antas á margem dos grandes rios ou lagôas onde ha jacarés, não se deve levar cães, porque arrisca-se a perdêl-os pela certa nos

(1) *Ponche*, vestidna de panno azul formado de baêta vermelha, redondo ou quadrada, aberta no centro, por onde se mette a cabeça.

(2) *Montaria*, pequena canôa ligeira, cons rido de um só madeiro.

dentos vorazes d'estes ferozes amphibios, principalmente quando os ha de papo amarello *arúras* ou *aruands*, como lhes chamam no Amazonas.

Esta praga apenas ouve o ganiçar de cães, põe incontinente os cornos fóra d'agua, á espreita, e o infeliz animal que alli cáir é devorada n'um abrir e fechar d'olhos.

A caçada aos veados se pratica tambem de armadilha, que consistes n'um processo complicado, de engatilhar a arma na espera, durante a noite; mas não aconselho a ninguem este processo, que é perigoso e tem sido causa de muita desgraça no sertão, onde elle ainda está em voga, mas, particularmente nas caças de capivaras e pacas.

Para finalizar este capitulo, offereço ao leitor a seguinte descripção e morte de uma matteira, narrada minuciosamente por ella mesmo.

E' um importante documento inedito, intitulado «Conto da matteira» e que certo interessará tambem os que estudam o *folk-lore* do Brazil-Central.

Copiei-o de um manuscripto antiquissimo, quasi inintelligivel, motivo a que se deve attribuir a supressão ahi de alguns versos :

## CONTO DA MATTEIRA

Antes que dê principio  
A contar minha vida,  
Acho muito acertado dizer  
Onde eu fui nascida.

Fui nascida n'uma fazenda  
Rica de capão e matta,  
A qual se não me engano,  
E a fazenda do Grata.

Della os seus tres filhos  
 Eram os possuidores  
 Quando fui perseguida  
 Dos féros caçadores.

Dentre elles o João de Souza  
 Era quem mais me aborrecia.

. . . . .  
 . . . . .

E' caçador de muita fama  
 E não gosta de busina,  
 Grita quo rasga a guela  
 Quando estume a Tarina.

Estando eu amoitada  
 Certo dia na espera...

. . . . .  
 . . . . .

Avistei Manoel Pereira  
 Com a sua espingarda:  
 Parei logo de repente  
 Errou-me um tiro parada.

Logo d'ahi'a pouco  
 Deram-me outra carreira;  
 Levantei no sucury,  
 Procurei a capoeira.

Nesse dia com effeito  
 Eu vi as cousas feias:  
 João de Souza me atirou  
 No dobrar p'ra o *Areias*.

Certamente não morri  
Porque não era hora ;  
Dois tiros ali tomei  
Agucei e fui-me embora.

Fui d'ahi me amoitar  
Na beira de um ribeiro  
Quando me vi assaltada...

. . . . .

Estava eu aborrecida,  
Caçada como o demonio,  
No saltar de um estreito  
Topei com Chico Antonio.

Ahi passou-me um tiro  
Com grande afadigaçãõ :  
Quando pulei pr'o ar  
Pegou o chumbo no chão.

Entrei logo n'um capão  
Procurando outro carreiro.  
Aonde João de Souza  
Errou parado um galheiro.

Fui um dia de passeio  
Na capoeira de um capão,  
Logo fui atormentada  
Pelo cachorro Sertão.

Cuidei que não era nada  
Por elle andar sosinho,  
Topei com Chico Antonio  
No saltar de um caminho.

Ahi errou-me outro tiro  
Eu não sei de que maneira,  
Chico Borges foi em casa  
Para buscar a Faceira.

Finquei os cascos no chão  
Saltando páus e coiváras,  
Veio o dono da Faceira  
E logo errou uma Irára.

Atravessei então o matto  
Ou não sei se capoeira,  
Acunhei por uma estrada  
Esbarrei n'uma porteira.

Voltei d'ahi para trás  
Por dentro de uma roça ;  
Esse dia com effeito  
Tomei uma grande cóça.

Fui d'ahi tão espantada  
Por me ver tão perseguida  
Que disse cá para mim :  
Deste modo estou perdida !

Mudei do Sucury  
Para o capão do meio  
Aonde triste vivia  
Sempre com arreceio.

Estava eu amoitada  
No dito capão um dia,  
Quando me vi perseguida  
Pela malvada Alegria.

Levantei-me do repente  
Debaixo d'uma coivara  
Finquei os cascos no chão  
Procurando a Taquara.

Fugi de minha carreira  
Por me temer da morte,  
Fugi da beira do correjo  
Fui saltar pelo serrote.

Avistou-me Chico Antonio  
Foi-me tomando a dianteira  
Ahi errou-me outro tiro  
Antes de entrar na capoeira.

Acudiu José Bernardes  
Perguntando se morreu,  
« Acócha lá para os fundos »  
Chico Antonio respondeu !

D'ahi procurei o correjo  
Para poder escapar,  
Aonde fiz muitas passagens  
Para a cachorrada enganar.

Dei graças ao Altissimo  
Por eu della me livrar  
Fui para o capão do meio  
Onde tornei amoitar.

Estando um dia deitada  
No dito capão do meio  
Ouvi bater a Prenda  
Fiquei com bem receio.

Veio vindo a demoinha  
Sem dizer nem Deus te salve,  
Fui correndo para fóra  
E topei com João Alves

Quando avistei o homem  
Fiquei para não viver,  
Por ser caçador velho  
Tive medo de morrer.

Foi o velho me avistar,  
Apromptou sua espingarda,  
Fui paçando de repente  
Tomei um tiro de enfiada.

Inda contei por feliz,  
Porque elle me errou,  
Apontou outro cano  
A espoleta arreventou.

Fui d'ahi bem satisfeita  
E tratei de ir embóra ;  
Enganei a cachorrada  
Acunhei mundo afóra.

Acompanhou-me João de Souza  
Topou-se com um porqueiro  
Que disse — «passou mancando :  
Entrou perto do coqueiro.»

Entrei no dito capão  
Dobrei para o Sucury  
Aonde fui descançar  
O resto do dia ali.

Indo José Bernardes  
Um dia também caçar  
Tive ainda a infelicidade  
De um cachorro me tocar.

Assubi pelo Sucury  
Dobrei para a capueira,  
Onde por meus peccados  
Errei a minha carreira.

Por causa d'essa errada  
Já ia me saindo mal  
Quando dei parte do mim  
Estava d'entro de um quintal.

Estando d'entro do quintal  
Ouvi um pequeno grito  
Dizendo um para o outro  
— « Primo olha um cabrito. »

Destorci logo do grito  
Indo sempre na carreira,  
Ouvi outra voz que disse :  
« Não é cabrito, é matteira ! »

Levantou-se o Chico Borges  
Gritando : « venha a espingarda »  
Foi uma velha buscar  
Achou-a descarregada.

Saltei pelo pateo afóra  
Com o Borges na rabada ,  
No saltar de uma cerca  
Quasi que fui pegada.



Sahi tão espantada  
Por uma estrada lóra  
Que afinquei o casco no chão  
Acunhei e fui-me embora

Assubi por esta estrada  
Seguiram-me até o espigão  
A essa hora de certo  
Já eu estava no capão.

Ali estive alguns dias  
Vivendo mas socegada  
Quando vejo José Bernardes  
Com a sua cachorrada

Saltando elles no matto  
Gritando — Passou, macaco!  
Veio vindo o tal cachorro  
E eu me vali do casco...

Fui salvando no campo  
Avistei-o na Lobeira  
Tratei de fugir d'elle  
Procurando outra carreira.

Estava o tal caçador  
Com as barbas como um monge  
Ahi passou-me um tiro  
Errou por atirar longe.

A distancia que atirou  
Podia bem me matar,  
Se ainda tenho vida  
Foi por elle me errar.

Elle quer se desculpar  
Que foi pela distancia,  
Mas tenho ouvido gabar  
Que a arma é de fiança.

Deus me livre d'esta arma  
Emquanto eu tiver vida,  
Se tomar o chumbo d'ella  
De certo que estou perdida.

E os trabalhos que passei  
Desde que sou nascida;  
Não sei o que será de mim  
Até o fim de minha vida.

Estava eu no Sucury  
Dia 23 de Agosto  
Esse dia pr'a mim  
Foi o de maior desgosto.

Estava eu bem socegada  
Remuendo o meu capim,  
Quando ouvi latido  
Do cachorro Clarim.

Puz-me logo a imaginar.  
O que seria de mim,  
Quando fui escaramuçada  
Pelo maldito Clarim.

Levantei de minha cama,  
Procurei a capueira,  
De vez em quando eu parava  
Por levar muita dianteira.

Topei com Chico Ramos  
Na ponta de um serrote,  
Ahi passou me um tiro  
Que causou minha morte.

Em que hora desgraçada  
Vi eu por aqui passar!  
E topar com este velho  
Para elle me acabar...

O velho me viu longe  
Com grande satisfação,  
Foi-me passando fogo  
E atirou-me no chão!

Veio vindo Chico Antonio  
Contando sua chalaça,  
Foi dizendo para o velho:  
«Agora não teve graça»!

Estava agonizando  
E esperneando no chão,  
Quando ouvi esta voz  
Movida de compaixão:

Eu sabia de promessas  
Que fizeram a meu favor,  
Mas as Almas não puderam  
Livrar-me d'esse aggressor

Antes que me acabasso  
De todo o conhecimento  
Lembrei-me, era preciso,  
Fazer o meu testamento.

Não tenho bens de fortuna  
Nem possuindo nada  
Deixo o meu infeliz corpo  
Para toda cachorrada.

Deixo para o Clarim  
A minha triste fressura  
Porque muito trabalhou  
Para a minha desventura.

Deixo para o Palacio  
O meu quarto esquerdo,  
Porque quando me topava  
Me fazia muito medo.

Deixo o quarto direito  
Para o cachorro Chibante,  
Porque quando me avistava  
Tinha um correr galante.

Deixo a minha pá direita  
Para o cachorro Prenda,  
Porque por muitas vezes  
Não tivemos contenda ;

Deixo a minha pá esquerda  
Para o cachorro Alegria  
Porque quando me tócala  
Muito me aborrecia ;

Deixo as ninhas costellas  
Para a cachorra Turina,  
Porque quando me avistava  
Ficava muito mofina ;

Deixo o meu pescoço  
Para a cachorra Mocinha,  
Por ella me ter tocado  
Algumas vezes sosinha;

Deixou minha rabada  
Para o cachorro Deserto  
Porque quando me tocava  
Nunca andava perto;

Para o Chorão e a Menina  
Deixo o meu triste fato  
Porque não me aborreciam  
Quando entravam no matto ;

Deixo a minha pobre pelle  
Para o meu Aggressor  
Porque ella lhe penteneo  
Pela lei do caçador.

Não tenho eu mais nada  
A deixar para ninguém  
Perdão a todos os cães  
Para me perdoarem também.

**Eis ahí a representação fiel de uma caçada, descripta com expressiva côr local, e onde, prestando attenção, facil será o leitor conhecer não só os habitos de vida, como as manhas e astucias do veado quando perseguido.**



## A CAÇA AO TAPIR

Para muitos caçadores, e entre elles está quem escreve estas linhas, não ha ahí caçada que mais emocione, que mais deleite e que mais satisfaça como a da anta—esse possante quadrupedo que, excepção do Guanaco, nenhum outro excede em dimensões na America do Sul.

Segundo Ladisláu Netto (*Investigações scientificas sobre o Museu Nacional*) o nome *Anta* não é nosso—é palayra alterada da lingua africana, e serviu, como agora ainda, para designar na Costa d’Africa um grande animal que dizem ter alguma semelhança com a Zebra ou Buffalo.

TAPIRA, nome tupi do *Tapirus americanus*, a que os hespanhóes e portuguezes impuzeram o de anta. Os francezes lhe conservaram o nome primitivo sob a fórma tapir, e os Zoologistas o latinisaram, para distinguir o genero a que pertencem as diversas especies, tanto americanas como indiaticas desse pachyderme. Na linguagem vulgar do Brasil é nome completamente desusado. (Beaurepaire-Rohan.)

TAPIR (*Tapirus americanus*) tapira caapoara enborevi dos indigenas e anta na nossa lingua.

Ha duas especies hem distinctas de antas no Brasil Central, a *anta-sapateira*, que é a especie acima classificada, e a *anta-xuré*, que, me parece, vom a ser a *Tapirus Roulinii*, habitante dos planaltos dos Andes, de Quito e montanhas do Equador, e cuja existencia no Brazil o illustre Sr. Emilio Goeldi diz ser questão ainda aberta.

O mesmô escriptor diz que se encontra em Minas, e eu affirmo que em todo o Brasil Central, uma especie de Tapir, ahi conhecido pelo nome de *xuré*, talvez identico ao Tapir Roulinii.

Intrigado com o assumpto, vim o encontrar mais tarde em Charles Dórbigny, como tambem em Brhen, a discripção exacta da nossa anta xuré ou acuré, feita pelo naturalista Rolin, que a considerou, com razão, especie nova.

A sua existencia no Brasil Central explica-se considerando que essa região está ligada ao systema orographicico dos andes por uma lingua de terras altas, co-rodada de morros, que passa a O. do Madeira e cabeceiras do Purús e fórma a *divortia aquarum* das duas grandes bacias do Amazonas e do Prata.

No interior a sua existencia é mais frequente nos lugares mais altos e pontas de matto.

Seja lá como quizerem, certo é que as alludidas especies se distinguem a olhos vistos não só pelas dimensões como tambem pelo polagio, custo e cinzento o da primeira destas especies e mais longa e espêsso e bruno escuro, da segunda.

De mais a *xuré* é um tanto fauveira, como notou Tschudi.

Com a profiessencia que todos admiram e eu invejo o auctor dos «mammiferos do Brazil» assim descreve a primeira d'estas especies :



«Distinguem a anta a forma pesada, suina, a cabeça espessa o nariz conicamente alongado que se projecta em tromba, mas sem o disco nasal do focinho de porco; olhos pequenos, grandes orelhas erectas e extremamente moveis como as das especies de cavallo; cauda curta, crinas curtas, asparas nas costas, pernas com quatro dedos adiante e trez atraz.

A anta está espalhada por grande parte da America do Sul, desde o extrema Norte até o Prata, e, transversalmente, desde os Andes até as costas do Oceano Atlantico, e dentro deste territorio por toda a parte está bem, onde quer que mattas extensas, pouco trilhadas pelo homem, defrontem rios e arroios, lagos e brejos. Tambem por vezes percorre terrenos seccos e pobres d'agua, mas estes servem-lhes apenas de passeio.

Em regiões habitadas leva vida principalmente nocturna; em trechos tranquilllos, onde não ha gente de manhã e á tarde está sempre em movimento, excepto ás horas quentes do meio-dia que passa dormindo. Gosta de banhos e banha-se muito; a agua é elemento em que dá se perfeitamente. Sua alimentação consiste em diversas especies vegetaes: na matta procura os fractos das bucurbitaceas indigenas (tayuyá e outras) e Passiflora (maracujás), pasta tambem nas macégas dos Campos serranos.

Das roças tira a canna de assucar, milho, batatas, melões, o nos logares em que é pouco perseguida, produz ás vezes estragos consideraveis. Gosto de visitar de vez em quando as barreiras em que o sal aflora

A anta é animal circumspecto, cuja audição e olphato são mui desenvolvidos; grande é sua força muscular, que lhe permite atravessar correndo as mattas trançadas de cipós e matto. Foge de preferencia na direcção de alguma corrente. A femea pare uma cria unica,

cujo couro com suas rajaz brancas longitudinaes differo muito do aspecto do pello da anta já criada.

Com frequencia encontra-se a anta captiva, principalmente entre Indias que moram em rios, onde então representam o papel de porco domestico. Criada de pequena torna-se mansa e acostuma-se com qualquer alimentação. Entretanto as antas que tem chegado aos jardins zoologicos da Europa, em regra passados alguns annos, enfermam dos pulmões e morrem.

E' muito caçada, tanto por causa da carne saborosa, como por causa do seu couro, muito apreciado pela espessura e resistencia para os trabalhos de longadura.

Sebro sua reprodução, quando captivos, nada se sabe. A gordura do pescoço, vulgarmente chamada cacho, e os cascos gozam, em muitos lugares, da fama de medicamentos.

No Estado do Rio de Janeiro a anta foi rechaçada para as mattas mais altas e invias da serra dos Orgãos. Que eu saiba, ha muitos annos que aqui não se mata um exemplar, apenas alguns individuos ainda existem. Nas visinhanças de Nova Friburgo, encontrei a alguns annos rastos indubitaveis, e modernamente tambem nas adjacencias de Theresopolis, mas só em serras em que a jaça é difficil. « Certo é que o Tapir no actual Estado do Rio tende a extinguir-se. »

E' de vêr n'uma corrida de anta a furia com que ella se avança ou se arroja d'um pincho ao campo, fendendo o matagal, despedaçando as enredanças presas dos cimos frondosos, a pancadas resoantes, que se ouvem longe, a cima do dorso de meio palmo orichada ao vento, bamboleando a trompa, recurva como a do elephante, soprando guinchos, assovios agudos, e tudo levando em debandada na sua passagem ruidosa — enredanças caissáras, (1) cercas, finalmente, tudo que se depara na

(1) *Caissara*; especie de cerca morta, isto é, aquella que é formada de forquilhas e garranchos.

sua frente... E, ai da incauta creatura, que n'essa devastadora passagem não ceder de prompto o carreiro ao animal; será espatifada a patadas e a golpes de tromba.

A força da anta é tamanha, que ella consegue oscapular ás sucurys, *Euneetes murinus*, (2) quando enlaçada por estes amphibios, cuja contextura é flexivel e elastica como aço e tão resistente como um cabo de navio, com o que se assemelha.

A sucury ou sucuryuba, como é conhecida no Norte, faz suas presas da seguinte maneira: prende a extremidade da cauda, que é revestida d'uma formidavel unha, ás partes fortes das raizes do solapa no fundo do povo, que serve de bebedouro aos animaes (gado vaccum, cavallar, veados, etc.) e a parte superior do corpo ella occulta um rodilho nas macegas altas ou aguapés das margens; e ahi espera, de espreita, a primeira criação que se approxima para, de um bote certo, atravincar-lhe os dentes e rapido arrastal-o para dentro d'agua.

Para o fim de engulir a sua presa, depois de babal-a toda d'uma gosma viscosa e fétida, envolve-a nos fortes annéis que apertam até tritinar os ossos todos, deixando o corpo da victima que nem um sacco de areia.

Só não consegue é quebrar os chifres do gado vaccum ou do cérvu; e, então mette se n'agua afim de ali a armação cahir putrefacta, gestão esta inorosa c que reclama muitas semanas.

(2) *Sucuri*, especie de amphibio do genero *Bóá*, que chega a ter mais de oito metros de comprimento; v ve nos rios e lagos do interior, e é terrivel por sua voracidade. No Pará lhe chamam *Sucurijú* (Baena); no Maranhão *Sucurujú* (C. A. Marque-); na Bahia *sucuriuba*; e em outras partes *sucurijuba*, *sucuriu*, *sucurujuba* e *sucuriujé* (B. aarepaire Rohan)—*obr. cit.*

Lembram os monstros fabulosos, esses gigantescos amphibios assim armados de esgalhos de touro, aquecendo-se ao sol, o cabaça de serpente fóra d'agua !...

Afirmam-se que matam os animacs apresados simplesmente pelo cansaço, deixando que elles já enlaçados se esforcem e tomem distancia para depois puxal-os bruscamente, aos arrancos violentos, para juncto do poço, onde tem mergulhada a resistente cauda apprehensora.

Com a Anta, porém, o caso muda de figura, que este possante animal a levaria d'um só arranco e expol-a-ia ao secco, muito longe d'agua, fóra da qual não vive, se ella insistisse em não desprender os dentes da presa. E' o que ás vezes succede aos sucurys ahi por esses banhados do sertão.

A Anta é um animal tão rotineiro e insensível á dor, que os nossos caipiras, para darem cabo d'ella, antes que, por seu turno, ella lhes dê cabo das suas planções, costumam collocar a noite nos cavreiros que vão dar ás roças, laminas de faca ou mesmo de malhas, encastoadas em estacas fincadas perpendicularmente e que possam attingil-a pela altura do peito; e a sua contumacia é tal que nem vendo aquelle perigo se affasta do trilho e assim se corta desde o peito até a extremidade da barriga, indo mesmo neste lastimavel estado morrer longe, deixando a sua passagem pelo matto fóra assignalada pelos pedaços de bofes e tripas que vão-se desprendendo.

Então, logo pela manhã bem cedinho os individuos que lhe aprontaram aquella traiçoeira armadilha seguem as pégadas, que são os vestigios de sangue deixados nas folhas, até encontrarem-n'a muitas vezes ainda viva. Os indigenas para matal-a hervam as settas com *curare*.

O auctor do «Manual do Caçador» diz que é ordinaria a carne da Anta, e que só se póde comel-a, depois

de haver estado de molho no corrêgo, vinte e quatro horas. Que assim fica branca, sem catinga e não dá lepra essa carne!

Desta falsa opinião não compartilham os caçadores do sertão, onde ella é tida como tão boa ou melhor que a do veado e até hygienica.

E' de uma colloração quasi rosea, com matizes sanguineos, sem catinga, de um sabôr muito agradável, principalmente a do lombo. A paquera moquiada ligeiramente e ainda quente é uma delicia, faz-se tão toura como um *omelet au rhum*.

Quer-me parecer que o illustre diplomata, a quem se attribue aquelle livro, nunca provou dessa succulenta carne, pois do contrario não avançaria aquella proposição, ou talvez que a Anta que elle assistira a matar em Petropolis, de certo devia estar pestida de carrapato ou bichos de pés. Basta duas razões seguidas de carne de Anta, para engordar um cão, limpando-lhe a gafeira e morrinha.

Dizem até os caçadores que esta alimentação produz nos cães effeitos semelhantes aos da cantharida. A gordura do cacho, que attinge a dois dedos de espessura, é muito procurada para fomentação em dores rheumaticas.

A sua pelle de uma espessura e resistencia admiraveis, é muito estimada para trabalhos de corréria, principalmente para redeas, cabeçadas, rebenques, chicotes, etc.

Deve ser esfolhada a pelle, antes de se espichal-a, pois depois de secca, é difficil esta operação neccessaria. Mesmo assim este animal é muito atormentado nos tempos quentes e tormentuosos, nos mezes de Agosto e Setembro, pelas mutucas e tavões — insectos cujas mordidellas, ou picadas dolorosas que são seguidas de inchações.

Para evitar estes mosquitos molestos, ellas procuram

os rios, onde passam o dia, mergulhadas apenas pondo a tromba fóra d'agua, de quando em vez, para respirar. Os caçadores que já conhecem estes habitos, procuram os rios nas horas de calor, e onde enxergam um moscardo á flor d'agua, é signal de que ali está uma Anta, de mergulho e que não demorará muito a vir a terra. E' este um dos mais seguros processos de caça para os que não tem cães anteiros.

A Anta é caçada com cães veadeiros, do mesmo como que o Veado, sendo as corridas e ciladas ainda as mesmas, apenas a differença que ella dá acuação, apoz uma carreira regular através dos cerrados e alcantis, antes de esquentar o corpo.

Acontece muitas vezes que mesmo ferida de um ou mais tiros de bala, a não ser nas partes mortaes — atraz da orelha ou no alto da cabeça — para quem atira de frente, ella prossegue, levando a mesma rapidez. Então como diz o poeta :

« Pendente a lingua rubra, os sentidos attentos.

Ingenita, rastejando os vestigios sangrentos.

A matilha feroz persegue enfurecida.

Allucindamente, a presa mal ferida».

Ahi já ella não tem outro recurso, vae de vez se refugiar n'agua, escolhendo nos campos as poças mais fundas, onde póde mergulhar.

Os cães ladeiam o poço, acuando ruidosamente; todos a um tempo, até que, quando pelos latidos, o caçador se appróxima da acuação; a anta mergulha de quando em vez demorando debaixo d'agua, tempos esquecidos. Quando o cerco não é reforçado, ao ver o caçador a anta esforça-se por escapullir, ganhando a rebanceira de um salto e levando atráz toda a matilha, que lhe crava os dentes, procurando curval-a, mas em vão. O caçador deve atiral-a, como já disse, na chapadinha, atráz da orelha, ou, quando de enfiada, na ommoplata inferior, no sovaco, detraz da pá dian-

teira. Quando é raso o poço, onde cai, a anta dá acuação, tomando pé o que é um perigo, pois pôde esfrangalar toda uma mantilha; o caçador mesmo na tentativa de sangral-a n'essa occasião, não deve facilitar com esse estouvado animal.

Para o leitor fazer a idéa das peripecias e perigos que offerece uma caçada de anta, quando acuada n'um grande rio reproduzo aqui o que se vai lêr:

« A anta não consentiu que se a atirasse: correu para o matto, onde procurou embrenhar-se; os cães porém atacaram-na de fórma que bem depressa ella surdiu de novo na praia, e precipitou-se de novo n'agua.

A praia estava coberta de caçadores. Eu metti-me dentro de uma montaria, dirigi a prôa para cima do animal, e, apezar do enthusiasmo da caça, não deixei de sentir o perigo que podia haver, já não digo de sermos precipitados no meio d'agua, mas, de sermos atirados no meio da confusão que reinava. O cão que havia tirado a anta e que se chamava *Navio*, precipitou-se atraz d'ella no meio do rio, e, nadando estorçado, captava a attenção e applausos dos caçadores que o animavam com gritos.

De repente, porém, um enorme jacaré surgiu da margem opposta e frêchou direito sobre o pobre animal; estava elle perdido; o monstro d'agua nadava com uma velocidade de vapor, e as prezas do cão seriam impotentés contra a armadura cornea com que a natureza brindou um ser tão inutil: virci para esse lado minha canôa; os remadores feriam as aguas com todo o esforço de seus energicos musculos. — Salve-se o cão! — diziam todos. As distancias porém eram grandes e, enquanto luctavamos contra a corrente, a féra se approximava, ganhando sensivel terreno sobre o cão; felizmente porém mais veloz do que o nado do jacaré é a intelligencia do homem.

Quando elle pensava apertar em sua queixada mon-

struosa o corpo palpitante do pobre animal, uma bala certa interrompeu-lhe a carreira, e o sepultou no abysmo.

Desapparecendo o jacaré proseguimos a perseguição da anta á qual chegamos por pé em terra. Atirei-lhe na cabeça, mas sem resultado; ella afundou-se de novo; ao surdir, tornei a atirar sem tambem grande resultado; a espessura do couro deste animal é tal que os tiros, a não serem com bala, só são mortaes na parte inferior da omoplata, ou no alto da cabeça para quem atira de frente, visto serem separados por uma abertura de tres a quatro linhas os ossos que constituem o craneo.

Se tivéssemos facas poderíamos matal a, visto que, ao mergulhar demos n'ella com os remos, e quando surdio na borda do barranco, encostamos a ella nossa canôa, sem outro resultado mais do que o de escaparmos e de nos vermos alagados.»

Quando a onça assalta e cavalga o tapir, o que é frequente, este leva a pelo matto afóra, até que remetendo em desinfreado galope, por debaixo do esgalho d'uma arvore, consegue partir-lhe, de encontro, o craneo. Este facto é conhecido no Brazil Central, onde d'elle os caçadores dão testemunha, pois têm encontrado muita onça, com a cabeça espatifada, por esse engenhoso systema de caça, imaginado pelo circumspecto probasciano brasileiro — o molock das nossas florestas.

Quando não é bem succedido n'esta aventura, procura um poço mais proximo e n'elle mergulha, dando um banho forçado no terrivel carniceiro, que, imprudentemente, tratou apresal-a, não medindo a sua força.

E' um animal de habitos inveteradas, passeia, constantemente, seguindo sempre os seus trilheiros, os quaes, pela frequencia, fazem-se fundos e largos, como se fossem estradas reaes.



Um viajante que esteve na America contou á Buffon, que, pela sua inexperiencia, escapara de ser victima d'um d'estes animaes. Foi o caso de ter o moço armado a sua rêde de dormir, suspensa do duas arvores, em cujos intervallos passava o trilheiro d'um tapir, o qual, das 9 ás 10 da noite, seguindo o seu passeio habitual, metteu a tromba na rêde, que lhe atravancava o caminho, dando com o nosso homem no tronco d'uma arvore proxima, sem que se apercebesse mais do que do susto que raspava. Em seguida o animal proseguio o seu caminho, sem fazer caso, passando por cima de uns negros que dormiam ao pé d'uma fogueira, não lhes dando fé.

A copula da anta é cerimoniosa. Uma vez sujeitada, a femea dispara e corre logoas e logoas, levando o macho trepado. Uma occasião ao atravessar uma vargem, ao cair da tarde, se me deparou uma d'estas scenas, ás quaes eu não dava credito, quando me contavam.

Referindo-se a este quadrupede diz Geoffroy de S. Hilaire :

« Entre os pachydermes, um animal existe, cuja domesticação parece-me dever ser immediatamente tentada, é o — Tapir — e mais especialmente a especie americana que tão facilmente se poderá obter da Goyana do Brazil. »



## A CAÇA AOS QUEIXADAS E TAITETU'S

Perigosissimas e massantes são sob todos os pontos de vista as caçadas destes animaes ; mas em compensação a excellencia e abundancia da carne pagam prodigamente ao caçador os esforços, as fadigas e os sustos frequentes n'ellas.

QUEIXADA — (*Bicotes labiato.*) Tajucutiragua dos indigenas, canella ruiva dos brasileiros, pertence a familia dos suides : é maior que um grande porco domestico, pellagio escuro, coberto de rijas cerdas compridas e prateadas, com as extremidades amarelladas e finas como estyletes, dentes aflados, compridos, cortantes, como navalhas.

Vivem em bandos numerosos, e a sua presença é assignalada ao longe pela catinga que exhala e pelo estridente bater de queixos, d'onde, sem duvida, lhe veio o nome porque é conhecido no Brasil. E' animal piri-gosissimo por causa dos dentes e da tenacidade na aggressão céga á todo e qualquer objecto que se lhe depara.

TAITETU'S (*B. torquatus*), Tajaçú caaigoara dos in-

indigenas, porco do matto, caitetú, Taitetú ou Tateto dos brasileiros, pertence á mesma familia dos precedentes; com os mesmos habitos de vida, porém são elles menores e menos perigosos, porque só atacam quando aggreddidos pelos cães.

Andam em manadas ou varas numerosas, fuçando nos banhados, ou cavando raizes de plantas silvestres, quando não encontram roças ou plantações de milho, mandioca, batatas e outras raizes tuberculosas, que o homem planta e elles consomem em poucos dias, em companhia de seus parentes, os assanhados e temiveis queixadas.

Segundo Martins, o notavel naturalista auctor do *Glossario da lingua brasileira*, o seu nome de Tajaçú ou Taitetú, (1) como o general Couto de Magalhães quer que se pronuncie, vem das plantas chamadas *tayas*, *tayobas* etc, cujos bulbos elles róem e muito apreciam nas mattas virgens e capoeiras, onde habitam de preferencia.

Citadas por Emilio Goeldi julgo curioso transcrever aqui as seguintes linhas de um viajante que, diz elle, esteve ha pouco em Venezuela, caso este identico ao que já ouvi a um missionario que visitou as aldeias dos Carijós, Tupirapés e outras indigenas do Araguaya, domesticadores de animaes silvestres:

«Em geral os indios têm em seus ranchos um pateo de bichos á roda de si, no qual são frequentes

(1) Não posso passar em silencio que tal explicação etymologica dos nomes Tajaçú e Taitetú não me pareça exacta.

Julgo antes entrar na composição a palavra tupi tai-dente e póde ser que os dous nomes tenham a significação seguinte:

1. *Tai-açu* dente grande.
2. *Tai-tetú* (Tatú) que bate com o dente.

porcos do matto domesticados. Si por acaso a gente se approxima de taes cabanas, não é raro que venha receber a um Peccari ou Taiagu de cabello cacheado (talvez arrepiado), e fica-se de modo que não se póde ir nem para diante nem para traz e é preciso esperar que venha um habitante humano que aquiéte o animal assanhado. A's vezes passam-se dias antes de poder conseguir a amizade de tal Porco, que, entretanto, é a propria brandura para a sua róda».

As onças perseguem muito estes animaes, tanto o Taitetú como o Queixada. Sempre que se tópa com um bando de porcos é contar certo que por abi anda onça, pintada ou suçuarana, de espreita, a negaciar por detrás dos troncos e arvores derrubadas.

O rasto d'ellas é visto, sempre por cima das batidas, que assignalam a passagem das varas de porcos.

O general Raymundo da Cunha Mattos, no seu *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará*, escripto em 1822, refere-se a um famoso caçador goyano, de quem ouvira, que, tendo trepado a uma grossa arvore, perseguido por numeroso bando de Queixadas ferocissimos, os chamados *queixos ruivos*, de repente sentira que dos galbos mais altos cahiam umas como que gottas d'agua, como se estivesse chovendo; e, então, voltando as vistas para as grimpas, qual não foi seu espanto ao ver que menos de uma braça, era a distancia que o separava de uma immensa *pintada*, que tambem ali subira perseguida, fugindo á furia dos porcos assanhados.

O canguçú urinava de medo da manada, que em baixo, ao pé do tronco, batia os queixos n'um estardalhar medonho, como acontece quando o seu traçozeiro dizimador trepa.

As onças só conseguem apanhar os filhótes, ou um ou outro que fica mais atrazado das varas de Queixadas e isso muito ás pressas.

Ha duas variedades de Queixadas, —o preto, de grandes dimensões e que tambem chamam mundéo, por andar aos casaes, e o do queixo e canella ruivos, que é o mais terrivel e ousado.

Quando iriçam o pello, e batem os dentes, espalham no ar uma catinga acre, insupportavel, que tontêa a gente. Assim, si o caçador não tiver bom estomago, é capaz de cáir das arvores em que se trepar, quando elles formam enxame a róda do páu. Como já disse, a caçada deste animal é tão curiosa como cheia de perigos sem conta.

Ao presentirem os cães, cujos latidos os irritam sobre maneira, abre-se o bando em duas pontas, formando um grande semicirculo envolvente, circo este que cerra as extremidades, tão rapidamente, que ao caçador nem dá tempo de trepar n'uma arvore, ou por-se fóra do perigo dos seus dentes, que decepam as pernas como golpes de foices.

Seus golpes são como os de cobra, no sentido horizontal, da esquerda para a direita, mas não alcançam a mais de dous palmos acima do solo, o que vale aos caçadores. O caçador basta trepar a um tóco de uma altura daquella ou mesmo subir a um tronco de grossa arvore derrubada, para d'ahi dessa posição matar toda uma numerosa vara de porcos, que não se afastam emquanto a gente não imitar o latir do cachorro: Quando se tem em vista pôl-os logo em debandada, é atirar primeiro no que vem á frente do bando, pois sempre é um cachoço; então elles cáem sobre o ferido e depois de espatifal-o, fogem enraivecidos. Se atirar, porém, nos que ficam á retaguarda, mais afastados, os cabeças da manada, mais ousados e temiveis, não dão fé, nem se resolvem a afastar nunca d'aquella róda. As côres claras e vermelhas são para elles uma provocação séria; o caçador deverá vestir-se de escuro, pelo menos as calças, desta côr, que são justamente as dos cães que mais

facilmente lhes escapam, sem duvida, por se confundirem no meio do bando. Os cães brancos são, quando mettidos no cerco. esfrangalhados, feitos petécas no ar. Passeiam muito os porcos, percorrendo de tres a quatro leguas por dia, ás vezes; quando dão no milheral é uma devastação só comparavel a que assignala a passagem das antas. Começam a sair no milho ainda quando verde, pelas manhãs e á tarde, pois ás horas de soalheiros sesteiam ás margens de alagadiços; mas, quando se ariscam só voltam pela madrugada e ás horas mortas da noite, um dia sim outro não. Os taitetés têm os mesmo costumes e habitos de viver do queixada, mas não atacam, e levantados pelos cães, fogem, mettendo-se nas primeiras tócas ou buracos de tatú que encontram de caminho e ahí dão acuação, batendo os dentes, como aquelles.

Então o caçador, depois de estaquear a entrada da furna, onde enconvaram, introduz lá dentro uma especie de vassoura de folhagem verde-embedida em urina. Ao sentirem o cheiro de urina elles precipitam-se, forçando as estacas, momento em que o caçador deverá á atirar, sem perda de tempo, através mesmo das estacas, porque do contrario recuam logo, exigindo novamente o emprego do recurso acima indicado. Mas si de todo não quizerem pôr as fuças fóra do buraco outra vez, o unico meio será estaquear os suspiros, e em seguida queimar ramos verdes, capins, etc., á bocca do covil, que a fumaça lá penetrando os obrigara a sair. Que remedio! Em geral entócam dous ou tres catetos no mesmo esconderijo, outras vezes, porém, encóva um bando inteiro, isto quando o covil é bem conhecido ou lhes serve de moradia. Não ha carne; quer de caça, quer de animaes domesticos, comparavel á do queixada cevado nas roças; é d'uma côr rosea, tenra, sem catinga, e, sobretudo, d'um sabor delicioso. Dá mais carne que um porco domestico; sendq sua pelle muito apreciada, como tam-

bem a cerda, que serve de agulhas de costuras aos sapateiros do sertão.

Quando os queixadas estão *cevados* nas roças, os caipiras cercam-n'as de modo a só deixar em uma entrada livre, e de tocaia, á noite, esperam que elles entrem, fechando-os ali em seguida, quando já todos se acham dentro do cevado.

Assim, retêm durante muito tempo, podendo se utilisarem d'essa carne quando queiram, e mais ainda, até exportal a, como fazem para a capital de Goyaz, onde entrou em concurrencia vantajosa com a do porco domestico.

Corre uma superstição entre os caipiras, reminiscencias indigenas, talvez, que nas florestas desertas do sertão, quando se depara uma vara de porcos do matto, montado n'um cachaço que se desliga do bando, vindo mais atraz, está sempre o *cahapóra*, um grande macaco ou orangotango empunhando n'uma das mãos um grosso porrete ameaçador. De quando em vez dá um grito, para apressar a marcha da porcáda.

O *cahapóra* só é vulneravel no umbigo e para matal-o é preciso uma bala de cêra benta.

Jorge Velho, no seu livro «Campos Novos», conta de um habitante do interior de S. Paulo, que dizia não ter medo de onça nem de indios ferozes, nem de nada neste mundo, mas temia uma cousa: o *cahapóra*, que ás vezes apparece no matto, ameaçando tudo com a sua azagaia.

Nunca havia se encontrado com o *cahapóra*, confessava, mas podia jurar que esse mão genio das florestas tinha *incaiporado* a um seu tio, um dia.

Foi d'uma feita, quando o tio se perdera n'uma matta e já ao escurecer fizera um grande fogo, a fim de passar ali a noite.

De repente apparece o *cahapóra*, e chega-se soccadamente á beira da lareira, *p'ra aqueantar fogo*.



O tio tomou medo, fez gestos de incommodado, o *cahapóra*, porém, não deu fé, e pediu-lhe o cigarro para tirar uma fumaça.

Então, o nosso homem pega da espingarda, mette a bocca do cano na guella do importuno e descarrega-lhe um tiro, dizendo :

« Toma, eis o cigarro de que eu faço uso ! A espingarda estava carregada com bala.

O *cahapóra* toma o tiro, lança pela bocca uma baforada de fumaça, como se tragasso a de um cigarro, e diz tranquillamente — « Vosso fumo não é forte, mas tem bom gosto ! »

Depois, deu um piparote no tio e desapareceu.

Este ficou desacordado até o dia seguinte.

Esta crença encontra-se no systema geral da theogonia indigena, principalmente entre as tribus que habitavam e ainda restam no Brasil Central, á margem do Araguay — *Anhanga e cahapóra*, segundo as lendas tupis, colhidas por Couto de Magalhães, eram os deuses ou espiritos protectores da caça, este ultimo protegia as caças do matto, e os primeiros as caças do campo.

O *cahapóra*, um enorme macaco de corpo peludo, um olho no meio da testa, ninguem o podia ver sem que ficasse infeliz pelo resto de seus dias : « mas só era visto quando rodeiando uma familia inteira de animaes selvagens, se a pretendia extinguir ». Couto Magalhães — (*O Selvagem*).

Os caitetús tambem dão corridas como os veados, cahindo nas mesmas ciladas, de preferencia nas de jocainas estreitas e apertadas, entre morros ; — os queixadas, porém, nunca dão sécas aos cães, acúam logo, ou então investem, sem medir o perigo...

Não se deve empregar cães veadeiros nestas caçadas, para não vicial-os nem expôl-os a uma morte certa.



# A CAÇA A'S PERDIZES E CADORNAS

A perdiz e não a aguia, e para os caçadores a rainha das aves — a primeira caça de penna.

(Devoto de S. Huberto.)

Numerosos e apreciadissimos são os encantos que nos offerece a caça ás perdizes e cadornas a mais facil e menos massante de todas, porque se póde pratical-a até em viagem, á vontade, sem os incommodos e trabalhos que demandam as caçadas que se fazem nos mattos, beiras de rios e lagôas.

PERDIZ. — (*Tynamus maculosus*,) da Ordem dos Gallinaceos—familia *Tetraonidae* — côr parda, avermelhada, a parte anterior até a baixo da barriga mais desbotada, a parte posterior do dorso e as azas salpicadas de pintinhas; cocoruto escuro, cujas pennas se levantam arrepiadas quando foge espantadiça a vista do caçador. *Nhuan-pu-pê* dos indigenas, perdigão no sul, a casta, de que tratamos é originaria do Brazil e Republicas Platinas, onde são menores que as do Brazil Central.

Em Goyaz, quer ao norte, quer ao sul do Estado, a perdiz é considerada uma praga, tal a sua abundancia.

Distinguem-se ali duas variedades de perdizes, uma maior, carijó, quasi bruno, e que contrariando os habitos da familia, penetra ás capoeiras e campos de capim jaraguá, charravascaes e furados, que succedem ás roçadas de matta-virgem; e outra que não se affasta dos campos abertos ou taboleiros—o perdigão do sul.

As perdizes e cadornas fazem duas posturas por anno: a primeira vai de Outubro á Dezembro, a segunda de Fevereiro á Março.

A perdiz põe uma ninhada de nove a dezoito ovos; a postura da cadorna consta de trez a cinco ovos apenas.

Não creio que aquella seja nem mesmo uma variedade: o seu visivel maior desenvolvimentõ deve ser attribuido á riqueza de alimentação pois a pastagem de charravascaes e furados de matto, onde vive a cata de alimento é mais variada, mais abundante, sem duvida mais nutritiva.

Quanto á côr bruna penso que vem do contacto do capim gordura e do jaraguá ahi tão abundantes.

Cabe aqui lastimar com os naturalistas a falta no Brazil d'uma legislação renatoria que no periodo de encubação vedasse a caça ás aves, o que facil seria, tomando se para modelo o Codigo Napoleão, que vigora no mundo civilizado.

No *papel*, apenas sabemos de algumas posturas municipaes a respeito em São Paulo, em Porto-Alegre, por exemplo, mas nunca ouvimos que os innumerados contraventores pagassem as multas estipuladas ou fossem prezos alguma vez.

E' para mim roubar uma mãe ao ninho é crime mais punivel e abjecto que muitos outros que as nossas leis capitulam como taes.

Considerando que a caça é um *sport* que nós não importamos da Europa, como as corridas de cavallo, as

autoridades brasileiras se esquecem de zelal-o com as prescripções que em certos quadros do anno ella reclama a bem de nossos creditos de civilisados.

Quando (porque não dizel-o?) de longe em longe, a questão se agita na Imprensa — não falta quem aconselhe o estermínio por igual dos caçadores em todas as épocas do anno, com a sisudez do outro que aconselhava remedio para dôr de cabeça.... cortar a cabeça.

CADORNA (1) (*crypturas maculosus*).—*Inhambú-tinga* dos indigenas, impropriamente chamado cadorna ou codorniz pertence á familia das perdizes e a ella está intimamente ligada pelos costumes e habitos de vida campesina. E porém de povoações menores do que aquellas das quaes tambem se distingue pelo pio mais estridente e nada parecido, como por ser toda salpicada de pingos escuros e não ter cocoruto.

Ha igualmente duas variedades de cadornas—a commum e a buraqueira, esta menor e mui velhaca. Quando perseguida entoca-se nos escusos buracos de tatú que existem em tão grande quantidade pelos campos do interior.

Dizem que o macho dessas aves é que cobre os ovos durante o chôco, e que depois da postura conduz a ninhada pelo campo fóra, ministrando-lhe os primeiros cuidados, que além da alimentação consistem em occultal-as ás vistas avidas de diversas aves de rapinas, da

(1) Este termo é hespanhol, vem do grego *ORRYX*, em latim *coturnix*, em italiano *quaglia* e refere-se a uma ave, da mesma ordem, mas que não existe na america — *acoille* — dos francezes, que só conhecemos preparados em conservas.

Todos os annos, pelo começo ou meados de abril, ellas vôm da Azia e da Africa para a Europa, atravessando o mediterraneo o que as cadornas seriam incapazes de o fazer.

O termo brasileiro, pois, vem a ser *cadorna*, que é como pronunciam os sertanejos.

raposa, do lobo, do guaxinin, iraras e outros muitos carniceiros, rapaces, que povôam as campinas do sertão. Fazem o ninho no chão atapetando-o de capins macios, e painas sob uma como que aboboda de folhagens á sombra de uma moita ou ao pé de alguma sammambaia rasteira, que o torne invensível aos olhos prescutadores dos rapineiros. Deante do cão que a trilha e segue, a perdiz desenvolve astucias extraordinarias, amoitando aqui, surgindo mais adiante, n'um zig zaguear arduoso, antes de levantar o vôo. Acontece, muitas vezes, quando já arisca e acozsada tomar a providencia de, antes de se decidir a levantar o vôo, metter entre o cão e o caçador uma arvore ou moita alta que sirva de obstaculo ao chumbo. A ideia é bôa, mas nem sempre péga.

Muitas, vezes amoitadas, as cadornas, depois de levantadas uma ou mais vezes, deixam-se pegar pelo cão, ou seja pelo canção, ou pela convicção de que assim escondidas como soam fazer, escapariam mais facilmente á faina do seu importuno perseguidor.

Perdizes e cadornas caminham muito, desde manhã até o pôr do sol, mas sem se afastarem das redondezas dos sitios onde se criaram, isso por maior que seja a perseguição que lhes façam os caçadores.

A perdiz, que Brumeister, o principe Wied e outros naturalistas tiveram a idéa de procrear na Europa acaba de passar pela ultima prova da aclimação em França, onde, segundo a revista scientifica *La Nature* a introduziu M. Galidet, sob o nome generico de *Tinamou* e parece, vae occupar o primeiro logar entre os *gibiers* de penna preferidas pelos caçadores fidalgos, que invocam S. Huberto.

Soh o ponto de vista culinaria, as perdizes e cadornas, fornecem um dos melhores pratos que se podem provar: soculento e delicioso, como está sendo considerada na Europa, para onde têm ido de Montevidéo, preparadas pelos modernos processos frigerificos.

E' o cão perdegueiro, quem auxilia, sobre maneira, o caçador, e, sem elle quasi impossivel seria a caça de perdizes e cadornas nos campos e masségas altas, onde quasi nunca são divisadas, attenta a sua côr que se confunde com a dos campos em que habitam.

Dando no rasto, o cão mestre pára, volta os olhos supplices para o caçador, e espera, attento, immovel, até que o seu senhor, de arma engatilhada, a culatra assente no hombro, o dedo no gatilho, dá-lhe signal de seguir a pista, cautelosamente, vagarosamente.

Ao vel-a amoitada, o cão estaca, ora curvando uma das mãos, ora abanando a cauda, silencioso. E' o que se chama *amarrar*. A' voz do caçador, que o manda avançar, a perdiz desprende o vôo e, agitando as azas offerece um alvo triplo, em tamanho, ao atirador, na larga extensão de uma trajetoria, semelhante a que descreve um projectil no espaço. Seu vôo é pesado, demorado e recto.

Para se atirar a perdiz no vôo, o momento mais asado é quando ella *encastella*, quer dizer, quando attinge o ponto culminante do vôo e ahí como que paira, serenando as azas destendidas—para depois, pouco e pouco, ir baixando até pousar lá adiante.

Nos campos abertos, quando a sua superficie está inteiramente illuminada pelos raios fortes do sol á pino, a perdiz apresenta-se como que deslocada aos olhos do caçador, que deve então procurar uma attitude tal, que o alvo appareça exactamente no angulo de incidencia dos raios luminosos. Se se quizer atirar antes da perdiz encastellar, a pontaria deverá ser feita acima da cabeça e depois far-se á nos pés. Deverá atirar-se com chumbo á escomilha, ou meião, se a arma fôr espalhadeira. As cadornas notadamente as *buraqueiras*, não têm o vôo tão regular como a perdiz. Vão ora muito alto, ora muito baixo, tortuosamente; d'ahi a difficuldade de se lhe atirar com exito.

[A buraqueira uma vez levantada, se escapa ao primeiro tiro, não será perseguida mais pelo caçador durante todo o dia—porque quando assenta, mette-se logo pelo primeiro buraco de tatú que topa e lá fica escondida muito de industria. Outro meio de caçar perdizes e cadornas é o MBAYA, que consiste em o caçador se envolver em palmas verdes e com a apparencia de coqueiros, tão abundantes n'aquellas regiões, para assim illudir estas aves, que accodem pressurosas aos pios imitativos. *Mbaya* é termo guarany, d'onde se pôde concluir que o processo foi aprendido com os indigenas como disse no capitulo consagrado á caça de veados.

Outra ave, que cáe facilmente n'esta esparrella é a *ema* (*Rhéa americana*) tão arisca e espantadiça no Brazil Central.

Pela manhã e a tarde, as melhores horas de caçadas, é que as perdizes e cadornas pião, nos mezes de Agosto e Setembro, época em que andam ao cio.

O maior e mais constante perigo n'esta caçada é a cobra cascavel (*crotalus horridus*) que habita nos troncos das arvores velhas ou em buracos de tabú, e cujo veneno é de uma virulencia espantosa, produzindo a mordedura morte instantanea, ás vezes. O caçador deve evitar pisal-a para o que, é preciso andar com cautela, reparando no chão, e prestando ouvide attento ao *chocalhar* do terrivel ophidio.

E' de notar que os cães perdigueiros seguem a pista de cobras e lagartos no campo, quando elles andam á passeio, o que é frequente; estes ultimos reptis, desde que se sentem acossados pelos cães ficam as patas no chão e com a cauda, sua arma defensiva, surram os seus perseguidores, muitas vezes mortalmente. (1)

---

(1) Nos campos do interior encontram-se muitas cobras venenosas, sendo de temer — além da *cascavel*



Os predicaos que devem reunir um bom perdigueiro são :

1º)— Amarrar com elegancia, de uma maneira viva animada, tomando vento.

2º)— Amarrar com firmeza, demoradamente, até a chegada do caçador e só avançar em obediencia ás ordens recebidas, ou quando ouvir a detonação do tiro.

3º)— Buscar ao senhor e trazer-lhe ás mãos a perdiz ou cadorna, que fora atirada e morta sem estragal-a nos dentes.

4º)— Não seguir outro caçador, senão o dono, cuja espingarda deve conhecer.

5º)— Finalmente, ser muito docil e obediente. E' um defeito grave trilhar seriemas, passarinhos cobras e teiús.

Resa uma lenda sertaneja, que em outros tempos a perdiz e o jahó, viviam em commum, ora nos campos, ora nas mattas. Um bello dia, porém, brigaram. O jahó foi viver para o matto e a perdiz ficou no campo. Hoje, o viajante, que a tardinha, beiradear uma matta no sertão, ha de ouvir as duas aves inimigas cantarem ao mesmo tempo, uma como que respondendo a outra. O solitario jahó, interroga plangentemente lá do fundo do matagal, separando as syllabas : «Vamos fazer as pazes?» E a perdiz desdenhosa e indignada responde pressurosa da Campina: «Eu nunca mais!» A onomatopica é exactissima. E o certo é que a perdiz não entra no matto, como tambem o Jahó não sahe nunca ao campo.

O caçador, porém, não podendo reconcilia-las em

— a *javaráca*, a *caninana*, e a *coral*. Nas mattas beiras de lagoas e margens dos rios a infalivel *jararacussú*, comprida e grossa — principalmente a de *papo amarello* corre at.az da gente quando enfurecidas.

vida, concilia seus intuitos culinarios — matando-as, pelos processos acima.

Os sertanejos que trabalham nos campos, campinas e vaqueiros, impregam um curioso meio de caçar cadornas, e vem a ser cercal-as e irem andando em redor rapidamente, descrevendo um circulo concentrico que vão apertando até chegar ao alcance necessario, para desfecharem uma varada ou dando-lhes uma lambada com a guasca do rebenque de que se servem nos campeios.

O mesmo fazem com os inhambús acarenciados nas orlas dos Campos, (inhambús *wororós*) os quaes, ao avistarem o homem amoitam-se logo.

E' deveras lastimavel que o Brazil, onde estas excellentes aves abundam tanto ou mais que em nenhuma outra parte do mundo, não as exporte preparadas, pelos actuaes processos frigorificos, como o fazem as republicas platinas, que abastecem a Europa, e o que é mais propria nossa Capital Federal — como ninguem ignora —. Só os Estados de Minas, S. Paulo e Goyáz, para não falar nos do Sul, poderiam abastecer a Europa inteira, com a vantagem de que as nossas perdizes e cadornas são maiores e mais gordas que as das republicas visinhas como ficou dicto acima.

Esta asserção ultima se explica pela riqueza admiravel da nossa flora, como tambem pela variedade de insectos que povoam as nossas campinas e que constituem a base da alimentação d'aquellas aves.

De resto, bem poucas caças contam no Brazil tantos adeptos como a perdiz e cadornas, que, confesso, não occupa mais espaço neste livro porque eu as não aprecio ou antes as não pratiquei como as demais que de preferencia surprehendia lá fóra, nos mattos do sertão.

## CAÇAS CAMPESTRES

Nos campos, cerrados (1) e chapadões do interior, descampados de legoas, reina uma singular mistura de silencio e rumores.

No inverno, durante as noites luaradas, ouvem-se os pios agourentos das curujas, empoleiradas nos capins (2), pela madrugada fóra o uivar dos lobos famintos e entanguidos de frio; de dia os pios melancolicos das *per-*

---

(1) *Cerradas* — Campos com um aspecto especial de vegetação, arvores tortuosas encarquilhadas de grossas cascas escamosas e fendidas, phenomeno talvez devido á acção anormal do fogo, que as carbonisa. Predominam ali as cassiáceas, terebintháceas, mystáceas e melostomáceas, que na estação das aguas apresentam bellos exemplares pelo seu desenvolvimento geral.

(2) O cupim é um monte de barro abiturado, de forma pyramidal. Toma o nome da formiga ao nevropteco (*termes cumulans*), que o constroe para nelle residir. O Tamanduá-bandeira desmancha-o com as suas fortes garras para comer os seus habitantes ou as abelhas que ali costumam fazer os cortiços.

Os lobos trepam aos cupins quando teem que satisfazer suas *necessidades*...

*dizes* e *cadornas*, o grito estridulo dos *gaviões de pennacho*, *carijós*, *pinhéins*, *kiriri*, *caracards* e *thesouras* nas cópas mais altas dos paus-terra; a zoadá dos *pica páos* e *quem quens* martellando arvores pô-dres, a cantilena entoada das *seriemas*, o alarma das *curicócas* e *quero-queros* e de uma infiaidade de rapaces da numerosa familia dos *falconides*—comedores de óvos, de insectos e de avesinhas.

Pousando impacientes nas fructeiras os tucanos mostram os enormes bicos amarellos, dentado na extremidade e a bellissima pelle do papo, da qual, como se sabe, era guarnecido o manto imperial de D. Pedro d'Alcantara. Ao longe, na orla das veredas dos *buritysaes*, verde-escuros abertos; em loques, não causam surpresa veadas campeiras, os esgalhos levantados, n'uma disparada transpondo as ondulações; e lá, na extrema um magote de Emas (*Rhèa americana*) ariscas, finca as canollas no chão e movimentando as azas, esporea-se e corre vertiginosamente, metrificando a extensão da campina com as passalargas e gigantescas...

Nas estradas, ás horas de melancolia e calma, ouvem-se as notas dos curiangús e bacuráos, passaros noctivagos. Não ha ali quem não tenha ouvido fallar das *queimadas devastadoras* dos campos do interior, de meados de Agosto á meados de Setembro—esse espectáculo grandioso, mas que aperta o coração do homem que sabe sentir, ver e amar a natureza.

Prezas do fogo as macégas altas ardem rapidamente e as columnas rubras, infernaes, açoitadas pela rija ventania ecclipsam o sol, tudo envolvem.

Então, nas alturas escurecidas pela fumaça, sacudindo as azas, passam as grandes aves viageiras e reúnem-se aos milhares as de rapinas menores, que no seu esvoaçar parece nadarem no espaço, recortando-o e rostando as azas nas labandas á caça de perdizes, cadornas

e outras aves indefezas, que deixam o ninho, expulsas pelo fumo pela imminencia das chamas devoradoras, que rapidamente tudo reduzem a cinza.

E' a noite, na vasta planura esbrazida, antes que as trevas abafem de vez as derradeiras scintillações do grande incendio, nessas noites de paz immensa, nos troncos incendiados ouvem-se crepitações, vozes mysteriosas da natureza, talvez um protesto, contra tamanha impiedade humana ..

No meio d'esses campos o caçador facilmente depara com veados, perdizes e outros animaes, cuja carne enriquece-lhe a meza, augmentado d'esta arte o prazer de atravessar tão bella região. O olhar não se cansa de admirar varias côres que de todos os lados o embellezam: aqui é uma verdejante varzea; ali fica o *cerrado* com suas arvores baixinhas e engorovinhadas: adiante se alarga um campo de *macéga* mais alta que um homem e de um colorido puxando a amarello pardacento. Muitas vezes grandes areas de terreno, collinae inteiras, apresentam um aspecto sombrio e negrejante; é que ali passou uma chamma devoradora, ateadada pelo viajante. Os troncos ficam então despídos de folhas, requeimadas pelo incendio. Se, porém, medeiam quinze dias ou um mez, arrebenta viçosa verdura n'aquelle fundo lugubre e acinzentado. (*Esboço da viagem de Langdorff no interior do Brazil*).

O dominio animal do campo na ausencia do mais respeitavel carniceiro, pertence ao nosso lobo cervical (*canis jubata*) da familia dos canides, lobo vermelho de Cuvier, jaguaperi ou jaguara guassú dos indigenas e *Guará* na lingua brasileira.

E' habitante do interior, onde vive nas campinas e cerradões, se alimenta de animaes, de aves e de fructas de lobo (*solanum licocárpum* grande fructo cheiroso, amarellado quando maduro, que outros animaes tamhem comem com delicia, inclusive o homem.

O guará foi estudado por Azará, nos campos do Rio da Prata e do Paraguay, onde são também frequentes.

Segundo este naturalista é da altura dos maiores lobos da Europa, porém pusilanime, cobarde e por demais tímido para se comparar aos seus congêneres europeus. Mas quando a fêmea está parida é perigosa — investe contra o homem. De sem vergonha que é, vem muitas vezes roubar gallinhas nos poleiros em redor das casas, fugindo, porém, a toda a desfilada, quando apercebido pelos cães.

A sua bellissima pelle, felpuda e vermelha clara, com uma mancha esbranquiçada no peito e garganta e junto ás patas de um negro carregado, gosa de propriedades medicinaes e é por isso mui estimavel no sertão.

O lobo sente muito frio, por isso no rigor do inverno costuma passar nas macéguas altas que se elevam ás fraldas dos morros, nos campos, e quando o frio aperta, pela madrugada uiva, uiva desesperadamente — *uá ! uá !*.... Não são todos os cães que perseguem o lobo, ou seja pela afinidade do parentesco que os irmanam ou seja pelo receio ou medo, hypothese esta menos possível.

Quando corrido mette-se no matto e dá acuação, acuação muitas vezes perigosa, porque este animal furioso, investe contra cães e caçadores. Sua carne é catinguda e intragavel, e por isso desprezada até pelos cães, que nunca a comem.

A geração d'este animal já vae minguando no proprio Brazil Central. Depois do lobo, o mais interessante animal do matto é o guaxiúin (*Pseudalopex-Azarae*) *canis brasilienses*, do tamanho d'uma rapoza segundo os naturalistas europeus, côr bruno-cinzenta, tirante para vermelho, lombo preto e pernas zebradas — côres que aliás mudam muito com as estações ou para outras causas.

No Paraguay é conhecido pelo nome indigena de

*Aguaraecae* — e dizem que tem sido domesticado. Vive nos cerrados, d'onde sáe para roubar objectos de couro, trapos etc... que encontra na vizinhança do homem, para depois surrateiramente ir escondel-os nos covis de tatú onde mora e acúa quando perseguido. Nos campos do Sul, onde são mui abundantes, não é em todos os logares que se podem prear ou prender animaes na soga porque os guaxinins vêm á noite e cortam as peias e as guascas do cabresto, levando muitas vezes o animal puxado até a bocca do covil onde se embocam. Menor, mas mui semelhantes aos guaxinins, pelos costumes e hábitos de vida é a rapoza (*hycalopex vetules*), Jaguapitanga e Mucura dos indigenas, e commumente rapoza do campo, côr isabel, cauda felpuda com extensa mancha negra na inserção da mesma. (Não confundir com o gambá ou sarohé que é cousa differente). E' animal damninho, catigudo, e por isso, apenas, perseguido pelos prejuizos que dá na caça que move ás perdizes e cadornas e até as gallinhas nos terreiros e beiradas de quintal, das fazendas e sitios do interior.

Não tanto do campo, mas que n'elle passeia muito, principalmente nas estradas, as quaes percorre as noites leguas e leguas é o *cachorro do matto* (*Iction venetiens*), Jaguapopera dos indigenas, Jaracambéba dos sertanejos, côr bruno-escuro, pernas baixas, cauda curta e mão chata, d'onde lhe vem o nome indigena. Vive de caça nocturna, que faz aos bichinhos e aves nas beiras de matto e pelas estradas fóra. O maior mamífero habitante das campinas, principalmente dos cerrados e chapadões de arvores baixas e torcidas, é o *Tamandui Bandeira* (*Myomecophaga julata*) Tamanduí-açu dos tupis, Iurumi dos guaranyes do Sul, e que no dizer de alguns naturalistas é o animal caracterisco dos nossos campos do interior.

Ao longe se conhecem estes animaes: a cauda fel-

puda e longa, a duas côres, sempre erguida, a modo de bandeira, focinho desmedidamente comprido e fino, andar desengonçado e vagaroso, lá vae o bandeira, que só faz mal quando é atacado. A sua pelle é uma das mais resistentes que se conhecem.

Mui frequentes nos campos goyanos, onde leva vida nocturna, é o tatú canastra (*Prionodontes gigas*) Tatu-açú dos indigenas, que os naturalistas apresentam como gigante da familia, o segundo Goeldi attinge a 87 m/m de comprimento sem contar 45 m/m de cauda, o qual tende para a extinção completa, como os demais grandes mamíferos da terra.

Já vi um casco de tatú canastra que servia como medida de 78 litros, ou alqueire goyano.

Mas o representante *mantena* dos campos é a Ema (*Rhèa americana*) Nhandú dos indigenas grande ave, que no dizer dos entendidos constitue uma especie, que participa a um tempo dos gallinaceos e dos paludae e é o representante do avestruz da America.

Tem o corpo coberto de pennas pardas, compridas e um tanto arrepiadas, semelhantes a pennugens, pernas grandes, grossas, com tres dedos curtos, pescoço muito longo e bico relativamente curto. No encontro ou junto das azas, por baixo tem dous ferrões com que se esporeia quando corre; não vóa, mas corre mais que um cavallo, o mais veloz, levantando a cabeça, mais alta que um homem e bamboleando-a na macéga como cobra.

Nas campanhas do Sul os Gaúchos caçam emas com *bólas* (1) atirando-lh'as quando perseguidas pelos cães.

---

(1) *Bolas* ou *boliadeiras* são tres correias entrançadas, tendo nas extremidades umas bolas de chumbo ou de barro envolvidas de couro, sendo uma d'ellas, a que o



Só o galgo consegue alcançar estas aves corredeiras, cujas pennas são mui estimadas para espanadores e a pelle para calções ou perneiras de montaria, que uzam os piões no serviço do campo.

As emas de um bando inteiro põem todas no mesmo ninho ás vezes mais de cem ovos, que abandonam em seguida á postura, ficando no chôco um macho, zelando pela ninhada.

Apenas nascem os pintinhos o guardião dos ovos quebra 2 ou 3 d'elles, afim de chamarem moscas, e outros insectos, que servem de sustento aos recém-nascidos até poderem acompanhar o pae antes de se juntarem aos bandos estremalhados pelos campos. Quando o campo é preso de incendio, o macho responsavel pelo ninho corre á fonte mais proxima, molha-se todo, e assim com a humidade que traz nas pennas faz um aceiro na macéga que occulta os ovos. Esta operação é muitas vezes repetida com acceleridade e produz o desejado effeito.

Um tanto parecidas com as Emas são as Seriemas (*Mycrodactylos cristatus*), porém de muito menores dimensões, côr parda, canellas e bicos vermelhos, uma especie de crysta ou cocuruto.

Esta bemfaseja ave, que com aquellas ajuda, limpar o campo de cobras e outros reptis, tanto corre como vôa, mas pelo serviço que presta nos campos de criação ninguem as persegue.

individuo segura, menor—as quaes lançadas á guisa de laço ás pernas do animal, o derruba de improviso, manietando-lh'as.

Os *guáscas* se servem egualmente das boliadeiras contra veados do campo e mesmo contra os inimigos na campanha.

As perdizes e as cadornãs, aves de caça por excellencia, nas campinas do Brazil Central, fazem abjecto d'um capitulo á parte, especial, como bem mereciam.

O destino das caças campeſtres, na mythologia indigena foi confiado ao *Anhangá*, que é representado na figura d'um veado branco, com olhos de fogo. Todo aquelle que persegue um animal que amamenta, diz Couto de Magalhães, corre o risco de ver Anhangá, e a sua pista traz febre, e ás vezes a loucura.

## AVES DE PIO, CAÇA

Os caçadores das aves devem proporcionar o chumbo á grandeza d'ellas para as não estragarem,

A familia dos caçadores, diz um escriptor, como todas as familias numerosas, conta uma admiravel variedade de typos e de caracteres.

Uns preferem as caças grossas, com emprego de cães, a onça, a anta ou o veado, outros têm mais gosto pelas caças miudas aves de penna—perdiz, mutum, macuco, capoeiras, etc...

Assim ha certo encanto, ou attractivo, para alguns, em percorrer ao acaso, de emboscada, ás florestas, de arma em punho, pisando de leve nas folhas sêccas, abafando os passos, para não se denunciar ; e todo ouvido ao mais leve rumor.

Estes são os caçadores das aves de pio, os que esperam tempos esquecidos, com a paciencia, sem igual do caçador, a bôa occasião de atirar.

Estas caçadas que reclamam muita paciência e tempo, contam grande numero de afeiçoados no Brazil inteiro, principalmente na zona costeira, ao longo da serra do Mar.

Aves de pio são aquellas que acodem ao appello das companheiras, pelo pio ou canto, vozes muitas vezes anomatopaicas que os caçadores imitam para attrahil-as, como o mutum, o macuco, o jahó, a capoeira e a inhambú, etc...

Nas brenhas do sertão enfestadas de indios é perigoso a gente imitar o pio dessas aves, porque os selvagens armam ciladas aos caçadores atrahido-os com o grito imitado do animal que estes buscam. Assim muitas vezes acontece o caçador ser caçado.

MUTUM—(*erax Alector*), grande ave da ordem dos gallinaceos, do tamanho de um perú, côr negra cata-solada, com um pennacho crespo. Ha duas especies—um negro e outro pintado ou pinima. Na femea o pennacho é pintadinho ou carijó.

Habitam as margens dos grandes rios ou ribeirões; dormem empoleirados, em bandos, nas grandes arvores, onde ouvem-se seus cantos matinaes e vespertinos, assanhados como as arancuans.

E' peculiar ao Brazil-Central uma especie mui formosa, chamada *mutum-real*, habitante das margens do Araguaya e adjacencias.

Os mutuns, diz um naturalista brasileiro, são de uma grande docilidade e, já por este motivo, já pelo sabor e qualidade de sua carne, nenhuma ave melhor que esta se nos afferece á domesticação e ao abastecimento dos nossos gallinheiros, em que mais bem collocados se achariam do que as especies todas exóticas (com excepção do perú) que ahí de mais á mais se vão degenerando.

JACUTINGA—(*penelope leucoptera*), ave do tamanho de um gallo, á semelhança d'uma perúa, preto

salpicado do branco, canellas tirante a vermelho, bico esverdeado, olhos grandes e negros. Em Minas chamam-lhe Perú do matto.

JACU'S—(*P. Superciliares*), em tudo semelhante á jacutinga, porém menores. Ha de varias qualidades — *jacú-pemba*, *jacú-açú*, *jacú-commum*, e aracuans a menor casta de jacú, pouco maior que uma jurity, cauda e pescoço longos, côr negra aloirada.

Todos, vivem aos casaes, a excepção dos ultimos, que andam em bandos e quando empoleiram produz um grande alarido, cahindo facilmente nos laços e nas arapucas.

Estas aves se alimentam de fructas nos bosques, e frequentam as roças pela manhã e a tarde, invariavelmente.

MACUCO—(*Trachypelmus Brasilienses*), da familia *Tinamidaes*, côr escura, com esporões junto das azas, como as emas; empoleira nas arvores baixas durante a noite, e de dia passeia pela matta, á cata de alimento.

Sua carne é arroxçada, mas deliciosa, muito estimada mesmo.

CAPOEIRAS—(*adontophonus rufus*), menores que a precedente, lembrando pela fórma uma gallinha d'Angola; andam em bandos, não empoleiram em arvores, mas quando ameijoam, cantam todas a um tempo, o que se repete pela manhã, antes de se espalharem pela matta.

JAHÓS (*Clypturus noctivagos*) *zabelé*, *inhambú-açú*, *inhambú*, *commum* e *inhambú xôroró* são todas da mesma ordem dos gallinaceos, da especie perdizes, predominando a côr parda escura, todas derrabadas, bicos curtos vermelhos e canellas da mesma côr, exepcto a *zabelé* que tem as pernas amarellas, e a *inhambú-açú*, que as tem escuras, os ovos são de côres brilhantes e variadas. O jahó tem a carne tirante a roxo como o macuco e o jacú.

Cabem aqui as pombas (*Columba*) pombas de bando, pombas do matto virgem, pombas troquases e juritys e as rolas menores, cardigueiras, de cascavel e caboclas, fogo pegou, etc.

O mutum e o jacú tem um coaxo aspero que fére os ouvidos; o macúco dá tres notas agudas e profundas quando empoleira, o canto do jahó é plangente sonoro e gemebundo, como o da jurity; o do inhambú, como diz Goeldi, «uma volata que debaixo para cima vae percorrendo a escala, e o das capoeiras, rezôa poetico como alongado hymno matinal e vespertino.»

Imitando estes cantos e pios, os caçadores mettidos nas chochas de ramagens ou trepados em algum giráu, de espera ou á traição, consegue fazel-as chegar ao alcance do tiro.

Outros uzam de *chamas*, chamariz ou negaços, que vêm a ser uma ave preza pelos pés, expostas em lugares onde possa ser vista por aquellas que se procura attrahir para mais perto.

Para as arancuans uma gallinha no chôco, suspensa de um galho d'arvore é a melhor chama.

Os jacús preferem mattos altos e capões seccos e são frequentes nas *tapcras*, onde comem goyabas e outros fructos ahi abundantes.

Com o latido dos cães os jacús se assanham, poem-se a guaxar, e assim é facil descobril-os nas arvores, onde muito ariscos, se escondem ás vistas do caçador.

Nas mattas se conhecem a existencia dos mutuns pela tolhedura ou esterco ao pé das arvores onde pousam, invariavelmente á beira dos rios; mas onde podem ser encontrados com mais segurança, tambem como os jacús, é nas fructeiras, ha um fructeira chamada de jacús a qualquer hora do dia, principalmente á tardinha.

Não é raro encontrar-se nos sitios abundantes destas arvores notadamente onde ha jabós, macucos e capoeiras, alguma onça suçuarana ou jaguatirica, as quaes,

como os indios, imitam-lhes os pios admiravelmente, melhor que os caçadores, que se servem de pios apropriados á caça destas aves.

No interior, onde são tão abundantes aquellas aves, ninguem caça-as com pios, mas de espera, nas beiras das roças por occasião da colheita do milharal, pelas manhãs e á tarde.

Todas ellas cahem nos laços que se armam junto ás cercas das roças. As jahós cantam muito de Julho a Setembro.

O canto do inhambú serve de relógio á gente do sertão que suspende o trabalho diario nos campos quando elle solta seu pio ás seis horas da tarde, approximadamente.

Um mytho tupi colhido por Couto de Magalhães, intitulado «Como a noite appareceu», explica o caso que eu vou resumir:

«No principio havia dia sómente em todo o tempo.

Não havia animaes: todas as cousas falavam. A filha da Cobra Grande casára-se com um moço que tinha tres famulas.

Como a moça não quizesse dormir com elle, chamou aos tres famulos e disse: «Ide passear porque a minha mulher não quer dormir commigo.

Os famulos foram, e então elle chamou a mulher para dormir com elle.

A filha da Cobra Grande respondeu-lhe: «Ainda não é noite.»

O moço disse-lhe: «Não ha noite, ha só dia. A moça falou: «Meu pae tem noite. Se queres dormir commigo manda busca-la lá, pelo rio-grande»—O moço chamou os tres famulos, a moça mandou-os á casa de seu pae para trazerem um caroço de tucumã.

A Cobra Grande ao entregar o caroço de tucumã fechado, recommençou que não o abrissem no caminho, senão todas as cousas se perderiam.

Não obstante o piloto insistir que não abrissem o côco, os tripulantes ouvindo barulho dentro, abriram-n'o e derrepente tudo escureceu.

Então todas as cousas que estavam espalhadas pelo bosque se transformaram em animaes e aves, incluso o pescador e sua canôa que se tranformaram em patos.

A filha da Cobra, quando viu a estrella d'alva, disse ao seu marido. «A madrugada vem rompendo. Vou dividir o dia da noite.» Então ella enrolou um fio e disse-lhe: «Tu serás cujubim, e pintando-lhe a cabeça de branco, com tabatinga, e as pernas de vermelho com urucú, disse: «Cantarás para sempre, quando a manhã vier raiando.»

Enrolou o fio, sacudiu cinza em cima d'elle e disse: «Tu serás inhambú para cantar nos diversos tempos da noite e da madrugada.»

Mas o canto do inhambú não se faz houvir durante as horas da noite, mais sim ás seis horas da manhã e as seis da tarde, aproximadamente.

Como os animaes de pello, as aves tem tambem um deus superior que as protoge — o *Guirapurú* — passaro que anda sempre cercado de muitos outros. Este passaro fornece muitas lendas á poesia popular da Amazonia — onde as taverneiras os conservam empalhados na soleira das casas, e fim de para ali attrahi-rem numerosa freguezia.

O seu nome significa — passaro que já foi, que não é mais — talvez por se ter encarnado n'algun espirito superior... E' pena que o *Guirapurú* não evite que as aves indefeizas caiam nas garras do Gavião real ou Uruçú (*Harpysia destractur*) e de outros rapinantes e carniceiros que tanto as perseguem e desima-n'as.



## A CAÇA AO JAGUAR

A' caça de onças não deve arriscar-se quem não tenha já experimentado a propria coragem, para occasiões apuradas ficando seguro de que não trepidará ou desmaiará em presença da morte.

(*Varnhagem.*)

E' de todas, a caça mais perigosa e mais difficil, a deste animal, que pela sua má fama de carnificina e de extorção, se tornou para sempre odioso a toda a população do interior do nosso paiz, onde é ainda o terror dos homens e o espantallo dos outros animaes, quer selvaticos quer domesticos.

E' assim a maior praga do alto sertão, notadamente de Goyaz e Matto-Grosso esses visinhos estados onde a principal industria é a pastoril bovina e cavallar e onde egualmente as especies de animaes bravios se confundem, se encontram como todos da mesma fauna. « A onça, diz Emilio Goeldi, é carniceiro maligno, em cujas garras cáem victimas quasi todos os mammi-

feros, pois que pouco cedé em força ao leão e ao tigre. Na macéga alta do sertão espreita os veados, nas moitas que beiram os rios as capivaras e o reforçado Tapir, nas mattas persegue as vaccas e os porcos selvagens.

Não é despresadora de comida, pois ás vezes pega em coandú ou um jacaré que se aquece n'algum banco de areia, longo d'agua, mesmo as pequenas prêas não lho parecem indignas de uma caça. Nas fazendas de criação do Sul, e do centro do Brazil, assim como nas estancias orientaes, argentinas e paraguayos é hospéde frequente, mas muito desagradavel por causa das devastações que faz no gado bovino, nos potros e mulas.

De que tambem póde tomar-se perigoso ao homem, existem bastantes exemplos authenticos. E' pelo menos de nome o animal mais popular do Brazil; difficilmente encontrará nas cidades um menino que não tenha sido ameaçado com a ama por este papão. E é certo que para dar caça a este soberbo animal que na macéga, no enredo das mattas, nas talhadas das serras, como nas aguas despenhadas, acha-se igualmente bem, são requisitos indispensaveis, experiencia, coragem, sangue frio, armas certeiras, olhar seguro, mão firme. Não é mesmo provavel que agora como no principio d'este seculo, em tempo de Alexandre ou Humboldt, se continúa a mandar annualmente cerca de dous mil couros de jaguar procedente da America do Sul, para o mercado de pelles; mas em todo caso este gato gigantesco é ainda muito frequente em nossa e nas terras visinhas. »

A familia dos felinos em cuja caça se empregam os mesmos processos e os mesmos cães, de acuação em páu, parece-nos a menos estudado pelos naturalistas, pois ha ahi especies ou variedades, que nunca vimos mencionadas nos numerosos estudos consagrados á fauna brasileira, as quaes no entanto, não ha negal-o, entram

pelos olhos ainda mais profanos, pelos caracteres que assignalam, que os distinguem indicios estes que tambem se confirmam pelos costumes e habitos de viver á parte.

No Brazil central nós goyanos distinguimos diferentes especies ou variedades apenas, e que talvez lhe sejam peculiares, d'estes carniceiros, dos quaes o maior é o jaguar ou jaguaraeté (Felix onça) que os naturalista são accordes em affirmar que occupa o terceiro lugar entre os felinos da terra, logo depois do leão e do tigre africano. Não contamos de principio os gatos menores.

As onças pelas suas dimensões, são assim classificadas: *Cangussú*, da mancha larga—*Onça pintada* (Felix onça), (*jaguara-pinima*) ou *Acanga-ussú* a maior dos indigenas: cabeça espessa, manchas circulares, formando rosetos imperfeitos, sobre campo branco ou amarello, sendo consideradas mais legitimas aquellas que se assignalam por uma extensa lista preta sobre o lombo no sentido longitudinal.

Destas onças que em Matto-Grosso, têm o nome de *onça-vacca*, possui uma pelle que media 16 palmos, da ponta do focinho á extramidade da cauda o que não é raro encontrar-se no Sertão. Esta onça foi morta nos pantanaes. (1) Castelnau affirma que em Cuyabá, viu a pelle d'uma que era mais larga que o maior couro de boi, d'onde lhe vem aquelle nome ahi peculiar.

**ONÇA PRETA OU TIGRE** (Felix tigrini) jaguarema pinuna dos indigenas: côr negra, ás vezes rezulente,

(1) *Pantanaes*. Terrenos alagadiços, cobertos de capim e plantas aquaticas—d'um tecido basto e compacto. O mais notavel do Brazil é o que fica á margem do rio São Lourenço, em Matto-Grosso e ao qual me refiro.

Os patos bravos abundam extraordinariamente nestas paragens, onde se sustentam de arroz sylvestre que ahi vegeta e se desenvolve em quantidade prodigiosa.

-deixando a luz apropriada se reconhecer no desenho, quasi imperceptivel da pelle, as malhas ou manchas reunidas em aneis, como observa-se na onça pintada ou cangussú. Como mostra de sua fáuna, sem duvida unica no Brazil mandou Goyaz uma collecção de pelles de onça á Exposição Nacional de 1875 preparatoria de Philadelphia (Rio de Janeiro).

Uma merceria assignalamento especial, diz o visconde de Taunões, pela valiosa razão de que pertence a um dos animaes mais raros das florestas brasileiras; e como evidente próra apparece ella unica, em seu genero, nas profuzas collecções de pelle que as vinte provincias remetteram. E' a da onça preta, mais particular e commumente chamada *tigre*, variedade da onça ou jaguar-variiedade accidental—diz Couvier, féra de difficil caçada pela sua raridade e muito temida pela braveza e ferocidade de seus instinctos.

Azára declara que, «na costa superior do Rio Paraná, em quarenta annos só duas tinham sido agarradas», e na provincia de Goyaz, onde ha ainda extensas e mal devassadas mattas, não podem ser encontradas senão nos logares mais invios e reconditos dos valles do Araguaya e Tocantins.

A pelle exposta tem um metro e cincœnta e oito (1, m 58) de comprimento fóra a cauda. A' primeira vista d'olhos é uniformemente preta, mas, fitada com attenção, e sobretudo de encontro á luz, mostra malhas miudas, annulares, symmetricamente dispostas e d'um preto carregado e luzidio, que sobresahe em fundo todo escuro, mas com reflexos ligeiramente aloirados.

Devido ao illustre naturalista viajante, Dr. Emmanuel Palol, figuram no Museu Real Imperial de Vienna d'austria, varias pelles de tigre caçadas no norte de Goyaz, que parece ser a região, onde mais abunda, hoje rarissima, esta casta de jaguar. «Diz Nattour, naturalista viajante que nos parece ter estudado melhor

a familia dos Gatos do Brasil, que a distribuição geographica do tigre demora entre os 4° e 19 graus de latitude sul.

Todavia é conhecido até no Rio Grande do Sul com o mesmo nome de tigre, denominação esta que dão as demais especies de onças.

Dos carniceiros do continente americano é o mais temivel e voraz; não dá páu quando corrido, preferindo acuar em terra, e de preferencia no meio intrinçado do sapopemas ou trepado n'algum tronco cahido, onde fica á vontade e desembaraçado, para o que der e vier, pondo em pratica a sua extraordinaria agilidade na lucta encarniçada em que se empenha com os cães que ousam perseguil-o, não lhes dando treguas nunca !

Se alguma vez consegue matar um cão, ou pôr em debandada a matilha que acompanham os caçadores dizem logo que está solto, isto é ninguém mais o matará, tão audacioso e adestrado se torna d'ahi em diante.

Em Goyaz corre a versão de que a onça preta é producto do Canguçu com a suçuarana do lombo preto, o que nos parece ainda bem averiguado. Já desta opinião era o Dr. Pohl, que a considerava uma variedade da *Felix onça* e não uma especie nova, como queria Neuried, que a denominou *Felix brasilienses*.

Restava dizer que nós Goyanos distinguimos duas onças pretas, a que ficou mencionada e outra menor e mais delgada a jaguaruna-quatiara: *côr roxa escura, com listas pretas tigrinas* tal como descreveu o illustre general Couto de Magalhães no prologo d'este livro.

CANGUÇU' DA MALHA MIUDA — *Felix brasilienses*, cabeça menos espessa do que a primeira, malhas mais miudas e irregulares, os traços do desenho mais finos e variados. E' a mais commum porém não menos importante.

CANJARANA malhas alongadas e estreitas, sombrea-

das de vermelho, cabeça afilada, corpo e cauda mais desenvolvidas que os precedentes olhos em amendoas.

Não se deve confundir este gato com a jaguatirica, que é mui menor e diferente como se verá adiante.

SUCUARANA, parecida a veado (*Felix concilor*) onça parda ou onça vermelha.

No Sul confundem-n'a, com o *puma*, e por isso chamam-n'a de leão, deploravel confusão que não impressionou ainda os naturalistas.

Ha duas variedades d'este gato uma de um vermelho mais tinto e o fio do lombo preto, desde o cangóte até a extremidade da cauda e pernas zebreadas. Esta especie é feroz principalmente quando tem cria, ou é ferida na acuação. A parda, especie alliada, cõr de veado como o nome indigena mais acarenciada nos campos e cerrados, onde dá caça as onças e perdizes etc., é mui vulgar, quasi sem importancia para o caçador. Depois d'estas que chamamos onças propriamente dictas, vem a jaguatirica onça pequena (*Felix pardalis*) o maior dos gatos do matto, pintado (*Felix macrura*) embaracajá; o gato mourisco preto (*Felix jaguarundi*); jaguara-jumbé; o gato mourisco vermelho (*Felix egra*); e finalmente um pequeno gato, de dimensões consideravelmente menor, pello sedoso, e que habita os cerrados e beiradas de matto. (Esta especie nunca vimos mencionada).

O canguçú, de malhas largas das margens do Tocantins, ao norte de Goyaz, distingue-se dos que habitam ás margens do Araguaya, pela distincta coloração da pelle, cujo campo é d'uma pronunciada cõr amarella ou baia, d'onde lhe vem o nome de *onça baia* como conhecida dos sertanejos ou *chapêos de couro*. Parece peculiar da vasta região regada pelo Tocantins, desde a Cidade Formosa, pelo vão de Paraná até a serra do Estrondo, a divisora das aguas do Araguaya, e zona esta de Montanhas calcareas, solapadas de grutas e

cavernas, que lhes servem de esconderijo ou moradia. Foi ahi, proximo d'essa região na Chapada dos Veadeiros que viveu outr'ora, em principios d'este seculo, um famoso caçador de onça, de nome Diogo, cujas façanhas innocarraveis passaram o limite da sua terra natal n'um livro hoje raro *Contes et Types americains* de De Abbadie, o conhecido e illustre sabio africanista do Instituto recentemente fallecido em Londres. Quasi sempre nas suas continuas *batidas*, Diogo penetrava só, ás vezes seguido de um cão, seu fiel companheiro, nas grutas mais profundas, escuras como labyrinthos, torcicollos confuzos, que faziam arrepiar cabellos levando n'uma das mãos uma azagaia antiga de arremesso facil, n'outra um archóte de retame de mandaguay, em perseguição da féra amada lá dentro...

Ao sertir-lhe os passos, repercutindo pelo interior da caverna dentro, o terrivel animal rugia ferozmenté, afiando as garras ás paredes da furna; e de um impeto arremessa-se sobre seu ousado aggressor, que erguindo o archote á altura da viseira, n'uma attitude desprendida, como a em que os paladinos antigos suspendiam o escudo nos circos romanos, terçando armas brancas, esperava a féra na ponta da afiada azagaia, empunhada pelo seu braço de aço, tanta vez experimentado n'esta pugna terrivel, quasi sem treguas. Era um espectáculo horrivel do qual muita vez saiu o nosso heroe devendo a vida ao seu abnegado companheiro, um cão de nome Tocantins, que com elle se empenhava nesses transes arriscadissimos, de perigos sem conta, n'essas cavernas que parecem portas escancaradas para a morte onde se podia inscrever as palavras que o Dante menciona nas portas do Inferno. A's mais das vezes, escapando-se ferido o jaguar acossava-se n'um reconvexo da gruta, e então, puxando de uma garrucha *pederneira*, que trazia á cinta, o intrepido caçador que não ignorava quanto é perigoso injuriar um animal d'estes quando

ferido embora mortalmente, não vacillava em terminar-lhe a agonia com um tiro á queima-bucha.

Contam que tendo-lhe sido pedida a sua unica filha em casamento, Diogo só accedeu depois que o pretendente, não sem grande relutancia, testemunhou-lhe á sua vista, ter a coragem precisa para matar tres onças condição esta que, como dizia o famoso caçador, asseguraria ao seu futuro genro o desempenho da humanitaria missão que elle, já velho, desempenhou ao norte da nossa terra natalicia. Para o Nemrod goyano, cujas aventuras De Abbadie considerava mais ousadas, muito mais, que as de Jules Gerard.

Camerou e outros caçadores de leão e pantheras no continente africano, em 1857 pedia á população inteira do norte de Goyaz, que fosse-lhe outorgada a isempção completa do *dizimo* que por esse tempo pagavam os criadores de gados vaccum e cavallar na então provincia, allegando os peticionarios que até aquella data, o modesto caçador havia morto 196 onças, flagello mais terrivel que a peste lá nos altos sertões, onde ainda hoje ellas campeiam livremente, levando o terror a toda a parte. «A fé de officio do caçador goyano, disse Carlos Murzio, o scintillante folhetinista do *Diario do Rio de Janeiro*, era simples e eloquente como uma inscripção lapidaria. Teve um desdenhoso silencio. E que outra mereceria elle senão essa, vindo provar que tinha direito á gratidão nacional». Neste mesmo folhetim, a que me refiro (de 15 de Abril de 1860) o chronista tratava d'um outro caçador de onças do paulista Manoel Correia do Pirapóra, «que por quarenta e seis vezes, diz Porto Seguro, na idade de quarenta e dous annos, havia com a sua espingarda ordinaria de Braga e o seu cão, sahio incolume e vencedor na tremenda lucta, que, por sua propria vocação, foi destemido buscar no meio do bosque».

Nos grandes rios, pelas primeiras enchentes ou repi-



quetes, de Outubro á Novembro, as onças costumam viajar, pondo se em cima das emmaranhadas de capim e aguapés, que desprendidas das margens, descem como ilhas fluctuantes, arrastadas pelas correntezas. E' o que chamam *camalotes* nos rios do Sul, Paraná, Paraguay e São Lourenço, e na amazonia *mutapa ou pariatam* quando se forma das aglomerações canarana.

D'este singular meio de viação se servem tambem os jacarés, pelos disovas das tartarugas no Araguaya e tambem nos afluentes do Amazonas. A onça, dizem os naturalistas, é o rei dos animaes do continente americano, como o leão no velho mundo.

Só não póde com a anta que, como já se disse, quando assaltada pelo ouzado felino leva-o em vertiginosa carreira pela matta fóra até espatifal-a de encontro a qualquer obstaculo ou precipitar-se com a carga n'agua.

A onça passeia muito; ora está nas imediações dos barreiros espreitando animaes ali frequentes, ora acompanhando uma manada de rezes, um bando de eguas com poltros; ora vindo até mesmo fazer matança no bamburral das fazendas ou estancias, d'onde mais de uma vez tem se dado o caso de matarem porcos d'entro de chiçueiros. Ellas matam o animal e, depois de beberhe o sangue ainda quente, o que muito appetcera, cobrem-no de felhas, ramagens, capim e vão se occultar nas proximidades, de vigilia a carniça ou *embiára* (1).

Quando se tem noticia de uma carniça fresca, os caçadores da visinhança reúnem se e combinam logo dar caça ao terrivel hospede, ou de espera n'um giráu ou perseguindo-o com os cães mais apropriados a este mis-

---

(1) *Embiára*—a preza; a caça; a onça aguarda os restos da *embiára*. De *mbai*—*mbiára*, a onça; *tembiar* o que é tomado, a preza, o que foi pescado ou caçado; *xemiára*, a minha caça. (J. Verissimo).

ter, sendo esta especialidade de cães rara no sertão, o que é ainda para lastimar.

E' pela manhã bem cedo que se soltam os cães nas *batidas* ou arrastadores junto á carniça.

O cão mestre já habituado a essa caça ao presentir a catinga da onça e divisar o signal das suas pegadas escava o chão com as unhas, espoja-se, urina, e de orelha em pé, ouvidos attentos, todo arrepiado como um caitetú acuado começa o ensaio esboroando, aos saltos n'um tom estranho, desusado, que impressiona bastante os caçadores medrosos e não affeitos a estas temeridades...

Levantada, a onça corre pouco, dá acuação sem mais delonga, ou em terra ou no páu; no primeiro caso é um perigo, tanto para os caçadores como para cães.

Geralmente, porém, trepam de preferencia nos troncos mais grossos, esgalhados em forquilhas baixas, onde se escancha de permeio e ahí fica pelo que der e vier, ameaçadora e terrível.

As pontarias devem ser feitas no sangradouro com carga de bala, ou na costella minima, com forte carga de chumbo grosso, saquarema ou balins.

Ferida mortalmente a onça geme e urra, e cáe desprendendo-se pelo tranco abaixo, vagarosamente.

E' um bello horrível, que dá calafrios indiziveis o deparar-se com uma onça trepada n'uma acuação cerrada, em meio da floresta, rugindo ameaçadamente aos cães, os estyllites alvos das presas maxilares contrastando com a côr rubra da lingua espalmada e pendente.

Ao presentir ou dar fé da presença do caçador, seus olhares que até ahí se não desprendiam dos cães, voltam-se apprehensivos para elle, cheios de scintillações chispantes, como lamina de aço polido, faulhando como ferro em braza, rebatido na bigorna...

Observa-se então, a mudança rapida da physionomia

do terrível felino—toma uma altitude de arremesso, murcha as orelhas, acama os pelos hirsutos que lhe debruam as fuças e os olhos alongam-se em fita, fixos nos do caçador.

N'um grupo d'estes, se ha um preto, é esse que a onça escolhe para sua presa e d'elle não retira mais os olhos, como que indicando—é aquelle!...

Ao perceberem o baquo resultante da quéda da onça ao chão após a detonação do tiro, os cães que acuavam agulam, desaparecem como por encanto : é esse o momento perigoso da caça ao tigre, porque embora ferido mortalmente, elle esforça-se por aggreir a tórto e a direito, caçadores, cães, tudo o que topa, quando nas ultimas vascas da agonia desesperadora, e rigida...

Quem escreve estas linhas quando rapazinho ainda vangloriou com ufania da aventura de haver morto uma suçuarana de lombo preto, aventura essa que lhe valeu ser deportado da estancia de seus paes, o que não seria lembrado n'estas reminiscencias de caçador, se tal imprudencia não lhe determinasse novo destino, fazendo d'um neophito caçador um soldado.

No seu «Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará», conta o marechal Raymundo da Cunha Mattos, a respeito de onças, a seguinte historia, que ouviu a um fazendeiro goyano, creio que da villa de Cavalcanti, como succedida com elle, fazia poucos dias : Tinha ido a caçada de porcos do matto, e, quando em perseguição de uma numerosa vara de queixudas canellas ruivas, vio-se forçado a trepar n'uma arvore, afim de não ser apanhado pelos porcos, que d'elle tinham dado fé, e vinham de investida.

Apenas galgou a primeira forquilha e se dispunha a atirar nos porcos, sentiu que lhe caiam umas, como que gottas d'agua, como se estivesse chovendo ; então, lançando os olhos para o alto, qual não foi o seu espanto, ao ver pouco acima de sua cabeça uma enorme

onça canguçu que acabava de ahí trepar, acossada pelos mesmos queixadas, que enfurecidos não cessavam de bater os dentes, ameaçando mesmo roerem o tronco pelas raizes. Era o caso de se dizer que estava entre a cruz e a caldeirinha !...

Quando as nossas forças expedicionarias, em numero superior a 2000 homens, ao mando do General Couto de Magalhães, acamparam n'um morrete defronte a cidade de Corumbá, um tigre, conta o illustre General, penetrando no acampamento, saltou sobre um sargento do 7º Batalhão de Voluntarios, sacudiu-o sobre o hombro e fugiu com tal precipitação que perseguido e morto em menos de meia hora, tinha tido tempo para decapar a cabeça do infeliz sargento, sugar todo o sangue e devorar parte do peito.

Nos pantanaes de Matto Grosso contam que, quando no cio, as onças andam sempre acompanhadas por oito ou mais onças machos, que entre si vão disputando a posse da femea o que não deixa de ter certa analogia com o que diz Jules Gerard dos leões africanos, que disputam a femea, com sacrificio da vida, até que ella depois de gozar longamente o prazer de assistir as luctas, onde succumbem os mais fracos, se entregam ao vencedor.

O touro ou *marrua'*, é o unico animal que não se atterra com a vista da onça, e que até offerece-lhe combate afoitamente, resistindo-lhe quando ella acomette ás *malhadas* de gado vaccum.

A lucta então faz-se medonha, sabindo o touro muitas vezes victorioso, e trazendo o terrivel carniceiro espetado nas guampas. Outro possante quadrupede, que não fez deligencia para escapar á aggressão da onça é o Tamanduá bandeira.

Este interessantissimo animal, quando acommetido, ora põe se em pé, ora deita-se de costas e espera o assaltante; se este o aggride, elle abraça-o e sugiga-o

apertando-o nos reforçados braços n'uma effusão desagradavel, e não o largando, ao menos, que se lhe não cortem as munhecas.

Para caçar e pegar facilmente este animal, cujos abraços são perigosos para o homem e para os cães, os sertanejos uzam de um processo assaz curioso, que consiste em se lhe atirar um feixe de capim, que elle apara no ar, abraçando-o e jámais o larga.

E' commum acharem-se onças mortas juntamente com o bandeira, agarrados um ao outro.

Só a anta o excede em força corporal.

Não se deve confundir o bandeira com o *tamandú mirim*, ou *berittata*, que é mui menor, não tem o rabo coberto de pellos e se distingue como excellento trepador.

No dizer de alguns caçadores a onça não se aproxima de fogueiras erguidas no matto durante a noite, o que me parece ser contestavel, porque ás dez horas é que ella se mostra mais traçoieira e mais audaciosa como se sabe.

Segundo Azára, de seis homens de que teve noticia devorado pelas onças, duas foram arrebatadas de peito de uma grande fogueira de acampamento.

N'outra cousa que por ahí corre não se pode acreditar piamente e é que a onça caia nos fojos, como assevera Varnhagem, que só conhecia estas cousas do ouvir contar.

Chamam-se fojos umas covas cobertas de ramas maiores e menores tecidas de modo a não despertar a attenção dos animaes por mais arditos que sejam.

Este processo de caça indigena está hoje em desuzo no interior do Brazil.

A onça como rei dos nossos animaes, é como todos os despotas odiado pelos seus subditos.

Reza uma lenda indigena, que um dia quando todos os bichos falavam, a onça depois de desenvolver todas

as astúcias para pegar a raposa, fingiu-se morta em seu covil,

Então os animaes todos reuniram-se ali, e, acreditando no ardil festejavam o grande acontecimento, quando chegou por ultimo a raposa perguntou da bocca da caverna mortuaria aos circumstantes:

— Ella ja arrotou?

— Não, disseram.

— Pois olha, meu avô quando já bem morto, arrotou tres vezes !...

Ao ouvir isto a onça cahiu na tolice disparatada de arrotar tres vezes e foi uma debandada geral.

## AS CAÇAS MIUDAS

---

GATO DO MATTO, IRA'RAS, COATIS, GUARIBAS,  
MACAÇOS E JARATATACAS

Aos gatos do matto, bem como ás iraras, aos coatis e aos outros animaes pequenos e trepadores, se dão caça de corrida ás mais das vezes pela méra coincidência do encontro casual desses vagabundos com os cães, e assim empregados são os mesmos que acuam em páu bichinho. Estes animaes, que os caçadores chamam *im-mundices*, e consideraun caças indignas, são encontradas de preferencia na beira das roças, onde concorrem com os gaviões e mais rapineiras na perseguição das cutias e das aves como jacú, jahó, inhambú, pombas juritis etc. . .

O GATO DO MATTO — (*Felix macrura*) descripto no capitulo consagrado ás onças, vêm até aos quintaes das fazenda do interior, pegar gallinhas e outras aves domesticas, caçadas as ques se habituam e nellas fica perito, dando ronda nos poleiros altas horas da noite.

Corre pouco, como todos os felinos.

IRA'RA OU PAPA-MEL — (*Galitis barbara*), é animal

de corpo longo, caúda comprida e da familia das Martas, pello bruno e papo amarello.

Sua pelle quasi impermeavel como a de lontra, é muito apreciada para capas de espingardas e patronas ou bo'sas de caçadores.

E' frequente nos cannaviaes onde causa muito damno não só pelo que come, como pelo que estraga, inutilmente, cortando nas touceiras de canna aqui e ali por desfatio ou ganancia.

Este animal tocado pelos cães é capaz de correr um dia inteiro, sem descanso, e com a particularidade mais de o fazer tambem por cima das cercas das roças e assim rarissimas vezes dá acuação.

Acontece ainda, que quando trepa n'alguma arvore alta ou frondosa, que se ergue na matta fechada, illude facilmente o cão, saltando sem que elle veja, de uns para outros troncos proximos, *pingueleando* os galhos mais grossos como macacos, ou então pelas emmaranhadãs do cipoal pendente das grimpas. O melhor modo de caçal-a é mesmo de esperar á beira dos cannaviaes, onde se encontrem seus vestigios e estragos mais recentes.

O nome de papa-mel vem desse animal gostar de devorar as colmeias de abelhas, como a *arapudá* que constróe a casa nos galhos das arvores, á semelhanças das de maribondos. (1)

Cantam que um caçador conseguiu apanhar uma irára, no momento em que, mettida no ôco de um páo, onde haviam tirado mel e inda restavam alguns favos,

---

(1) No Brasil central são infinitas as especies de abelhas—como a *mambuca*, a *mandassáya*, a *Jataty*, a *mandaguary*, a *uruçú* etc.; a irára, porém, só faz mel. auça nos que constróem as colmeias nos galhos de pau, nos cupins ou no chão como a *xupé*, a *arapudá*, a *capincira*, a *incuy*, as vespas e maribondos, menos o *cassununga* cuja picadella é venenosissima.



ella punha a mão fóra, para dar tambem aos filhos que ali tambem esperavam as sobras.

Accrescentam que o homem, só depois de saborear os restos de *samóra* que o animal suppunha dar aos filhos, foi que teve a ideia de tapar o óco do páu, para detel-a ali.

Si não é *vero e bene trovato* e vae por conta de quem me contou...

COATIS—(*Masnas socialis*), ou coatis de bando (*Masnas solitarius*) ou coatis mundéos, pertencem á familia dos ursos latros; toda a gente os conhece, ou por tel-os visto em casa, onde se domesticam com facilidade admiravel, e donde por fim saem expulsos com fama de ladrões e como verdadeiras pragas.

Tem a palavra o autor das *Aves no Brasil*:

Vive socialmente nas mattas, muitas vezes em bando de 12, 18 e mais individuos, sabe trepar bem, galga com habilidade mesmo as mais altas arvores, procura fructos, passaros e ninhos, move-se com a mesma agitação em terra. Por toda a parte mobil e sempre occupado, apenas permite-se algum descanso nas horas quentes do meio dia.

Como no Interior apreciam-lhe a pelle, para cobertura de seila e coldres de pistolas, e além disso em certos lugares gostam de sua carne, está o coati sujeito a muitas perseguições, entretanto por toda a parte encontra-se com frequencia. Alguns naturalistas affirmam que o coati mundéo (*masna solitarius*) que se conhece extraordinariamente pela falta de rajás brancas no nariz, e apenas representadas pelos mais velhos, que se separam da sociedade e levam independente vida de ermitões, outros mais recentes, fazem delles especies distinctas, que pretende indical-a a N. Iarcorhyncha da America Central». Os coatis saem nas roças, onde damnificam o milharal, desde que pendôa até que quando secco e já amontoado nas bandoiras.

Os de bando basta ouvirem latido de cães para treparem logo á primeira arvore que encontram, e á detonação do tiro levam as mãos ambas ás pontas do focinho e cáem todos de um baque no chão, e desapparecem como por encanto, deixando o caçador neophito attonito, sem aperceber-se mais que da quédia estrondosa; e dê-se ainda por muito feliz se do bando inteiro (após o esparrame) puzer os olhos n'um, o que foi alvejado!

Se um cão inespiciente consegue abocanhar os, cousa difficil n'estas occasiões, póde contar-se pela certa que está degolado ou lanhiado mortalmente. O coati mundéo, cevado nas róças, adquire ás vezes dous dedos de um toucinho ou gordura, de cheiro nauseabundo, adipsidade esta que lhe serve de couraça para impedir a penetração do chumbo.

Trepa até os ultimos galhos; por isso e pela razão acima, o caçador só deverá atirar-lhe com chumbo grosso ou mesmo com bala.

GUARIBA — (*Mycetes*) Barbados, Guariba dos indigenas, *Biriba* em S. Paulo e hoje naturalmente em todo o Brasil.

Os machos são de côr negra, luzidia, pelligio bem furnido, e lãnudo, cabeça macissa e mandibula inferior alta, ornada de espessa barba, cauda aprehensora despida na extremidade, o que lhe permite, mesmo depois de morto, ficar dependurado dos galhos de páu. As fêmeas são buias, as fuças escuras e de dimensões menores.

Vive em bandos ou magótes, de 3 a 20 individuos, trepados nas mais altas arvores da matta, sob a direcção d'um macho chamado *Capelão*.

Este tem uma especie de papo, ou cuja ossea na garganta, a qual quando elle uiva, produz uma zoadarouca e extensa, que se ouve a mais de meia legua.

Seu uivo, diz Goeldi; na Amazonia, chamado rouco,

(tambem no Brasil central) de difficil descripção e que se ouve ao longe, ora sae em côro, ora em solo; soltamente ora de manhã, ora á tarde, principalmente na estação quente e quando ha mudança de tempo.

E' um dos sons naturaes mais imponentes do mundo tropical sul-americano; agradavel de ouvir para o naturalista e o caçador, é tambem muito proprio para aturar a gente bisonha ou timida!

Quando presentido e acuado pelos cães sobe para o topo das arvores mais altas da matta, e ahi esconde entre a folhagem ou por trás de um galho grosso, é sem contestação o animal mais resistente ao chumbo, cujos effeitos procura attenuar, mascando fructos, brotos de certas arvores, como o macaco. (1)

Seu principal interesse para o caçador é a utilissima e formosa pelle, que serve para o fabrico de coronas de montarias, de capas de espingardas, patronas de caça etc.

Seu uivo dizem que chama chuva, tanto que é corrente no Brasil Central o dictado conhecido tambem na serra dos Orgãos:

*Guariba na Serra*  
— *E' chuva na terra*—

Como os macacos, não mette pé n'agua e talvez tambem nem mão em cumbuca, passa os rios, fazendo

---

(1) Os indigenas, conhecedores disso, flecham-no com settas invenenadas com *urary* — *bororé* ou *curoré* corrosivas vegetaes, E' extrahida de um cipó d'aquelle nome, que dá um liquido leitoso e de cheiro acre, ao qual, depois de submittido a uma lenta evaporação se lhe misturam algumas gottas de venenos extrahido de vesiculos de cobra<sup>as</sup> a3 uas venenosas—como a *cascavel surucucú*,

cadeias agarradas aos rabos uns dos outros. Dizem que ás vezes arrebenta o cordão e succede todos cahirem n'agua, donde conseguem sahir com facilidade, nadando a largas braçadas mas estonteadamente.

MACACOS (*Simiae*) constituem tão numerosa familia peculiar ao Brasil, que longo e fastidioso seria enumerar-lhes aqui as especies, mesmo porque os limites d'este trabalho não comportariam o que o assumpto requer. Os *Simius* mais importantes do nosso paiz pertencem á fauna Amazonica — mas o Brasil Central conta muitos generos e especies conhecidas, não só n'aquella região como na da matta costeira, ao longo da Serra do Mar.

Segundo Joharús Natterer em Goyaz habitam as seguintes especies mais conhecidas pelos zoologos :

*Myceles corayá.*

*Cebus elegans.*

*Hapace melaruirá.*

*Nictipittecus Azarae* (*gelinos*). Se a guariba não causa damno nas plantações, já dos macacos, seus parentes proximas, não se póde dizer o mesmo, pois os sertanejos os têm como praga nas suas roças, desde que o milharal pendôa até a colheita.

Quando visitam as roças, o que fazem logo pela manhã e á tardinha, levam sentinellas avançadas ou *bombeiros*, que exploram o terreno, as quaes em caso de perigo dão alarmas e denunciam a presença do dono da roça. Contam que, uma vez, surprehendidas na colheita, as sentinellas que foram na frente são castigadas rigorosamente com rijas vergastadas pelos do bando.

O melhor meio de cercal-as é de espera á beira das roças onde saem invariavelmente no mesmo local, ora entram pelas cabeceiras, ora pelos fundos, quasi nunca por outros logares não frequentados.

Perseguidos no matto, é difficil de se lhes atirar,

porque saltam com incrível agilidade de uns a outros galhos, deixando o caçador a perdê-lo de vista.

Afirmam que quando trazem as crias ás costas, ameaçados de tiro, levam-n'as á frente mostrando-as aos caçadores.

JARATÁCA — (*Mephitis suffocans*) Camgambá no norte, Jaraticáca, Mari-táca, Jaguane dos indigenas e Zorrilho no Rio Grande do Sul, pertence á familia dos carniceiros do Brasil.

Este curioso animal, que eu não incluo no numero das caças recommendaveis, mas que d'elle me occupo apenas para que os leitores o conheçam e assim o possam evitar nas suas caçadas, é deste modo descripto por Ayres Casal na sua Chorographia Brasílica (pag. 50):

A JARATICACA OU CAMGAMBA' como lhe chamam em algumas provincias, e que alguns reputam por uma especie de familia, é bem notavel tanto pela sua linda figura, sendo branco, malhado de negro, com cauda fel-puda, como pela singular e invencivel arma com que se de'ende facilmente de qualquer inimigo que ouse atacal-a.

Este animal sendo accommettido, e ás vezes antes de o ser, solta uma porção de urina de fetido tão forte e enjoativo, que o aggressor não cuida mais, que no modo de se livrar d'elle: os cães ferem o focinho de o esfregar no chão; e o homem só deseja mudar de vestido. Com tudo matam-se alguns antes que uzem da sua arma fatal, ou d'improviso antes que elles vejam a gente, ou de longe, quando não temem o caçador.

Algumas pessoas dizem ter observado uma pequena fumaça averdeada na parte superior do canhoeiro, quando elle dispara a peça.

Uns naturalistas que anatomisou alguns, achando-lhes juncto do vaso de urina, um pequeno receptaculo d'agua, totalmente distincto do da bexiga, persuadiu-se ser ella a d'onde procede o fedor.

A banha d'este animal, sendo externamente applicada, é um poderoso emoliente; e sua carne gostosa quando não foi infectada com a agua fedorenta; tambem então se lhe aproveita a pelle para bolsas, passa pelo gato de algalia!

O naturalista Martins, que desconhecia a Jaratáta, tivera a imprudencia de atirar-lhe uma pedrada, ao que este singular animal, curvando as costas e abrindo as pernas, arromessou contra elle um liquido verde de cheiro tão activo e pestilencial, que o deixou sem sentidos e incapaz de persegui-la.

Isto tem succedido a muita gente, principalmente aos caçadores neophitos que devem ficar de sobre avizo.

No sul de Minas e na matta do Rio, os macacos são mui frequentes nas Sapucayas (*Lecythes ollarias*), que dão um côco ou fructo quasi espherico.

Para as tirar, diz um escriptor, creou a natureza na extremidade um orificio de quatro polegadas de diametro, arrolhado com uma tampa da mesma grossura, e coberta com a primeira casca, que é necessario tirar primeiro para separar. Os Macacos, por um instincto natural, derrubam estes côcos, quando maduros, e dão com elles em uma pedra, ou pau duro até lhe saltar fóra a tampa, e come-lhe as amendoas.

Da mesma maneira procedem os macacos com as vagem da jatubá e com o côco da macahúba.

## A CAÇA AS PACAS, CUTIAS E COELHOS

A caça destes pequenos e bellos animaes, tão apreciada em toda a zona do littoral do Brazil, não solicita lá para que se diga, os caçadores do interior, onde além de um ou outro, si os caipiras se occupam d'ellas, isso mesmo com o fim immediato de evitar-lhe os estragos nas roças de milho, de mandioca e de outras plantações.

Ainda assim, a considero de importancia, para não ser esquecida n'este trabalho, que se deseja que satisfaça á todas as classes de caçadores, cujos gostos certamente não são iguaes.

Accrescentando notar que o resultado, que o caçador offerece d'estas caçadas — a sua carne, compensa sobre maneira.

PACA (*coelogenes paca*) de familia dos roedores, no qual occupa o primeiro lugar a Capivara, que tambem pela maneira de vida aquatica ou ribeirinha, apresenta com ella muita semelhança.

A paca é um pequeno quadrupede que attinge a 6m,70 de comprimento, sem cauda, orelhas curtas, pello

áspero e avermelhado com cinco series de listas brancas, dispostas no sentido do comprimento, é mais miudas e accentuadas nas ilhargas. A carne d'esto animal, que pella-se da mesma maneira que o leitão, é saborosissima e como tal apreciada em todo o Brazil — d'ahi a guerra impiedosa que lhe movem os caçadores por toda a parte, notadamente na região costeira, onde com frequencia apparece no mercado, por preços bem altos como no Rio de Janeiro.

Vive durante o dia, ora sobre atulhos de folhagem secca, nas cuivaras e nas capoeiras, ora n'algun barranco a beira dos riachos e correntes volumosas, onde nada admiravelmente e banham-se com frequencia; e quando perseguida pelos cães ahí procura se refugiar.

A paca acúa as mais vezes nas suas tocas, que escavam de modo a ter uma sahida, a qual os caçadores chamam *suspiro*; é por esse orificio que ella *espirra* quando os cães penetram no seu esconderijo.

Para desemboscá-la, quando o caçador não dispõe de cães apropriados, (cães pequenos de pernas tortas chamados paqueiros) para entrar nas furnas o processo é identico ao que ficou descripto na caçada de taitetés.

Assim quando entocam, o meio de desentocá-los é accender fogo na porta do furna, e, com um abano de folhas verdes impellir para dentro a fumaça, de modo que o animal quasi asphyxiado lá dentro, vê-se forçado a sair para fóra, procurando o suspiro, onde o caçador está attento, aguardando lhe a sahida.

E' um dos tiros mais difficeis este, quando as pacas espirram do esconderijo, tão affeitas e cegas, que se podem apanhar as vivas, n'um sacco de linhagem, convenientemente collocado e preso á bocca do buraco, o que é costume se fazer com bom exito.

Fazem trilheiras fundas que lhes assignalam seus passeios nocturnos, das tocas para os riachos, em que se banham, como tambem para as roças que frequentam



à procura de alimento, milho, canna de assucar, mandioca, feijão etc.

E' tão fina e assimiladora a sua carne que chega a adquirir sabor e cheiro dos alimentos de que o animal se nutre — peixe, fructas de manoneiras, pinhão, de sabor mais ou menos pronunciados. (1)

CUTIA (*Daiyprocta aguti*), da familia dos roedores.

Ha duas variedades de cutias: a preta (Difuliginosa) e a de rabo (De acanchy).

A cutia alcança á 0,m50 de comprimento, pernas altas e finas, sendo as detraz um terço maiores que as dianteiras, orelhas pequenas, focinho semelhante ao do coelho, pello aspero, reluzente, misturado de preto e amarello.

Habita os capoeiraes e as mattas virgens mais seccas e elevadas, onde fazem ninhos nos troncos ôcos, quando deitadas ou em buracos escavados debaixo das raizes de arvores velhas, esconderijo que procura, quando acossada.

Visita amiudadas vezes as roças de milho, os cannaviaes, como tambem os mattos povoados de palmeiras de indahyá, cujo côco muito aprecia.

(1) Entre algumas tribus indigenas do Amazonas, corre a fabula que as pacas são sempre encontradas em buracos habitados por surucucús, e procedem d'estas cobras.

A surucucú, contum eiles, tem o somno pesado, os pagés aproveitam-se d'elle para cercarem-na com uma pequena sebe de varas e cobrindo a serpente com uma porção de formigas de certo genero, esperam que o truculento reptil se torne em nédia paca.

O facto real é que a surucucú acolhe-se ao buraco d'estas formigas, de que talvez faça alimento, onde tambem se entoca a paca que, segundo acreditam mais, vive em boa camaradagem com a cobra. (J. Verissimo—*Scenas da vida amazonica*).

E' uma das caças mais remontadoras, quando perseguida pelos cães.

Acuada em ôcos de pau, é facil de se mata-la: mede-se a profundidade do ôco, com uma flecha, e, depois de tapar a entrada, entalha-se o tronco á machado na altura da medida tomada e assim se poderá sangral-a, sem perigo della escapulir nem morder.

Seus dentes, como os da paca, são afiadissimos, cortam como navalha.

Se ella pega a remontar, indo e vindo pelo mesmo trilho, quando corrida, ha um meio facil de se lhe deter e vem a ser collocar o caçador o chapéo no trilheiro, de modo que lhe dê na vista a certa distancia.

Ao se lhe deparar o estranho objecto ella pára, processando reconhecê-lo, occasião esta mais asada para o caçador atiral a parada,

A sua pelle, como a sua carne, são mui apreciadas.

COELHO.—(*Lipus brasiliensis*) da familia dos *Leopoides* coelho do matto, Tupiti dos indigenas: dizem que só differem da Lebre européa por ser pouco menor e ter as orelhas mais curtas.

Habita as orlas do matto, capoeiras e roças abandonadas, anda por toda a parte, assignala-a a sua presença pelos montes de teneduras que deixa aqui e ali, durante as horas quentes do dia, dorme nas moitas com os olhos abertos, e á noite sáe a procura de alimentos, que consistem em capim, grelos de feijoal, bananas e terras salitrosas.

Quando perseguido pelos cães, mettem-se nas covas em solapas de tatú, donde, com o emprego dos furões ou cães paqueiros consegue o caçador desentocal-o facilmente.

O melhor meio de caçal-o é de armadilha ou laços de apanhar aves.

Esta armadilha consiste n'uma verga presa n'uma corda, cuja extremidade se liga á um pingente espe-

cado no pique d'uma forquilha, aonde está engastado o engodo.

Com o esforço que faz o animal para retirar o engodo, o laço disarma, suspendendo-o da verga preso na laçada, onde metterá a cabeça. (1)

Para cevar os coelhos não ha melhor engodo que a urina.

Sua carne é muito apreciada mas a sua pelle não tem utilidade alguma, por ser muito fina.

Não trato dos mocós (*kerodon rupestris*) nem das Preyás (avia aperea), com os quaes estas caças tem muita analogia porque não merecem as honras da caça no Brazil central, pelo menos em Goyaz.

---

(1) Este processo de caça, o laço é indigena pois se encontra em Simão de Vasconcellos (chronica da companhia de Jesus do Estado do Brasil (5), referindo-se ás caçadas entre os indios de Piratininga: «Para as aves tem tambem instrumentos diversos, principalmente trez chamam a um juçara, bipyara, que caça pelos pés, a outro juriypiara que caça pelo pescoço, e a outro juçana pite-  
reba, que caça pelo meio do corpo. E' para ver a felicidade de algumas d'estas caças.»



## CAÇAS RIBEIRINHAS

Uteis ou inúteis, percorrem as  
estiradas margens d'esses agua-  
ções, enchem a sua flora....  
coalham seu ar azul-fino de uma  
transparencia imperturbavel, um  
mundo de quadrupedes e aves.  
(José Virissimo)

*A pesca na Amazonia*

Com o titulo acima — caças ribeirinhas — quiz designar as caças que affeioadas ao meio aquatico, aves e animaes de pello, se encontram ás margens dos rios das lagôas e dos alagadiços, onde vem beber, refrescar-se ou comer as gramineas viçosas que lhes ajardinam as adjacencias.

E'ahi, nesses sitios, que myriades de passaros e de quadrupedes se encontram, se confundem em bando, em manadas, com os representantes da fauna propriamente fluvial — os peixes de toda a casta, desde a gigantesca piratinga do Araguaya até os minusculos piaba e os lambaris dos riachos.

Em nenhum outro logar, como aqui n'estas paragens, os caçadores poderão tirar melhor partido das diversas armas e processos de caça conhecidas, e igualmente por em evidencia a pericia e a habilidade, com que as manejam no exercicio da profissão, desde a espingarda, o arco e a flecha, até as zarabatanas com que aproam os cardumes de peixe.

Causa admiração e espanto a quantidade de animaes que surgem aqui e acolá, mas além, sobre as ribanceiras ou pontas de praias, e tambem o mundo de aquaticos, palmipedes, pernaltos, gallinaceos e rapaces, que pou-sam nas inumeras insuas e escurecem o ar pelas manhães e ao cahir da tarde, enchendo o espaço de uma alacridade que ensurdece o viajante a esas horas do dia.

Erectos e empinados, n'uma imponentia toda sua, os enormes jaburús, os toyúyús, tabyayás percorrem toda a extensão de praia, mariscando aqui e ali, mas nunca dando pasto á sua voracidade de galfarros.

Nas alturas diaphanas onde os tons se esbatem á luz d'uma atmospherá saturada de vapores leves, em zig-zags pelo espaço fóra, ora elevando o vôo, ora flexionando as azas, garças esvoaçam — nuvens brancas açoi-tadas pelo vento, — e traz á memoria do sertanejo a quadrinha popular :

Lá vae a garça voando,  
Baixa aqui, baixa acolá:  
Em poema d'amor firme  
Que nesta terra não ha.

Nas grimpas festoadas dos gigantescos jequitibás, nas franças das copaibas e gamelleiras, aráras, papagaios e maitacas de côres rutilantes soltam gritos estri-

dulos e os guaxos, xoxéos e jupuiras chilram e balançam-se nos ninhos suspensos dos galhos alterosos.

Nos galhos dos ingaseiros, horizontaes á superficie das aguas, os sinimbús deitam-se com a barriga cosida ás forquilhas, chilreando, de papo pr'o ar.

Como sentinellas postadas nas embocaduras dos lagos ou de-lisando na corrente do rio, corpulentos jacarés descobrem o dorso escamoso e ao distinguirem mal um ganíçar de cães, fecham em direcção á praia, vorazes, famintos, apenas com as fuças fóra d'agua, na ancia de retastelabarem-se de carne fresca...

De instante a instante, no remanso tranquillo dos rebojos, ora descrevendo circulos ondeados á superficie liquida que se franja de espumas, ora dando com estrondo uma rubanada rispida, os dourados ou piracanjubas lantejoulam fóra d'agua o brilho luminoso das escamas.

Pela manhã, sobre a areia branca e fina das praias, onde as tartarugas desóvam, pégadas recente do jaguar de antas, de capivaras, de sua frequencia assidua n'essas paragens.

Bandos de patos sylvestres, passam em revoadas, espantadiços, grasnando; biguás, e marrequinhos, mergulhados n'agua, põem a cabeça de fóra como cobras ariscas.

Distinguem-se ahi, como dignos de caça entre outros animaes e aves :

CAPIVARA (*Hydrochueros capibara*) da familia das caviides e considerada a mais alentada dos roedores conhecidos no Brazil; côr bruno — amarello-escuro, pello aspero, semelhante em tudo a um porco domestico.

Attinge a 1,000 de comprimento e o pezo de 50 kilogrammas, segundos os naturalistas.

Vivem amadrinhadas em varas de vinte ou mais individuos, nas immediações dos rios, lagos e brejos.

A capivara é animal damnhinho: sahe pela manhã ou a tardinha, á cata de alimento que consiste em plantas aquaticas, cascas de arvores, canna de assucar, milho e outras gramineas cultivadas nas roças.

Sua carne não é má, e até considerada medicinal para certas molestias como *caruãra* ou dores rheumaticas e sua pelle empregada pelos sertanejos em calçado, especialmente em canos de botas de montar.

Quando perseguida mette-se nos esconderijos, tócas escarvadas nas ribanceiras dos rios e lagos onde habitam.

O melhor meio de caçal-as é á traição ou de espera nos sitios que frequentam em horas determinadas; ou então de armadilha disposta para a noite nos trilheiros á margem dos rios e caminhos de roça.

ARIRANHA—(*Lutar brazilienses*) (1) jaguacáca, pertence á familia dos mustelides ou martas, é animal amphibio, voraz e guloso de peixe, as quaes, para comel-os decepa a cabeça primeiramente: pello de um bello bruno, curto e fechado, com membranas nos pés, cauda chata, espalma-la e despida de pello.

Melhor ainda que nenhum naturalista a descreveu Couto de Magalhães, que caçou no Araguaya.

«A ariranha é uma especie de lontra que tem de 5 a 6 palmos de comprimento; tem a cabeça pequena e um pouco semelhante a do gato; a bocca rasgada e armada de dentes agudos, o pescoço da mesma grossura que a cabeça e comprido, amarello e listado de preto, as mãos e os pés são extremamente baixos em relação ao corpo que é redondo e terminado por uma longa cauda, em feitio de pá, defendida por um couro grosso, guarnecido

(1) Seria a Ariranha ou a Lontra, que o notavel naturalista Avellar Brotero (a quem divida nomenclatura dos animaes adaptou ao catalogo latino como *Lutra brazilienses* ?



de dois pellos, um mais grosseiro e comprido, outro mais curto, tão tenue e delgado que torna-se impermeavel á agua. Toda sorte de peixes e feras aquaticas respeitam a ariranha pelo valor e coragem com que ataca.

Desde que os jacarés as presentem fogem amedrontados e procuram os lugares tecidos de cipós e vimes que embaraçando a ellas o nado, serve a elles de defeza.

As ariranhas, como as lontras, sustentam-se de peixe; vivem quasi sempre n'agua, subindo a terra apenas quando têm necessidade de mudar de um para outro lugar, ou para aquecerem se ao sol.

Quando ellas saem ás praias, fazem correrias, brincam, saltando como se fossem cachorro; andam ordinariamente em bandos de 5 a 10; cavam os barrancos dos lagos em lugar onde não chegam as aguas, ahi fazem seus ninhos, parem e criam os filhos até o ponto em que adquirem força para aventurarem-se ao rio.»

LONTRA (*utra*). Menor que a ariranha e vive aos casaes, ás vezes reunidas em bandos.

A lontra tem dous pellos, sendo o interior delicado e extremamente fino, basto e sedoso, o que o faz muito apreciado pelos caçadores, que d'elles se aproveitam para capas de espingarda e bolsas ou martirys, visto ser impermeavel.

Mai vorazes, dizem que reunidas aggridem e matam as onças, quando essas animaes atravessam os rios a nado.

O melhor meio de caçar ariranha e lontra é de traição nas beiras de rios onde ha pontas de pedras ou *itaipavas*, ou melhor, nos pays quando pela manhã costumam n'elles roubar peixes.

E' preciso muita precisão de tiro para se matar lontras, pois apenas trazem a cabeça fóra d'agua, para resfolegar, rapido mergulham para surgirem ao largo, onde com a mesma presteza desaparecem.

GANÇOS OU PATOS SELVAGENS. (*Chenolopex jubatus* e *anas Maschata*) vivem aos pares, outras vezes em bando como os marrecos, apparecendo pelas manhãs e á tarde.

Os caçadores postados á barranca do rio, ou ás margens das lagôas atiram de ordinario nos bandos quando em revoadas, cruzam em todas as direcções sobre sua cabeça. Outros caçam de espera ao pé das arvores onde elles empoleiram ao escurecer.

Para esta caçada é preciso o caçador se postar occultamente, com a devida antecedencia, nas proximidades dos arvoredos em que costumam pernoitar os patos, em geral muito ariscos.

Nos patos não se deve atirar no peito, de frente, pois a não ser em sentido contrario ás pennas o chumbo não penetra nessas aves, que além das pennas são revestidas d'um arminho ou penugem mui fina, que intercepta a penetração dos projectis.

Quando frequentam as lagôas de pouco fundo, onde o homem pôde tomar pé, costumam os caçadores lançar ahí algumas cabaças e porungas, que se conservam por espaço de dias, fluctuando.

Uma vez os patos e os marrecos familiarisados com as cabaças que estão a boiar n'agua, o caçador mette a cabeça d'entro d'uma d'ellas, já preparada com dous ou mais buraquinhos por onde possa ver e, mergulhado o corpo todo n'agua, assim dissimulado approxima-se dos patos e pega-os pelos pés, mergulhando-os em seguida, sem que com isto os outros dêem fé da historia...

Este curioso processo, como muitos outros, é invenção dos indigenas, e este já vem mencionado no livro de Varnhagem.

Os patos são mui apreciados dos caçadores por serem das aves selvagens a que mais engordam, gosando justamente da fama de mais saborosa carne.

Como o veado campeiro, os patos e os marrecos ficam

tambem *brancos*, isto é, perdem em certa época do anno as pennas grandes das azas, ficando assim impossibilitados de voar por algum tempo.

Por esse tempo os caçadores tomam nota dos lugares mais frequentados e durante a noite, fazem ahi um curral de tallos e folhas verdes de coqueiros, deixando uma unica entrada dissimulada com outras ramagens — cercado este a que chamamos *chaissáta*.

A entrada deve ficar voltada para a barranca do rio ou lagoa.

Pela madrugada, diz Couto de Magalhães, quando os marrecos vem para a lagoa — os que es querem assim caçar mettem pela agua á dentro, do lugar opposto a terra do pasto e onde está o curral, e os vão tangendo até que entram no curral, ahi os fecham e matam aos centos para as taes salgas.

A estas salgas no Pará dão o nome de fazer barris, cuja significação aquelle illustre escriptor vae dar nas linhas que seguem, relativas ás caçadas dos filhotões de tuyuyús, jaburús e outros palmipedes dos *igapós* da fóz do Amazonas.

A caçada consistia em derribar aquellas arvores a que se não podia subir; em apanhar os filhotões que, estando apenas começados a emplumar, não podiam voar, e pois não fugiam.

Mortos aos centos, depennados, descabeçados e destripados, eram apertados nas barricadas com grande quantidade de sal; o serviço de embarricamento só se fazia de madrugada porque, dizem os caçadores, feito de dia; arruina a conserva, e é provavel porque, indolentes com o calor do sol, deviam apodrecer.

Comidos assados frescos, ou de 3 ou 4 dias de salmoura, são deliciosos, apesar de serem extremamente gordos; assemelham-se aos filhotes de pombos; dizem que na conserva velha são ainda melhores.»

CAMALEÃO OU SINIMBU' — (*Iguana Viridis*) — é uma

caça muito estimada nas margens dos grandes rios do interior, pela sua carne que participa o sabor da de galinha e da do peixe.

E' ainda o auctor da *Primeira viagem ao Araguaya* que o descreve:

« O camaleão é um reptil, mais ou menos semelhante ao tiú ou lagarto, tendo da cabeça a ponta da cauda, de 5 a 9 palmos; é de côr verde-folha, mais ou menos escura segundo sua idade e a estação do anno, visto que muda de pelle de setembro a novembro, e em quanto essa está nova, tem as côres mais vivas.

O costado do camaleão é armado de uma serra cujos dentes, semelhantes a barbatanas, têm uma polegada de altura; debaixo da cabeça (no papo, como dizem os sertanejos), têm duas membranas pendentes, semelhantes ás que têm os gallos debaixo do bico; moram em buracos nas margens do rio, sustentam-se de hervas e insectos.

Depois de encherem a barriga como bons fidalgos, trepam-se ás arvores, sobem aos mais altos galhos, repotream-se em alguma forquilha, e ahí ficam tomando o fresco, debruçados sobre as aguas.

Não é facil a caçada dos camaleões, 1º porque a sua côr verde os confunde com a folhagem, de modo a ser necessaria um grande habito para poder distinguil-os entre ellas; 2º porque são como toda especie de lagartos, muito duros de morrer immediatamente, de modo que, atirados, pulam n'agua, mergulham e desapparecem...

TARTARUGAS (*Emys Amazonica*) o tracajá (*Emys tracajá*), o pitiú (*Emys gibla*) e muitas outras especies e variedades d'estes animaes, entre os quaes alguns terrestres, se conhecem nos rios do interior do Brazil, as primeiras particularmente no Araguaya e Tocantins, aguas vertentes ao norte.

Não é só na Amazonia que esta caça concorre para

a alimentação das classes pobres, tambem em Goyaz as aproveitam as populações que habitam as margens dos rios mencionados.

Nas margens do Araguaya as tribus *Chambiods* e *Javaés* caçam os jabutis e uma especie de tartarugas de terra firme chamada *Mussuã*, da seguinte maneira :

Depois de tomarem a direcção do vento prendem fogo aos campos, e hervações que orlam as lagôas, formando a linha de fogo um semicirculo, de modo a cercar a margem escolhida para a caçada, quando o incendio invade tudo, levantando labaredas, os animaes ahi existentes, fogem espantados das crepitações e violentos estrondos dos tabócaes, procurando salvação n'agua, aonde mettidas previamente e armadas de tapapes e lanças, os indigenas vão matando aquelles animaes, e outros que ahi tambem buscam azilo, expulsos de seus commodos pelo fumo da ameaçadora fogueira.

Estas caçadas não são lá sem perigo para o caçador, pois de roldão com aquelles animaes caem n'agua jacarés, sucuris, cobras e outros reptis venenosos.

Caça-se ou pesca-se a tartaruga?

Seja lá como quizerem, o processo me parece mais de uma caçada que de pescaria, como vamos ver admiravelmente descripto pelo padre Antonio Vieira, que em viagem e missão subio o Tocantins, em 1653 :

« Nos mezes de Outubro e Novembro, saem do mar e do rio do Pará, grande quantidade de tartarugas que vem criar nos areaes de algumas ilhas, que por meiod'este Tocantins estão lançadas.

O modo de criação é interrarem os ovos que cada uma põe em numero de 80 até 100, e cobertos com a mesma areia os deixam ao sol e á natureza, a qual sem outra existencia ou beneficio de mãe, os cria em espaço pouco mais ou menos de um mez.

D'estas cóvas saem para as ondas do mar por instin-

tincto da mesma natureza, a qual tambem os ensina a sair de noite, e não de dia pela guerra que lhe fazem as aves de rapina, porque toda a que antes de amanhecer não alcançou o rio, a levarão nas unhas.

Sãem estas tartaruguinhas tamanhas como um caranguejo pequeno, mas nem esta innocencia lhe perdoaram os nossos indios, comendo e fazendo matolotagem, porque são deliciosas, e havia infinidade dellas.

Os portuguezes as mandam buscar aqui e as tem por comer regalado, e a mesma informação nos deu tambem o padre Manoel de Souza, o qual está já tão grande pratico, que sendo todos os outros que aqui viemos, mazombos elle é o que menos estranha essa differença de monjar.

A estas mesmas praias vem no seu tempo quasi todo o Pará a fazer a pesca das tartarugas, que cada uma ordinariamente pesa mais de uma arroba, e assim as tem curraes ou viveiros onde entra a maré e as sustentam sem lhe darem de comer, salvo algumas folhas de aninga arbusto que nasco pelas bordas dos rios, sustentando-se d'ellas quatro a seis mezes.

A carne é como a de carneiro, e se fazem d'ella os mesmos guisados, que mais parecem de carne que pescados.

Os ovos são como os da gallinha, na côr e e quasi no sabor, a casca mais branca e de figura diferente, porque são redondos e d'elles bem machucados se fazem em tachos as bellas manteigas do Pará; e o modo com que se faz esta pesca requer mais noticia que industria pela muita cautela e pouca resistencia das tartarugas. Quando vem a desembarcar n'estas praias trazem diante duas como sentinellas, que vem a espiar com muita pausa; logo depois d'estas com bom espaço, vem oito ou dez, como descobridores do campo e depois d'ellas em maior distancia vem todo o exercito das tartarugas, que consta de muitos milhares.

Se as primeiras ou segundas sentem algum rumor, voltam para traz e com ellas as demais, e todas se somem em um momento, por isso os que vem á pesca se escondem todas por detraz das mattas, e esperam de emboscada com grande quietação e silencio.

Sáem pois as duas primeiras espias, passeiam de alto a baixo toda a praia, e como estas acham o campo livre, sáem tambem as da vanguarda, e fazem muito de vagar a mesma vigia, e como dão a campanha por segura entram á agua e voltam, e depois d'ellas sáe toda multidão do exercito com os escudos ás costas e começam a cobrir as praia e a correr em grande tropel para o mais alta d'ellas.

Applica se cada uma a fazer sua cóva, e quando já não sáem mais, e estão entretidas, umas no trabalho outras já na dôr d'aquella occupação, rebentam os pescadores da emboscada, tomam a parte da praia e remetendo ás tartarugas, não fazem mais que ir virando e deixando; porque em estando viradas de costas, não se podem mais bolir, e por isso estas praias e estas tartarugas se chamam de viração.

As tartarugas attingem a 10 palmos de cumprimento sobre 8 de largura, e põe até 300 ovos, emquanto que o tracajá põe no maximo 40 ovos.

Dá-se o nome de *capatari* a tartaruga mãe, que marca na praia a área na qual devem por os ovos, o que ella faz, descrevendo com a aresta do casco na areia um como semicirculo, de outra do qual as outras desovam (1) em buracos de cerca de 3 a 4 palmos de profundidade.

Os ovos são de duas qualidades — uns que produzem os animaes, outros, maiores, cheios de oleo, sem gema, destinados á alimentação das tartaruginhas.

---

(1) José Verissimo—*Scenas da vida Amazonica.*

Mal nascem, ou antes, apenas rompem a crosta da areia que cobre a ninhada, quando vem os primeiros repiquetes, Setembro e Outubro, as tartaruguinhas procuram a agua, sendo então perseguidas pelas onças, lobos, rabosos securys e toda a casta de aves de rapinas; mesmo n'agua, seu natural elemento de vida, não cessa a perseguição, que ahi é movida pelos peixes e jacarés.

Pevoam ainda as margens das lagôas, dos paludes e dos rios do interior um mundo de aves, cuja caça se faz mui apreciada — os marrequinhos. A *brasilensis* frangos d'agua, *Plutos minga* paturis, pia sol o jacanan vermelha narcêjas, bicos rasteiros, saracúras etc, todos de carne saborosa e estimada pelos caçadores.

O jaboty a que me refiri atraz é personagem curioso nas lendas tupi— guaranis.

Eis uma das suas com a onça :

« Uma vez a onça ouviu o jaboty tocar a sua gaita debicando outra onça e veio ter com o jaboty e perguntou-lhe :

— Como tocas tão bem na tua gaita !

O jaboty respondeu : — « Eu toco assim a minha gaita : o osso do veado é a minha gaita ; ih ! ih ! »

A onça tornou : « A modo que não foi assim que eu te ouvi tocar ! »

O jaboty respondeu : « Arreda-te mais para lá um pouco ; de longe te ha de parecer mais bonito. »

O jaboty procurou um buraco, poz na soleira da porta e tocou na gaita ! o osso da onça é a minha gaita, ih ! ih !

Quando a onça ouviu, correu para o pegar.

O jaboty metteu-se pelo buraco á dentro. A onça metteu a mão pelo buraco, e apenas lhe agarrou a perna, O jaboty deu uma risada e disse :— « Pensavas que agarraste a minha perna e agarraste a raiz de um páo ! A onça disse-lhe : » deixa-te estar ! « Largou então



a perna do jaboty. O jaboty riu-se a segunda vez e disse: «De facto era a minha propria perna.» A grande tela da onça esperou ali, tanto esperou até que morreu.

(Extrahida dos *Contos populares* Sylvio Romero.

O destino das caças ribeirinhas, como o das peiores, está sobre a protecção do Uanyará, que se transforma n'um boto.



## ARARAS, PAPAGAIOS, MAITACAS E PERIQUITOS

O Brazil em antigas cartas quinhen-  
tistas é designada Terra papagalho-  
rum; e tal nome ainda hoje lhe cabe  
com razão embora, segundo os ultimos  
resultados, Nova-Guiné e a Insulania  
lhe hajam tomado lugar.

(*E. Goeldi*).

A carne d'estas aves, dura de cosinhar, é gostosa; d'ahi, o interesse que a sua caça desperta aos caçadores, que vão ao matto com intuitos culinarios, e eis ahi igualmente a justificativa d'um capitulo especial consagrado á ordem d'estes volateis, n'um resumido livro de cynegetica, onde caças deste paiz não deviam occupar espaço, que falta n'este trabalho a muitos outros dignos de menção, embora menos desconhecidos.

ARARAS. — Não menos de 16, considera Goeldi as diversas especies de araras no Brazil.

Acceitando, porém, os conselhos do illustre naturalista — independente de quaesquer classificações scienti-

ficas que na maioria dos casos sahiram trocadas apenas com o nome trivial cuidadosamente apurado — registrarei o conhecimento que tenho das psittacinas que fazem o objecto d'este capitulo. Conheço ou antes distinguo 5 especies de araras no Brazil Central : «a arara real», a mais formosa e rara, descripta por Castelnau, que a viu pela primeira vez á margem do rio do Peixe, affluente do Araguaya ; a «arara vermelha», arara canga ou arara princeza, como é conhecida n'outros Estados; a «ararauna», araruna ou araruná — côr azul ferrête, com brilhos metallicos menos communs ; a «canindé», como é conhecida no Norte, a apavesa de duas côres, azul e amarello sem duvida, de todas a mais commum , e finalmente a ararinha, que me parece ser a macarana ou ajurú catinga dos nortistas.

Como factó digno de nota para os naturalistas, citarei a existencia no planalto central de Goyaz, dentro da area escolhida e demarcada para a futura Capital da Republica, d'uma arara verde, muito delgada, que vive em bandos pouco numerosos e, como os outros quebrando fructos de burity, a qual, pelas desenpções que fazem da araryca, não e ella. Os sertanejos não me souberam dizer o nome. E' uma bella ave do sertão.

PAPAGAIOS. Das 440 especies de papagaios, classificados scientificamente, 114 pertencem ao Brazil, dos quaes 60 especies são exportados para Europa dizem os naturalistas.

Os mais importantes no Brazil Central são os *Trombeteiros* os maiores de todos, assim chamados pela sua loguacidade cor verde e encontros amarellos ; o papagaio *verdadeiro*, papagaio grego ou Ajurú dos indigenas de encontros vermelhos, verdadeiras pragas das nossas roças no sertão.

Depois seguem as maitacas, maracanas, condoricos (*cuátricos*) e uma infinidade de periquitos que vai desde o *rosa* até o menor da especie o *tuim*.

Quanto a nidificação dos papagaios e congêneres, sei que põem dois ovos em ôco de pau amante o tempo das aguas, de outubro á março; e quanto aos seus hábitos de vida em liberdade, diz um poetico e vigoroso quadro de ornithologia brasileira :

« Terminada a inculção, reúnem-se as familias em grandes enxames que atacam as roças e produzem estragos consideraveis. Adejando durante o dia em pequenas partidas, reúnem-se novamente para a tarde e correm rapido e batendo ruído-amente as azas para as mattas alterosas, em que fazem pouso. Com a mesma regularidade com que sahem pela manhã, voltam garrulos á tarde e na arvore que escolhem para passar a noite brigam ainda muito tempo no meio de berreiros violentos por causa dos melhores logares. »

Quando passam, em grandes bandos, e descem para pousar no milharal ainda verde, é que de ordinario lhes atiram os caçadores; ou então nas fructeiras. Procural-os nas dormidas ao anoitecer, é mais difficil pois além do lusco-fusco dessa hora, em que pousam, procuram elles as arvores mais altas e copadas onde se confundem na espessura verde da folhagem.

Quando vôm em bandos numerosos, ás vezes aos milharaes, o caçador aproveita melhor o tiro, pois acontece seguidamente mattar ou derrubar muitas de uma só vez,

As araras caça-se melhor nos campos, quando é tempo das faveiras d'anta, ou então, quando pousam na matta onde abundam as copaibas ou páu d'alho.

Nos buritivaes, cujos côcos muito apreciam, ellas tornam-se ariscas, porque da grande altura destas palmeiras de longe avistam o caçador.

E' de ver na orla vasta dos buritysaes, d'um verde-escuro, abertas em leques, elles reponsarem rebrilhando na folhagem, saltilantes como borboletas n'um alarido ensurdecedor.

E dizer-se que o fructo d'estas palmeiras que só conseguimos quebrar a olho de machado desfaz, no bico de uma arara como a castanha n'um quebranózes !...

Como estas aves se domesticam facilmente, aprendendo logo a fallar, os caçadores que desejam possuil-as ou mercadisa-las, atiram então com chumbo fino, procurando que o ferimento não seja mortal, o que melhor se consegue ferindo-a nas azas.

AS MAITACAS E MARACANÃS—andam de preferencia nas *lavradas*, antigas jazidas de ouro, ou desburacados onde fazem ninho e passam toda a vida, sem se affastar senão no tempo do milho verde.

Assentadas nas embaúbas é facil de se matal-as, principalmente quando o casal pousa em linha—no mesmo galho—o que facilita matal-o de uma só vez.

São frequentes nas tapéras onde existem goyabás, não só papagaios, maitacas e maracauãs, como toda a casta de periquitos menos o tuin, que dá preferencia aos coqueiros gameleiras ou figueira brava.

Esta bella avezinha, para fazer o ninho serve-se das casas abandonadas do *João de Barros*, que como se sabe, constróe as moradias nas arvores proximas as habitações humanas, com o intuito, talvez, de acautelarem a ninhada do bico destruidor dos tucanos e ararys.

Tratando do *João de Barros* dá-nos Ayres do Casal a seguinte interessante descripção da moradia d'esta ave : « notavel pela formatura do seu ninho de barro, donde se lhe dirivou o nome. He feito com muita arte e perfeição no forcado d'uma arvore, e consta d'um corredor, com pouco mais d'um palmo de comprimento, com uma sala, quasi do mesmo comprimento á um lado, tudo de aboboda, com uma janella de permeio no fim do corredor, cuja entrada é pequena, e fica sempre

para aquella parte, d'onde o vento sopra menos. Este edificio resiste as invernadas por muitos annos.»

Os periquitos são uma praga, quando frequentão os arrosaes.

Para reduzil-os ao captiveiro, o processo mais em voga no Brazil Central é ainda o que aprendemos aos indigenas—*ajuçana pitereba*—laço de penna, de pegal-os pelo pescoço como se lê no jesuita Simão de Vasconcellos, referindo-se a uma caçada a que assistio na capitania de S. Vicente:

«E' para ver a facilidade de algumas d'estas caças. Uma de muita recreação experimentei eu com meus olhos, e é a seguinte: Estando em uma aldeia, vi que vinha voando uma quasi nuvem de passaros a que chamam Tuins casta de papagaios pequenos que tambem fallam e são estimados. Pausaram estes enchendo certas arvores, que chamam araçazeiros; chamei alguns filhos dos Indios, que os fossem caçar; levaram elles uma vara comprida e na ponta d'ella um lacinho, forram-se aos pés das arvores e d'aqui lhes iam lançando o laço ao pescoço, um e um, e sem mais resistencia que de quando em quando afastar a cabeça, e fazer um pequeno gemido, com a maior facilidade do mundo, trouxeram-se muitos d'elles e todos vivem.»

Tambem se apanham periquitos com visgo—um emplasto feito de gomme de gameleira, levado ao fogo e com a qual se fazem lambuzas nos galhos, onde elles pousam, attrahidos pela chama ou algum engodo.





## A CAÇA AOS TATU'S

Tendo incluído n'este trabalho mais do que um animal, como muitas aves, em consideração apenas a excellencia da carne a parte d'uma lacuna grave injustiça seria esquecer aquelles que nos fornecem a mais deliciosa comida.

Os tatús pertencem á ordem dos Destentados, familia dos *Dasypodides* e constituem varias especies conhecidas.

Excepção feita do tatú-canastra, ou Tatú-açú dos indios (*Prionodontes gigas*), o maior da familia e de que já fallei em outro lugar, e do Tatú-péba ou papa defuntos (*D. setosus*), que como o nome indica come cadaveres e carniças, todos os mais interessam os caçadores pela excellencia da carne.

Não entrarei em discripção porque toda a gente o os conhece. São animaes noctivagos, bohemios e malfeitores, que andam ora vagarosamente ora no choto largo mas sempre fungando.

Mencionarei apenas os que offerecem melhor carne e mais facilidade em caçal-os.

*Tatusca novemcincta* — Tatueté dos indigenas,

tatú verdadeiro, tatú-gallinha, tatú de folha, tatú mirim, tatú-veado, pois todos são nomes triviaes porque os conhecem os brasileiros.

D. conurus—*Tatú bola* ou Tatú apára—nomes que lhe vem do côstume de se embolar escondendo todos os membros debaixo do casco parando, quando perseguido; não encontra buraco feito para se metter—visto que difficilmente escavaria, como os outros. Destingue-se pela côr mais esbranquiçada.

Conhece-se mais no Brasil Central uma especie destes cataphractos—a *Tatuirá*—que é de todos a que fornece carne mais deliciosa, de saber egual ao da galinha.

Não sei se o tatú de *rabo-mole* constitue especie a parte, ou se é o mesmo tatú-bola, como me parece, pois que ambos têm o rabo mole e curto.

O *péba* ou tatú cabelludo é habitante dos campos e cerrados.

A caça dos tatús é feita de modos diversos: pôde-se apanhal-os em mundéo, a mão ou matal-os a cacete; este ultimo processo é o mais expedito.

No verão, ao escurecer ou após os aguaceiros são intalivelmente á cata de insetos, vermes e raizes, de que se nutrem; no inverno os seus passeios têm logar ao nascer do sol, o que deixa entrever que não é lá muito apreciador do frio.

O mundé ou mundéo é uma armadilha singular. Consiste em duas cercas de paus a pique, por entre as quaes se suspende um grosso madeiro roliço, que tem uma das extremidades apoiada ao solo e a outra sustentada por um resistente fio, cuja extremidade se prende a um pinguelete, armado ao fundo da galeria, onde se colloca os engodos. O ponto de apoio reside n'uma travessa, ao alto. Quando o animal procura retirar o engodo ou carniça, o pinguelete desloca e o ma-

deiro cá, esmagando ou prensando a caça, que nunca escapóle.

É ainda processo indigena, que se conhece de diversas especies—taes como o *mundé arutaca* e o *mundé pica*—este de apanhar vivo os passarinhos, diz Beaurepaire Roham; mas me parece vem a ser *arapúca*—uma especie de cesto feito de varas e canniços leves, em fórma de pyramide, armada pelo mesmo processo e funcção do pinguelete, usado n'aquella armadilha.

Para se arrancar um tatú do buraco pelo rabo, não é sufficiente a força de um homem; porém facilimo será, se se introduzerim-lhe no anus um pausinho que provoque cocegas, ou mesmo... o dedo...

Uma Tatuira bem preparada é uma delicia; porém nem todos sabem preparar-lhe a carne tão alva e saborosa como nenhuma outra. Morto o animal deve-se mettel-o logo n'um brazeiro ou burrinho quente até *sapecar* bem a superficie do casco, que deve ficar quasi carbonisado, deixando o interior por assar. Isto feito, deve-se abrir-lhe a barriga, estripal-o e arrancar-lhe o casco, que, ainda quente, se desprega sem esforço algum, sahindo inteiro. Posto então de vinha d'lho de um dia para outro, pode-se fazel-o do modo que se quizer—cosido, ensopado com arroz ou moqueado simplesmente.

Quanto a mim prefiro-o moqueado no espeto e temperado apenas com molho de salmoura e pimenta malgueta ou de cheiro a medida que fôr assando no moquem.

Convém dizer que toda a caça do matto bem como os peixes d'agua doce, principalmente os de couro—como o scrubiu, o gahu e congeneres não deve levar sal para a sua conservação antes de entrar para a pannela, mas sim limão, pimentas, alho, cebola e outros temperos que lhes tirem o *pitiu*.

O processo de moquear sabe bem não só ás caças como aos peixes, que os indigenas preparam envolvidos em folhas verdes de bananeira, ou de soróroca, debaixo d'um borrarho quente, d'entro d'uma cava coberta de brasedo e borrarho.

Esta cava tem a profundidade de tres palmos, e d'entro e que se fazem o fogo, cujo valor serve para assar o peixe, que assim preparado tem o nome de *muquéca*.

---

# INDICE

	Pag.
Carta para servir de prologo. . . . .	I
Advertencia. . . . .	9
— —	
I	
Armas e munições de caça . . . . .	17
II	
Cães de caça . . . . .	41
III	
A caça aos veados. . . . .	67
IV	
A caça ao tapir . . . . .	95
V	
A caça aos queixadas e taitetés . . . . .	107
VI	
A caça as perdizes e cadornas. . . . .	115
VII	
Caças campestres. . . . .	123
VIII	
Aves de pic, caça. . . . .	131

	IX	
A caça ao jaguar. . . . .		137
	X	
As caças miudas . . . . .		151
	XI	
A caça ás pacas, cutias e coelhos. . . . .		159
	XII	
Caças Ribeirinhas . . . . .		165
	XIII	
Araras, papagaios, maitacas e periquitos. . . . .		179
	XIV	
A caça aos tatús . . . . .		185

**DOMINGOS DE MAGALHÃES** -- Editor-proprietario.

**Ultimas publicações**

DA

*LIVRARIA MODERNA*

---

# **MOCIDADE MORTA**

ROMANCE MODERNO, DE

**GONZAGA DUQUE**

(1º volume da Collecção Côr de Rosa)

1 grosso volume com capa illustrada 4\$ pelo correio 5\$.

---

# **CAÇA NO BRASIL CENTRAL**

UTIL LIVRO PARA OS AMADORES DE CAÇA, DE

**HENRIQUE SILVA**

(1º volume da Collecção Util)

1 grosso volume com capa illustrada 4\$ pelo correio 5\$.

---

# **O CONTRABANDO**

LIVRO PARA OS EMPREGADOS DE FAZENDA, DO

**DR. A. O. VIVEIROS DE CASTRO**

(1º volume da Collecção Magalhães)

1 grosso volume com capa illustrada 4\$ pelo correio 5\$.

---

# **RIMAS DE OUTR'ORA**

2ª EDICÇÃO AUGMENTADA, PELO

**DR. AFFONSO CELSO**

(3º volume da Collecção Brasileira)

1 bello volume com capa illustrada 1\$ pelo correio 1\$500

---

**Livraria Moderna, rua do Lavradio 126**

# COLLEÇÃO BRASILEIRA

Publicação mensal de originaes brasileiros  
dos mais populares autores

Volumes com capa illustrada por Julião Machado,  
impressa a duas côres, 1\$; pelo correio, 1\$500

---

Só estão publicados os vols. numerados

1—**Por montes e valles**, excursão a Ouro Preto,  
de Coêlho Netto.

2—**O Ermitão de Muquem**, de B. Guimarães.

3—**Rimas de Outr'ora**, Affonso Celso.

4—**Os Farrapos**, scenas da Guerra do Rio Grande  
do Sul de O. Bello.

**Ao Sol do Sertão**, de Vianna Ribeiro, com  
um bello prefacio de Coêlho Netto

**Memorias de um Sargento de Mil-  
cias**, (2. ed.) por M. A. d'Almeida.

**Georgicas**, de Coêlho Netto.

**Familia Medeiros**, de Julia L. de Almeida.

**Encarnação**, de José de Alencar.

**Lucrecia**, de Hugo Leal.

**O Filho do pescador**, de Feixeira de Souza.

**Mosaico**, de Coêlho Netto.

**Lulsinha**, de Araripe Junior.

**Espumas Flutuantes**, de Castro Alves pre-  
facio de Affonso Celso.

---

Pedidos: devem vir acompanhados da sua importancia  
e mais 500 rs. por volume para porte e registro,  
dirigidos em vale postal ou carta registrada ao

Editor-proprietario — DOMINGOS DE MAGALHÃES —

126 RUA DO LAVRADIO 126 — Rio de Janeiro





**DOMINGOS DE MAGALHÃES** -- Editor- proprietário

Ultimas publicações

DA

**LIVRARIA MODERNA**

---

# **MOCIDADE MORTA**

ROMANCE MODERNO, DE  
**GONZAGA DUQUE**

(1º volume da Collecção Cór de Rosa)

1 grosso volume com capa illustrada 4\$ pelo correio 5\$.

---

# **CAÇA NO BRASIL CENTRAL**

UTIL LIVRO PARA OS AMADORES DE CAÇA, DE  
**HENRIQUE SILVA**

(1º volume da Collecção Util)

1 grosso volume com capa illustrada 4\$ pelo correio 5\$.

---

# **O CONTRABANDO**

LIVRO PARA OS EMPREGADOS DE FAZENDA, DO  
**DR. A. O. VIVEIROS DE CASTRO**

(1º volume da Collecção Magalhães)

1 grosso volume com capa illustrada 4\$ pelo correio 5\$.

---

# **RIMAS DE OUTR'ORA**

2ª EDICÇÃO AUGMENTADA, PELO

**DR. AFFONSO CELSO**

(3º volume da Collecção Brasileira)

1 bello volume com capa illustrada 1\$ pelo correio 1\$500

---

**Livraria Moderna, rua do Lavradio 126**